

Um 25 de Abril sem polémicas oficiais

PAX SOARES

Se alguém pensava o contrário, enganou-se: Mário Soares — a principal vítima dos discursos de 25 de Abril enquanto Primeiro-Ministro — rejeitou a «receita» do seu antecessor. As grandes polémicas do momento político, das cargas da PSP aos «casos» Cadilhe e Beleza, estiveram ausentes nas suas intervenções de ontem. «Pax» Soares... mas por quanto tempo?

Págs. 2,3 e 4

**ELEIÇÕES EM SINDICATO FULCRAL****SEGUROS DO SUL: UM NOVO TESTE AO FUTURO DA UGT**

O Sindicato dos Seguros e Regiões Autónomas vai amanhã às urnas. Trata-se de um sufrágio cuja importância ultrapassa a da mera escolha dos dirigentes daquela organização. Na verdade, joga-se aqui o futuro da UGT, não tanto pela importância económica do contributo do Sindicato dos Seguros do Sul mas mais pela seu significado estratégico: Torres Couto ainda é o director e está a ser estruturado um concorrente no sector, por iniciativa dos TSD's.

Págs. 12 e 13

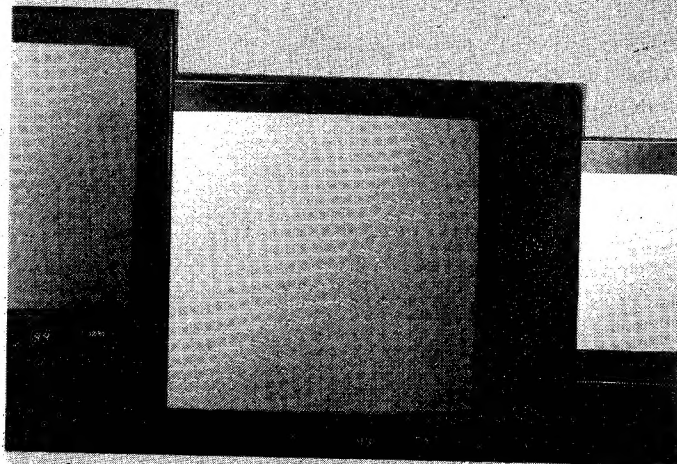
**FUTEBOL: GOLO EM ALMEIRIM ANIMARÁ MAIORES PARA A LUZ?**

Em Almeirim, foi assim: o magro tento de Filipe (camisa 10) chegou para os nossos «sub-21» baterem os luxemburgueses, fazendo a apresentação nacional da turma mundial. Hoje, o osso é bem mais duro: chama-se Suíça, temos uma ligação nada fértil em êxitos e, pelas 21 e 30 horas, no Estádio da Luz, vamos apresentar uma formação depauperada

Págs 18 e 19

A EUROPA RADICAL REUNIDA NA HUNGRIA

Reportagem do enviado do «DL» na pág. 14

LOEWE.

Representante Continente e Ilhas

PORTO
Tel.: 951 50 03

SGO

LISBOA
Tel.: 77 78 24

NA VOLTA GALP A PORTUGAL COM O PATROCÍNIO: RENAULT PORTUGUESA



Soares na RTP: um Presidente sem polémicas

Um discurso cuidadoso e moderado, próprio de um «Presidente de todos os portugueses» caracterizou a entrevista concedida ontem pelo chefe de Estado, Mário Soares, ao programa que a RTP dedicou à evocação do 25 de Abril. Na realidade, o Presidente da República excusou-se a comentar os assuntos «quentes» e polémicos da actualidade, especialmente no que se refere às movimentações sindicalistas da PSP e aos acontecimentos de sexta-feira passada, no Terreiro do Paço.

«Não me devo acrescentar à polémica, devo apaziguar a polémica», afirmou Soares, considerando que existem assuntos que não devem ser resolvidos na praça pública, mas sim nos bastidores. No entanto, o Presidente prometeu que intervirá «na altura certa», quando já não se tratar de «uma matéria quente».

Muitos foram, porém, os assuntos em foco durante a conversa. A nível das questões nacionais, o chefe de Estado foi instado a pronunciar-se sobre a política de educação, defendendo a existência de uma disciplina de educação cívica no ensino secundário, de modo a que os jovens possam «interiorizar a democracia».

Mário Soares lamentou a prisão de Otelo Saraiva de Carvalho, apelando aos portugueses para que não esqueçam o seu papel na revolução de Abril. Quanto à descolonização e à situação actual das antigas colónias portuguesas, o Presidente considerou que aquele processo decorreu «com 20 anos de atraso», e as suas deficiências foram da responsabilidade do regime anterior. «O radicalismo de alguns dos novos países africanos lusófonos explica-se pela intransigência de Salazar-Marcello que os atiraram para campos contrários», afirmou.

No que diz respeito à situação internacional, Soares declarou acreditar que a paz e a liberdade estão em progresso em todo o mundo. Em particular destacou esteve a perestroika em curso na União Soviética e Gorbachov, que o Presidente classificou como «um homem sincero».

Interrogado sobre se continua a ter as mesmas convicções da juventude, Mário Soares resfirmou-se «completamente socialista e com o mesmo entusiasmo dos 17 anos». Mas, na sua pose de «Presidente de todos os portugueses», acrescentou logo de seguida: «Não pretendo impor o meu socialismo a ninguém».

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL



No desfile militar da Avenida da Liberdade

AGENTES DA PSP FORAM OS «HERÓIS» DA FESTA

Dina Soares

Foto de Rui Vasco

É natural e comum que em qualquer desfile militar a população aplauda os seus heróis. Habitualmente estes são personificados pelos «bravos soldados», mas ontem, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, durante a parada de forças militares e de segurança integrado nas comemorações oficiais do 25 de Abril, eles eram nem mais nem menos que os agentes da Polícia de Segurança Pública (PSP). Os polícias - quer na formação apeada quer na motorizada - foram, aliás, os únicos a receberem as palmas das centenas de pessoas que se acumulavam nos passeios para ver passar o desfile.

Eles foram os «heróis» não apenas durante a cerimónia mas também antes de esta começar. Enquanto desciam a avenida as pessoas, que habitualmente mantêm uma certa distância dos agentes da autoridade, aproximavam-se deles para conversar, para lhes fazerem perguntas sobre os acontecimentos de sexta-feira passada, para lhes expressarem a sua solidariedade. Mesmo se não tivessem outro significado, os lamentáveis incidentes do Terreiro do Paço serviram para relembrar à população que os polícias também são pessoas, também são trabalhadores, coisa de que o Governo parece não ter ainda compreendido.

Mas nem só de polícias viveu o desfile. Durante uma hora, cerca de dois mil homens (e mulheres) pertencentes às Forças Armadas e de segurança e 300 veículos concentraram-se na Praça Marquês de Pombal para em seguida descerem pomposamente a principal artéria da capital. Perfilados a rigor, atravessaram a avenida em passo de marcha companhias e batalhões representantes de diversas unidades militares, da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal e da PSP.

As formações apeadas seguiram-se os veículos motorizados, pintados e engalanados para o efeito, numa tentativa de disfarçar a «respeitável idade» do material. Ausentes, por força das circunstâncias,

estiveram os mais pesados carros de assalto das Forças Armadas portuguesas. É que, com todo o seu

peso, arriscavam-se a estragar o pavimento da avenida.

Antes das forças motorizadas, 26 aviões Corsair A-7 e Fiat G-91, provenientes das bases aéreas de Monte Real e do Montijo, sobrevoaram duas vezes a Avenida da Liberdade, para grande susto dos pombos, pouco habituados a tão forte e barulhenta concorrência. O desfile terminou com os garbosos cavalos da GNR a descerem em passo de trote, deixando uma imagem de grande beleza complementada com um cheiro muito

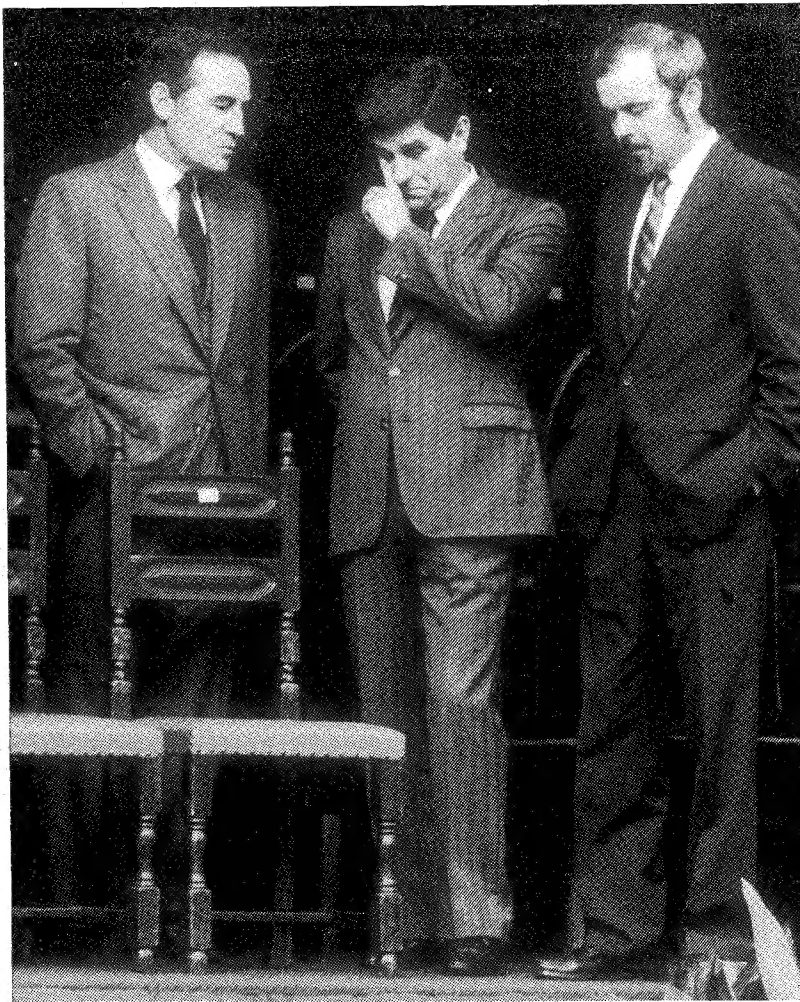
menos agradável. **Militares de Abril ficaram em casa**

A assistir à festa estiveram o Presidente da República, o presidente da Assembleia da República, o primeiro-ministro e vários membros do seu Governo, o chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas e os responsáveis dos três ramos militares, representantes de todos os partidos com assento parlamentar, à excepção do PCP, e elementos do corpo diplomático acreditado em Lisboa. Curiosamente, os militares de Abril estiveram ausentes da cerimónia.

Outra nota digna de referência foi o facto de o CEMGFA não ter proferido qualquer discurso. Numa estratégia do «mais vale prevenir que remediar», os altos comandos do Governo impuseram, este ano, silêncio aos altos comandos militares, não fosse Soares Carneiro «repetir a graça» do seu antecessor Lemos Ferreira que, em anos anteriores, aproveitou a ocasião para criticar a política do Executivo no que respeita às Forças Armadas.

O novo CEMGFA limitou-se, assim, a escrever uma curta mensagem que foi lida em parada, em todas as unidades do país. Num mero discurso de circunstância, Soares Carneiro recordou que «graças às Forças Armadas vivemos hoje numa democracia estabilizada, de acordo com as tradições e valores do Ocidente».

O responsável máximo militar em tempo de paz apelou ao desenvolvimento daquela componente «no interesse nacional», considerando que «os gastos públicos com a defesa encontram plena justificação». A missiva terminava com a exaltação dos «deveres pátrios» e da sua importância na vivência democrática.



SOARES DEFENDE COMUNICAÇÃO SOCIAL «NO APROFUNDAMENTO DA DEMOCRACIA»

Dina Soares e Paula Sa

Foto de Rui Vasco

O Presidente da República acalmou ânimos e defraudou expectativas. O seu discurso evocativo do 15º aniversário do 25 de Abril, proferido ontem na Assembleia da República, era aguardado com alguma curiosidade pelos meios políticos, que ainda não esqueceram a mensagem acutilante que Mário Soares lançou no início do ano. Os motivos possíveis de crítica abundam, mas o chefe de Estado parece não ter achado ser este o momento exacto para «chamadas de atenção» ao Governo. Preferiu o discurso de circunstância, onde exaltou o Portugal de Abril com o rosto voltado para a Europa Comunitária.

A nota mais «provocadora» da missiva presidencial terá sido a sua referência à «defesa de uma comunicação social livre e responsável» como forma de «aprofundar a nossa vivência democrática e de enraizar na sociedade portuguesa uma cultura de diálogo, de tolerância e de concertação».

O carácter de que se reveste esta breve nota do Presidente Soares em prol da comunicação social ganha relevo face ao comunicado emitido, no passado domingo, pela Comissão Política Distrital de Lisboa do PSD no qual os jornalistas são acusados de se comportarem como «verdadeiros agentes da oposição». A referência foi largamente aplaudida pelos presentes (à excepção dos comunistas) e, curiosamente, quem começou a bater palmas foram os deputados da bancada da maioria.

Mário Soares proferiu o seu discurso perante uma assembleia de cravo vermelho ao peito - apenas os deputados do CDS e do PSD não optaram por aquela flôr - onde estavam representadas as mais altas autoridades civis, militares e religiosas. O Provedor de Justiça, Almeida Ribeiro, o coronel Costa Brás, o responsável máximo da Alta Autoridade Contra a Corrupção, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, o chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, general Soares Carneiro, o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim e o antigo Presidente da República, o general Ramalho Eanes, eram algumas das personalidades presentes.

«Desigualdades e manchas de pobreza»

O discurso de ocasião não impediu Mário Soares de apontar as dificuldades da sociedade portuguesa. Considerando que «subsistem em Portugal enormes desigualdades e significativas manchas de pobreza», o Presidente da República apelou também para a necessidade de ter em conta a defesa do meio ambiente e a justiça social no processo de desenvolvimento.

A tónica da mensagem presidencial residiu contudo no desafio que Portugal enfrenta face à concretização do Mercado Único de 1992. Em sua opinião, «a economia portuguesa sofre ainda de uma grande vulnerabilidade estrutural, longe de estar vencida, e que pode pôr em causa o êxito da nossa plena integração no processo de internacionalização».

A este propósito, Mário Soares lembrou «os pesados sacrifícios impostos

no passado para corrigir desequilíbrios económicos insustentáveis», salientando que nos próximos anos o desafio essencial será a modernização da economia. «Importa, por isso, pormo-nos de acordo - agentes económicos e Estado - por forma a defender da melhor maneira os interesses portugueses, contribuindo, nomeadamente, para a formação de grupos económicos nacionais, sólidos e competitivos».

A vertente cultural foi igualmente mencionada numa perspectiva um tanto negativa. «Ainda não conseguimos vencer, apesar dos esforços desenvolvidos, a decisiva batalha da educação, da investigação científica e da cultura». Apesar de tudo, o chefe de Estado seria optimista ao considerar que «Portugal tem hoje condições, capacidades e recursos para vencer os desafios do progresso e do desenvolvimento», apelando ainda à criação de «áreas de consenso sempre que esteja em causa a prossecução e realização de grandes objectivos nacionais».

Finalmente, Mário Soares salientou a importância da criação de uma Europa social, de uma Europa dos cidadãos, como componente essencial do Mercado Único que, em seu entender «não pode ciscunscrever-se à liberdade de comprar e vender, de investir e consumir».

Africa lusófona presente nas comemorações

Inovação nas comemorações do aniversário da revolução foi a presença de Carmen Pereira, presidente da Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, em representação dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa. No discurso que proferiu na Assembleia da República, a responsável guineense exaltou «a vontade política» de promover uma cooperação entre Portugal e as antigas colónias que «corresponda ao grau de afinidade forjada ao longo de séculos de convívio comum».

Expressando o desejo de que o nosso país contribua de forma relevante para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, Carmen Pereira lembrou, a propósito, a visita de Cavaco Silva àquela nação africana e os vários acordos então assinados.

A presidente do Parlamento guineense - que falou quase sempre em nome dos países africanos lusófonos - referiu-se aos efeitos nocivos da actual ordem económica internacional sobre os países em vias de desenvolvimento e às medidas que têm sido tomadas para os ultrapassar.

O processo negocial entre Angola, Cuba e a África do Sul, sob mediação dos Estados Unidos, foi motivo de congratulação por parte de Carmen Pereira que frisou também: «Continuamos confiantes no êxito final das justas reivindicações do povo namibio à autodeterminação e independência».

Neste espírito, a responsável guineense lembrou ainda a questão de Timor-Leste - «sobre a qual paira ainda uma cortina de silêncio afastada da corrente positiva de diálogo e concertação» - pondo em relevo a figura do «Portugal democrático» como «uma das vozes que se tem levantado em condenação à violação dos direitos mais elementares do povo daquele território».

Parlamento quer ir a Timor-Leste

O problema timorense - esquecido no discurso de Mário Soares - foi igualmente abordado pelo presidente da Assembleia da República. Vítor Crespo referiu o empenhamento daquele órgão de soberania, em consonância com o Presidente da República e o Governo em encontrar uma solução para Timor-Leste.

«Continuamos a trabalhar na possibilidade de uma delegação parlamentar se deslocar a Timor-Leste na convicção, e nas condições, de que uma tal iniciativa contribua para a resolução do problema», afirmou. A mesma esperança foi manifestada relativamente à actual situação da discriminação racial e apartheid que ainda se vivem actualmente no continente africano.

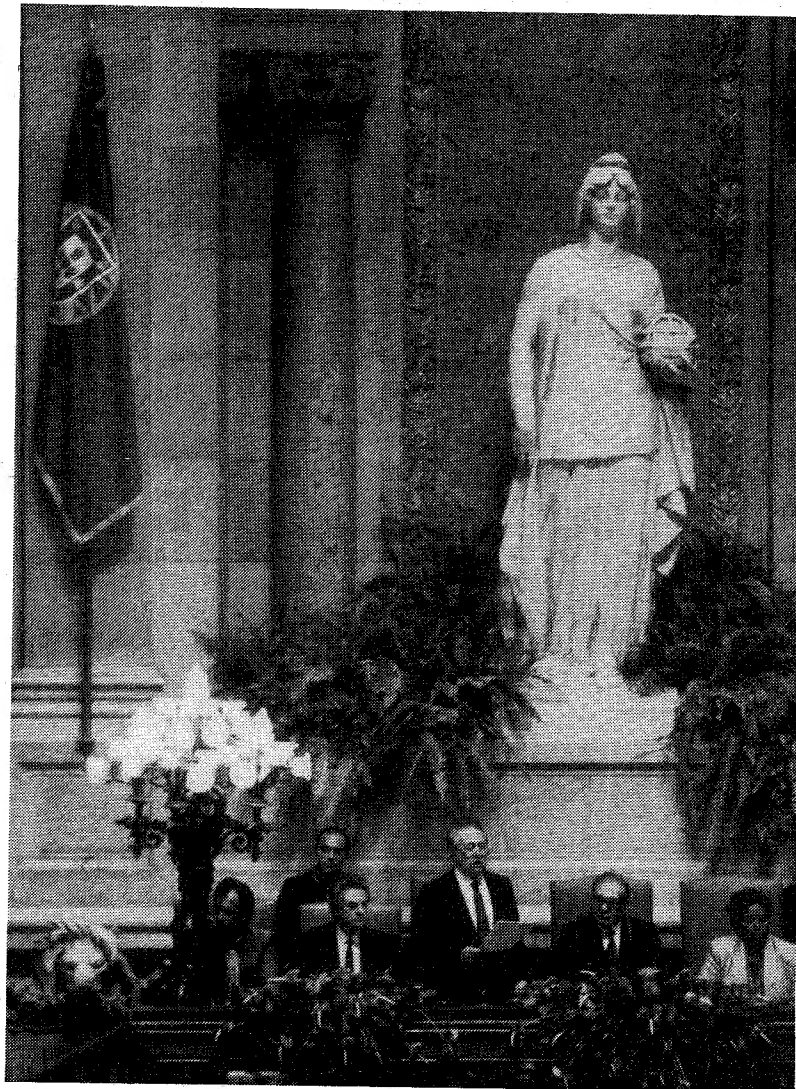
O agradecimento de Vítor Crespo aos militares de Abril - que «souberam realizar os anseios da Nação» e que «com dignidade quiseram integrar-se nos lugares que lhe cabem no regime democrático» - «subiu» até à bancada central do Parlamento onde muitos deles se encontravam a assistir à sessão solene.

O presidente do Parlamento lembrou o facto de este aniversário se celebrar no meio de um processo de revisão constitucional, que «tem como objectivo primeiro adequar a Lei Fundamental às necessidades do presente e, acima de tudo, às exigências do futuro». Segundo Vítor Crespo, «impunha-se que a Constituição não fosse, ela própria, entrave ao desenvolvimento do Portugal comunitário».

O filósofo e os jovens

A Assembleia da República tinha começado a prestar a sua homenagem à «Revolução dos Cravos» logo na segunda-feira, dia 24. Os representantes mais jovens dos partidos com assento parlamentar e o filósofo Agostinho da Silva foram os oradores desta sessão, à qual se seguiu um jantar oferecido no átrio do Parlamento e um espectáculo com o Orfeão dos Antigos Estudantes de Coimbra, na Sala do Senado.

Considerando o 25 de Abril como «talvez o dia mais fundamental» que passou desde o seu regresso a Portugal, Agostinho da Silva apelou à «consolidação do sonho para que Portugal se restitua a si próprio». O pensador português evocou os descobridores portu-



gueses para quem «o mais importante não era o dinheiro, era a aventura e o sonho».

O tempo das descobertas foi uma constante no discurso do filósofo que, no entanto, se referiu também ao presente e ao futuro, considerando que «vão surgir muitos problemas no mundo e aqui em Portugal e é preciso discutí-los, o que nem sempre vai ser fácil». Para solucionar esta questão, Agostinho da Silva propôs que se criem assembleias de encontro nas esquinas, onde há tanta coisa para discutir.

Carlos Coelho, que falou em nome do PSD, sublinhou a «necessidade de não esvaziar esta data em actos formais nem deixar que ela seja uma oportunidade para macular o património português», apelando ainda para que o 25 de Abril não seja pretexto para querelas partidárias.

Por seu lado, o jovem comunista António Filipe, aproveitou a ocasião para manifestar o repúdio da sua bancada pelos acontecimentos da passada sexta-feira no Terreiro do Paço «que ensombram os valores da data que se comemora». Classificando o 25 de Abril como «uma revolução inacabada», o representante do PCP apelou aos jovens para que acabem com as «distorções» dos valores em causa.

Na sua qualidade de presidente da Juventude Centrista, Manuel Monteiro, afirmou que «não faz sentido requerer a participação dos jovens quando do alto das tribunas nos limitamos a repetir frases». Em sua opinião, o 25 de Abril deve passar pela pergunta «que

Portugal queremos?» e a resposta só pode ser dada com a participação dos jovens.

«Vale a pena reflectir no estado de espírito que enforma um progressivo divórcio entre as novas gerações e o 25 de Abril», afirmou José Apolinário, do PS. Em seu entender, este problema deve-se ao facto de haverem «ao longo de quinze anos esperanças defraudadas, sonhos desfeitos, ilusões que se esfumaram». Apolinário terminou apelando à dignificação da memória colectiva de Abril.

A jovem renovadora Isabel Espada sublinhou que os valores do 25 de Abril «ficam postos em causa se se despreza o diálogo e se vinga a arrogância». Aquela deputada considerou ainda que «não há melhor forma de provar aos Governos que o 25 de Abril é o maior marco da história de Portugal contemporâneo do que oferecendo-lhes aquela parte da revolução ainda por conquistar».

Maria Santos, a deputada ecologista, acusou os adultos de quererem «uns jovens submissos, sujeitos à ditadura do cartão de crédito». A representante de «Os Verdes» apelou à esperança e à vontade, terminando com a afirmação de que «o futuro é de quem sabe sonhar».

Narana Coissoró, deputado centrista, foi o único «menos jovem» a discursar e fez-o sob a forma de aviso: «Seria um verdadeiro suicídio que este enorme e esperançoso designio degenerasse numa autocracia estreita e fria, ainda de que fachada democrática».

Descemos a Avenida no dia certo e a horas certas

«JÁ O TEMPO SE HABITUA A ESTAR ALERTA...»

Paulo Martins

Fotos de Rui Vasco

Ontem foi 25 de Abril, o dia que fez 15 anos mas ainda agora começou. Ontem descemos a Avenida de cravo vermelho sem nos darmos conta de que descemos a Avenida a horas certas, como dizia o Zé Mário Branco. Cumprimos a evocação de Abril de mãos dadas, sorrisos e discursos solenes. Zeca Afonso acompanhou-nos: é dele o título e uns quantos apartes versegantes desta prosa.

Faltava menos de meia hora para o início do desfile entre a Rotunda e o Rossio, em Lisboa. Eu desembainhava o caderno de apontamentos para a reportagem, quando um amigo me atirou, num acesso de desencanto: «Não tarda uns anos e o desfile do 25 de Abril torna-se uma comemoração da Batalha de La Lys». Respondi-lhe com um «talvez...» entre dentes. E parti.

A Avenida tinha o movimento dos dias de festa. Entre o pai que aproveita o feriado para levar a criança a passear e o «manifestante», talvez nem o cravo ao peito fosse diferente. Como há um ano - há dois... - a réplica do chaimite «comandava», de miudagem a bordo. Como há um ano - há dois... - a Esquerda esquecia os ínvios caminhos da política quotidiana para caminhar de braço dado uns quantos quilómetros. Apesar de tudo, o 25 de Abril ainda une. Mesmo como data «romântica», como mais tarde diria Marques Júnior, a todos ele recebe no mesmo tecto.

(Em terras/ Em todas as fronteiras/ Seja bem-vindo quem vier por bem/ Se alguém houver que não queira/ Trá-lo contigo também)

Abril de 89 é mês do 15º ano da Revolução. A obra de uns quantos jovens capitães enebriu de sonhos e esperanças um povo inteiro. Hoje, rugas na face, a sua farda é a dos guardiões do templo. Mas sentem-se metidos numa redoma de vidro. Por isso Vasco Lourenço recusa «loas e elogios», a elas preferindo uma «actuação coerente com os ideais de Abril». Por isso (quase) todos os discursos denunciaram os desvios ao ideal, a democracia apressada-

mente vestida de roupagens formais - ternos eleições, o povo ordena, que mais quereis?

Mais, muito mais! Solidariedade, por exemplo. Respeito pelas minorias. Justiça social. Igualdade. E não um «faz de conta» feito de miragens europeias num «92» sempre adiado, como denunciou Maria Santos.

(Cantai cantai guisos doidos dos sinos/ Os vossos salmos de embalar meninos/ Cantai bichos da treva e da opulência/ A vossa vil e vã magnificência)

Mas Abril de 89 é também o mês em que uma voz no coro do poder se ergueu clemente para com Otelio. O estatuto da Revolução ganhou assim o estatuto de ausente sempre presente no desfile de ontem. E Soares Carneiro o de reverso da medalha, vaiado no que de direita militar e compromisso com o antigo regime simboliza.

Com maior ou menor sinceridade, nem uma só das solenes intervenções deixou de evocar Otelio. Para exigir uma amnistia imediata com os companheiros, ou, simplesmente, para... não ficar atrás. Aliás, um grupo de manifestantes dentro do enorme desfile clamava insistentemente pela sua libertação, o que levou os dinamizadores a apresentarem uma moção formal nesse sentido, independente das nobres palavras de apreço que antes e depois se ouviram.

Em Tomar, Otelio Saraiva de Carvalho ouviu as «preces» daqueles «fiéis». Sabe, no entanto, que não está nas mãos deles dar-lhe de novo a liberdade, a imagem da «rua» evocada pelo major Tomé. Em Portugal os «preventivos»

podem tornar-se definitivos...

(Por trás daquela janela/ Faz anos o meu amigo/ E irmão! Não pôs cravos na lapela/ Por trás daquela janela/ Nem se ouviu nenhuma estrela/ Por trás daquele portão)

E Abril de 89 ficará na história, ainda, por ser o mês em que o poder atirou polícias contra polícias, por lutarem por direitos sindicais que toda a Europa concede. Há quem diga que o estúpido gesto de sexta-feira «salvou» esta comemoração do 25 de Abril. Mesmo o mais indiferente talvez tenha percebido que algo está a mudar. Lenta, imperceptivelmente para muitos, mas ainda assim a mudar com segurança.

Não fosse o cenário de velhos tempos no Terreiro do Paço e talvez a multidão não tivesse saudado com palmas o desfile militar da manhã de ontem. E talvez muito menos de entre nós tivessem descido a Avenida e gritado palavras de ordem apenas aparentemente refrescadas como «Somos muitos, muitos mil, para continuar Abril».

Prudentemente, como disse Francisco Louçã, um «ministro caceteiro» confiou em cães-polícias. Mas só venceu aquela batalha. A causa sindical da polícia, essa, ganhou a simpatia da população, precisamente porque a emenda do ministro foi pior do que o soneto.

(Ao cair da madrugada/ No quartel da guarda/ Senhor general/ Mande embora a sentinela/ Mande embora e não lhe faça mal)

Medo. Afirmou José Apolinário que a palavra está a chegar de novo ao quotidiano. Indiferença. Teme-se que seja a maior amiga da inversão de valores e diversos intervenientes chamaram a atenção para ela. «Se não nos pomos a pau», sublinhou Vasco Lourenço, «arriscamo-nos a acordar com outro Rapazote a tentar tratar-nos da saúde».

Porém, continuar Abril é hoje defendê-lo. E defendê-lo não passa apenas por «palavras bonitas em ocasiões solenes», como afirmaram Rui Grácio e Marques Júnior. Passará pela denúncia

quotidiana dos atentados ao seu espírito, pelo combate à «ditadura da maioria» que se instala. Pelo despertar de consciências, antes que seja tarde.

(O que faz falta é animar a malta/ O que faz falta/ O que faz falta é acordar a malta/ O que faz falta)

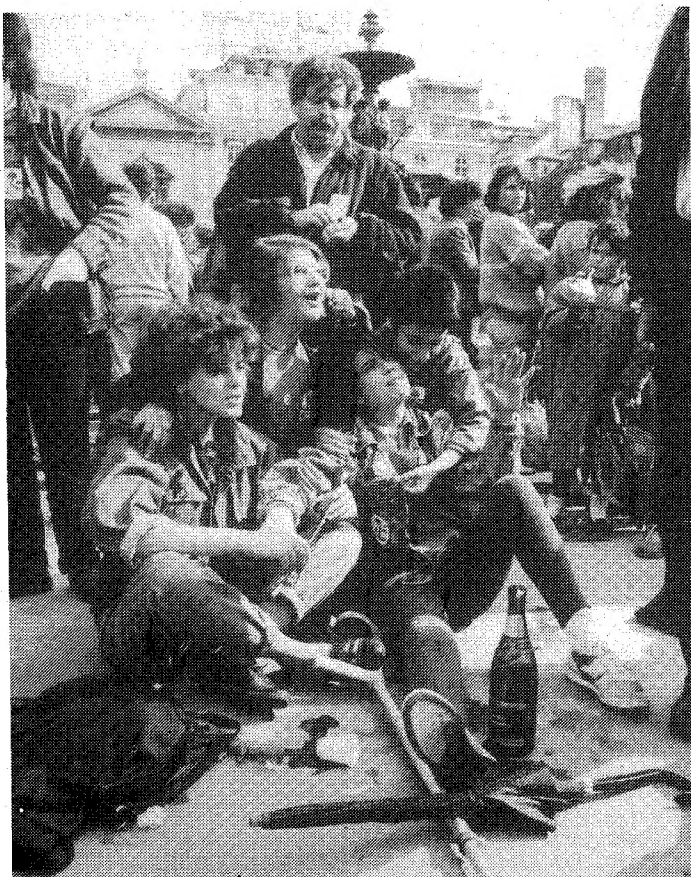
Despertar as consciências porque, como disse Francisco Louçã no discurso que marcou a diferença na tarde de ontem no Rossio, «nem tudo cabe na União Nacional cor de laranja». Cabe o tal ministro caceteiro. Cabe uma ministra da Saúde que qual Rei Midas tudo transforma em ouro (para os amigos). Cabe um coitado de um ministro das Finanças de telefone sob escuta porque

todas as polícias secretas do mundo querem saber a taxa de juro do próximo ano e a melhor forma de usufruir dos serviços da Guarda Fiscal à borla.

«Tudo cabe, menos nós. Ou pode mais mais Soares Carneiro do que o 25 de Abril?», interrogou, completando: «25 de Abril foi há 15 anos. Ainda agora começámos».

Talvez o meu amigo não tenha razão. Talvez cada dia 25 não seja comemoração da Batalha de La Lys. Talvez a juventude posse (re)começar Abril, (re)inventar Abril. A gente ajuda. Para já, dando voz ao Zeca, para terminar.

(A gente ajuda! Havemos de ser mais/ Eu bem sei! Mas há quem queira! Deitar abaixo/ O que eu levantei)



17 anos, estudante: ele esteve no desfile

Usa brinco, boina negra, penteado modernista. O olhar de menino «diz» que tem 17 anos. Ele desceu a Avenida «não representando ninguém», embora lado a lado com juventudes partidárias. É filho de militante de um partido de esquerda e talvez por isso possa ser, infelizmente, a imagem mais fiel da juventude que participou no desfile.

Rui Manuel Batista, estudante do 10º ano, está ao pé da gente com quem se «sente bem», mas tem consciência de que a juventude, hoje, está «muito dispersa. Já tem aquilo que os pais conseguiram - liberdade - e pensa que está tudo feito. Não se mobiliza para nada». Por si, não se sente livre, não senhor. Porque, mesmo entre os jovens, «quem faz algo de diferente é logo repreendido».

Também por isso está aqui, «para homenagear os que lutaram em 1974», ele que se habituou a ouvir Zeca e Adriano e a frequentar ambientes onde a política (ainda) era discutida. E hoje já não é assim, na juventude? Que não. Falta união, é só música. E ele, que gosta de música e até se confessa dado às artes, pensa que não chega. E pensa que a juventude está demasiado separada em grupos, «como os «skinheads», que são de extrema-direita e filhos de pais ricos».

A luta contra a Lei de Acesso, é verdade, talvez a tenha acordado. Com causas concretas poderá ganhar-se em mobilização. Da escola do Rui, a Vitorino Nemésio, em Chelas, até saiu uma manifestação. O que sobretudo causou a revolta dos jovens - diz ele - foi o facto de ninguém os ter ouvido. Mas terão eles ânimo para continuar a batalha? Dito de outra forma: estará a juventude sensibilizada para continuar Abril? Ou também está condenada a descer a Avenida no Dia da Liberdade de cartaz em punho, citando os seus direitos constitucionais?



Segunda-feira foi dia agitado no TC

Cinco partidos da Oposição entregaram listas ao PE

Diversas forças políticas entregaram na passada segunda-feira, no Tribunal Constitucional, as suas listas de candidatos ao Parlamento Europeu. Os partidos que escolheram a véspera do 25 de Abril para formalizarem as suas candidaturas foram o PS, o CDS, o PPM, a UDP, a FER (Frente de Esquerda Revolucionária) e o POUS.

João Cravinho, número um da lista socialista, declarou na ocasião que o seu partido «tem soluções concretas para os problemas dos portugueses e é nessa base que se apoiará a campanha para as europeias». Acusando o Governo de comprometer a integração plena de Portugal na CEE, o cabeça de lista do PS citou «as restrições ao crédito, as taxas de juro que tornam o investimento impossível e a subida constante da inflação» como exemplos do que considera serem as «descrepâncias» entre Portugal e a Europa.

Entretanto, continua a aumentar o descontentamento dos socialistas madeirenses face à não inclusão de nenhum dos seus elementos em lugar elegível para o PE. Após o secretário-coordenador regional e presidente da Comissão Política da estrutura socialista da região, Emanuel Jardim Fernandes, ter posto, na segunda-feira, o seu cargo à disposição, alguns dos seus colegas estão agora a considerar a hipótese de lhe seguirem o exemplo.

De acordo com a Agência Lusa, alguns membros do Secretariado Regional do PS, incluindo deputados, poderão pôr em breve abandonar os cargos, numa manifestação de solidariedade para com Jardim Fernandes. Entre eles, conta-se o vice-líder parlamentar, Carlos Fino e o deputado insular, António Jorge Pestana.

A própria participação dos socialistas madeirenses nas eleições europeias poderá ver-se comprometida. A questão vai ser discutida na reunião que a Região Nacional vai ter lugar no próximo sábado no Funchal. No encontro, poderá ser decidida a retirada do nome de António Trindade, candidato madeirense que actualmente ocupa o 15º lugar, caso ele não desça para 11º como esteve inicialmente previsto.

Último dia: o mais concorrido

Lucas Pires foi o centrista que entregou no TC a lista centrista às europeias.

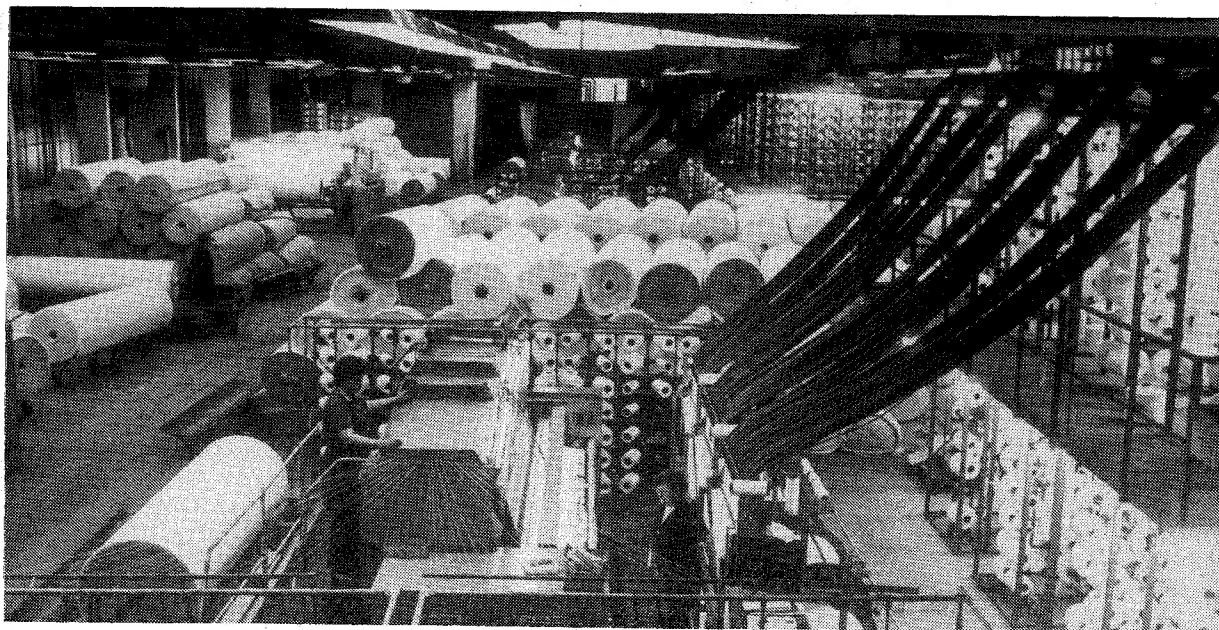
À saída, o cabeça de lista do CDS declarou que a campanha do seu partido será da responsabilidade dos próprios candidatos, «tal como deveriam ser todas as campanhas democráticas». Lucas Pires aproveitou ainda para recordar que o CDS se encontra integrado numa das duas maiores forças europeias, acrescentando ainda que o programa centrista para a Europa será entregue apresentado publicamente antes do início da campanha.

Também o Partido Popular Monárquico escolheu o último dia permitido por lei para formalizar a sua candidatura ao PE. Encabeçada novamente por Miguel Esteves Cardoso, a lista monárquica conta ainda com Luís Coimbra e Graça Lobo da Costa, entre os 24 candidatos.

Embora se continue a manifestar contra a integração de Portugal nas Comunidades, a UDP decidiu igualmente concorrer à Europa. Luís Fazenda, candidato número da lista, declarou na altura da entrega, que o seu partido vai apostar numa campanha de contacto directo e esclarecimento da população. As propostas dos democratas populares basear-se-ão em medidas protecionistas da economia e no nivelamento acelerado das condições de segurança, saúde e trabalho.

A Frente de Esquerda Revolucionária, constituída no mês passado, aproveitou a apresentação da sua lista para afirmar que tanto o actual regime político como o Presidente da República «não prestam». As declarações foram proferidas por Francisco Martins Rodrigues, ex-dirigente do PCP, que classificou o PE como «um clube de empresários europeus e um gigante com pés de barro». Da lista da FER fazem ainda parte o coronel na reserva Varela Gomes, o escritor Carmo Vicente e o ex-dirigente da UDP, Vladimiro Guinot.

A realização de uma greve geral de 24 horas em todos os partidos da Europa é a proposta principal do POUS no seu manifesto eleitoral para a Europa. Carmelinda Pereira, dirigente do partido e número um da lista, encara a candidatura do seu partido «na perspectiva do combate internacional pelos interesses dos trabalhadores europeus». A lista do POUS é integrada, na sua maioria, por operários e sindicalistas.



Indústria têxtil

ACORDO DE LIBERALIZAÇÃO MUNDIAL AMEAÇA INDÚSTRIA PORTUGUESA

A crise do sector têxtil já se desenhava há um certo tempo. O abrandamento do ritmo de crescimento das exportações portuguesas, sensível nos primeiros meses deste ano, e que levou algumas empresas a encerrar, confirma-o. Mas é agora que vão começar os verdadeiros problemas. No Luxemburgo, a Comunidade sancionou ontem um acordo sobre a liberalização do comércio de têxteis e vestuário. Portugal, Itália e Grécia opuseram-se, mas não conseguiram formar uma minoria de bloqueio à decisão.

O acordo é grave para a indústria portuguesa. No entanto, com o seu habitual optimismo, João de Deus Pinheiro ficou satisfeito com o texto aprovado pela Comunidade, em que esta reafirma a intenção de acautelar a situação da indústria comunitária nas negociações da liberalização do comércio mundial de têxteis e de vestuário.

Este texto, que segundo os especialistas nada garante e não é mais que um conjunto de palavras, satisfaz o chefe da diplomacia portuguesa.

«Conseguimos inverter a tendência que se havia desenhado em Genebra, a qual punha em causa 80 mil empregos em Portugal, bem como 15 por cento do total das exportações portuguesas».

Segundo João de Deus Pinheiro, Portugal conseguiu ver garantido que a liberalização do comércio mundial de têxteis (desmantelamento do acordo multifibras) se processará gradualmente e com salvaguarda dos sectores de algumas regiões da Comunidade, como Portugal.

O texto aprovado pelo Conselho admite «eventuais» apoios comunitários à reestruturação e modernização de certas indústrias têxteis comunitárias. A Comissão das Comunidades compromete-se a acompanhar os processos de reestruturação em curso e a apresentar, consoante a sua evolução, propostas adequadas, visando nomeadamente as regiões mais dependentes do sector têxtil.

Mas, por outro lado, o Conselho afirma que as negociações com vista à liberalização, deverão ter como objectivos a abertura generalizada dos mercados de todos os países participantes no comércio de têxteis e vestuário, a harmonização das condições de concorrência (subsídios e «dumping» entre outras) e o desenvolvimento de um mecanismo de salvaguarda transitório adaptado às trocas de produtos do sector.

O cenário de fundo de tudo isto é no

entanto a estratégia das multinacionais que têm feito os seus investimentos em países do terceiro mundo, de mão de obra barata, onde não existem reivindicações laborais significativas. Essa produção tem que ser escoada e os grandes mercados são os Estados Unidos e a Comunidade. Portugal, a partir dos anos 60, conheceu já esse surto de «investimentos». Agora o capital desce cada vez mais para o Sul e precisa de desmantelar as barreiras existentes.

Que reflexos isto pode ter na economia portuguesa? Para se obter uma resposta há que partir desta realidade: o sector têxtil representa 30 por cento do emprego das indústrias transformadoras, 20 por cento do seu valor acrescentado e é responsável por 32 por cento do total das exportações portuguesas.

O optimismo do ministro dos Negócios Estrangeiros parece não ser compartilhado por todos os intervenientes nestas negociações. Uma fonte da delegação portuguesa afirmou à Lusa que Portugal «utilizará todos os meios ao seu alcance, no âmbito da Comunidade Europeia, para proteger a indústria nacional de têxteis e confecções, de uma eventual abertura inadequada do mercado comunitário a produtos de países terceiros».

A mesma fonte acrescentou que o acordo é «inaceitável» e que o texto é desequilibrado relativamente à declaração de Punta del Este, ultrapassa os termos do mandato de negociações atribuído à Comissão Europeia e não está de acordo com as orientações definidas pelo Conselho de Assuntos Gerais em 21 e 22 de Novembro último.

Salienta, por outro lado, que o texto prevê expressamente o desmantelamento do acordo «multifibras» em 1990, no pressuposto de que terminarão nesse ano as negociações que visam a integração do sector têxtil no quadro do GATT.

«Ou seja, o texto de Genebra é omis-

so em relação às modalidades de integração do sector, mas fixa uma data para o fim da negociação das mesmas, a qual, por sua vez, não consta nem do mandato atribuído à Comissão pelo Conselho de Ministros, nem da declaração de Punta del Este».

A Comunidade é acusada também de não ter tido em conta, durante as negociações, a situação da indústria comunitária, bem como as regras gerais da concorrência, as quais não são respeitadas pela maioria dos países seus fornecedores de têxteis, designadamente alguns estados em vias de desenvolvimento.

Em todo este quadro, e face às dificuldades de várias ordens que condicionam a reestruturação do sector, o futuro da indústria têxtil portuguesa tem à sua frente um futuro de previsíveis convulsões.

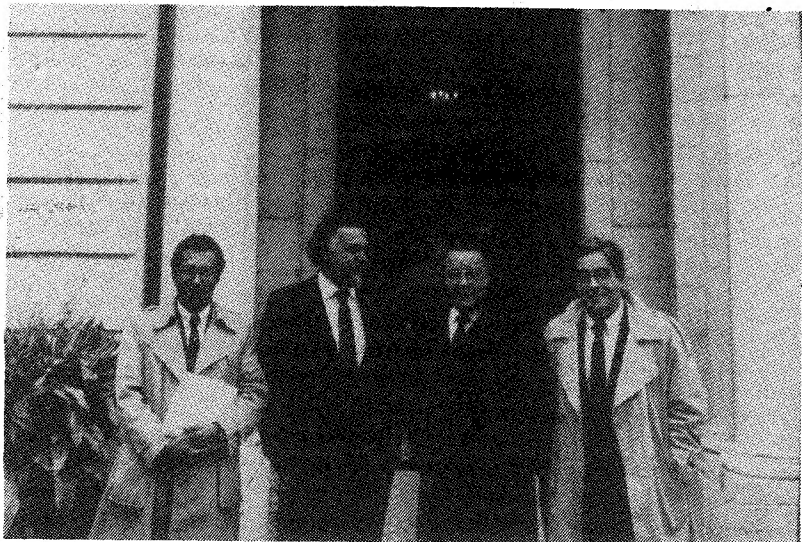
Para o presidente da Associação Nacional das Indústrias Têxteis, Algodoeiras e Fibras (ANITAF), eng. Alberto Costa, mais de metade das empresas, em especial dos subsectores dos lanifícios e algodoeiras, vai desaparecer nos próximos anos.

Na opinião do presidente da ANITAF, o futuro da indústria têxtil nacional será caracterizado por empresas «altamente especializadas e de elevada qualidade», a par de um desaparecimento progressivo de inúmeras pequenas empresas que não irão sobreviver à concorrência de um mercado comunitário totalmente liberalizado.

Nos meios sindicais as preocupações são naturalmente grandes. José Barbosa Mota, presidente do Sindetex, afecto à UGT, culpa industriais e Governo pela situação actual e adverte que, se ambos não se empenharem na reestruturação do sector, os têxteis portugueses vão sentir dificuldades.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal, filiado na CGTP, defende o estabelecimento de um plano de reestruturação global para o sector.

Mas o programa que o Governo está a implementar parece não agradar a ninguém. As associações patronais temem a intervenção do Governo na actividade das suas empresas, enquanto os sindicatos criticam a forma como está a ser conduzida essa reestruturação e a inexistência, até ao momento, de resultados satisfatórios.





Cemitério onde jaz o corpo de Salazar



O exterior da casa de Salazar

100 anos depois

A MEMÓRIA APAGADA DE SALAZAR

Bueno de Matos
Serviço Lusa/«DL»

A escola primária da freguesia do Vimieiro, concelho de Santa Comba Dão, chama-se «Escola Cantina Salazar». É a única referência ao seu mais «ilustre» filho. A escola não foi construída por Salazar. Cá fora, dois meninos da escola não sabem quem foi o ditador. Um deles, na tentativa de ser útil, ainda nos responde: «Salazar? Procure uma das casas mais em baixo, na estrada, à esquerda». É tudo quanto sabem do nome da escola onde andam.

O cemitério do Vimieiro fica já fora da povoação, num lugar ermo, rodeado de pinheiros e vinhas. A uma centena de metros, fechada e também isolada, a igreja de Santa Cruz do Vimieiro.

«A.O.S. 1970», terceira campa

O portão do cemitério está aberto, não há guarda, silêncio absoluto. É um típico cemitério de aldeia da Beira Alta, tornado subitamente bonito pelo sol que despontou. Campas arranjadas, inocentemente, com carinhos familiares. Um ambiente bucólico, mesmo pacatamente confortável.

Imediatamente à esquerda de quem entra, seis campas seguidas, perfiladas, todas iguais na sua pedra granítica, frias, sem qualquer inscrição. Flores velhas, abandonadas. Lagartos ao sol. De repente, num absurdo, o som distinto de sinos a tocar a música de Nossa Senhora de Fátima. É a capela de Santa Cruz do Vimieiro que está equipada com um sistema automático electrónico de dar horas. Para os campos ouvirem.

Lá longe, afinal, há um homem a tratar das vinhas. Onde está Salazar? «Das seis campas à entrada, é a segunda. As outras são dos pais e das irmãs». Não era a segunda, era a terceira. Num dos rebordos da pedra tumular está gravado «A.O.S. 1970». Assim se descobre a campa de Salazar.

«Para a sua terra, Salazar é uma memória apagada. Está de acordo com aquilo que ele foi para a sua terra, uma figura apagada». As palavras são de uma das professoras primárias de Vimieiro, natural da terra, que fala descomplexadamente de Salazar, mas que não se quer identificar. «Não vale

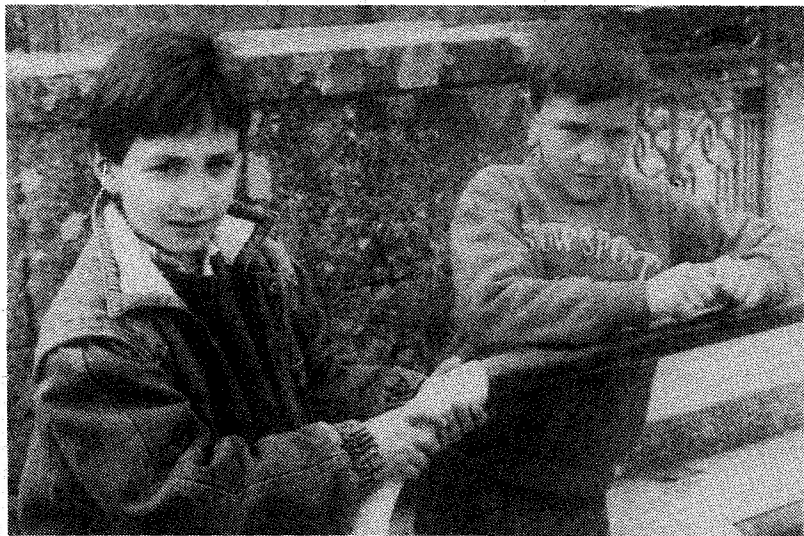
a pena dizer o meu nome. Para quê?» Apesar de tudo, Salazar ainda é memória...

Na opinião do presidente da Junta de Freguesia, José Marques (PSD), que chegou a ser «incomodado pela PIDE», o povo do Vimieiro «é ingrato» ao não se recordar de Salazar.

«Os pais não falam aos filhos de Salazar, ninguém fala nele. Criou-se um complexo a seguir ao «25 de Abril» que prevalece. E é pena», diz.

Percebe-se a intenção do presidente da Junta. Se a casa de Salazar fosse recuperada, o cemitério arranjado, a estátua reerguida, Vimieiro e Santa Comba Dão beneficiariam de outro desenvolvimento.

«Independentemente de tudo, Salazar foi um homem que marcou o País. Ora acontece que nasceu aqui e está enterrado aqui», salienta José Marques.



Dois jovens sem memória do ditador

Diz que já tentou «fazer alguma coisa» mas que foi aconselhado «a estar sossegado».

Os feitores do «senhor doutor»

Manuel Marques Pinto foi feitor da quinta de Salazar durante 24 anos. Agora, com dois filhos criados, ele e sua mulher, Sara Alves de Oliveira, vivem de duas pensões, da Casa do Povo, de 9700\$00 e 10.700\$00, respectivamente.

Se alguém tem, na terra, memórias de Salazar é este casal que com ele privou. Mas até eles têm ao «sr. dr.» uma recordação fria, não se empolgam ao falar de Salazar.

«Vinha cá pelo Carnaval, pela Páscoa, pelo Natal, quando calhava. Às vezes pegava num sachozinho, mas não se metia muito connosco. Aos domingos ia sempre à missa, a Santa Cruz. Alugava então um carro de praça, que o carro do Estado ficava parado para as voltas por aqui. Em épocas festivas dava-nos uma bucha. Só para o pessoal da casa, claro», lembra Manuel Pinto.

«Não era má pessoa, enfim. Quando da guerra disse-lhe: «Então sr. dr., agora temos a guerra?». Respondeu-me: «Da guerra eu livro-os, mas da fome não», recorda, por seu turno, Sara.

«Aborrecia-se com os guardas (os agentes da PIDE) - volta a recordar Manuel Pinto. «Lembro-me dele a dizer-me: «Mas por que é que estes senhores andam sempre atrás de mim, eu não

fujo».

«E olhe - continua - ele não queria a estátua dele em Santa Comba. «Isso só vai servir para dar espectáculo depois de eu morrer», dizia-me. E assim foi».

Manuel Pinto não se lembra de mais nada de interessante para contar daquele que foi seu patrão 24 anos.

«O sr. dr., olhe, era uma pessoa sossegada», remata. Mas já com um súbito entusiasmo, relata:

«Pouco depois do «25 de Abril» houve uns senhores que me chamaram lá acima a perguntarem-me se eu sabia onde Salazar tinha escondido o ouro. Ouro? O dinheiro estava na quinta, que era uma bela quinta, que produzia e vendia vinho, azeitona e outras culturas. Depois da sua morte, a família desinteressou-se e agora está tudo ao abandono».

«Tenho a impressão de que o meu pai já me falou nisso»

Da família de Salazar há pouca gente no Vimieiro. A viver na terra, uma sua sobrinha, a «D. Marilinha», presenteemente muito doente numa clínica em Coimbra, e um filho desta senhora, o «sr. Ruizinho».

A casa onde nasceu e viveu está fechada e abandonada, o cemitério tem um ar esquecido.

«Também, nunca fez nada pela terra», refere a professora primária.

«Sim, é verdade, pela terra nunca fez nada, mas era, com certeza, para não se comprometer», considera o presidente da Junta.

«Só inaugurou uma coisa por aqui, foi o Palácio da Justiça em Santa Comba. E nessa altura ouvi eu dizer-lhe, «Isto é uma obra de demasiado luxo para uma terra como esta», lembra o seu antigo feitor.

A sensação que se tem é que, 100 anos depois do seu nascimento, Salazar está morto na terra onde nasceu. Morto porque esquecido. É porque em vida não «viveu» ali.

À porta da Escola Cantina Salazar (construída por um industrial do Porto) insisto com os dois miúdos:

«Mas nunca ouviste falar de Salazar? Olha, era o chefe do Governo, tinha, mais ou menos, o lugar que hoje o Cavaco tem».

«Tenho a impressão que o meu pai já me falou disso», responde o mais afoito. Afinal sabia.

Comunicação Social em foco na Revisão Alta Autoridade criticada por Jorge Miranda e pelo Sindicato dos Jornalistas

A Assembleia da República aborda hoje, nas sessões da tarde e da noite a matéria da Comunicação Social, prevendo-se alterações de fundo implícitas à liquidação do Conselho de Comunicação Social, órgão eleito exclusivamente pelo Parlamento, e à sua substituição por uma Alta Autoridade onde prevalece uma forte componente governamental e que conta entre as suas competências a de licenciar as redes privadas de televisão.

O professor Jorge Miranda, conceituado constitucionalista e um dos «pais» da Constituição em vigor pronunciou-se hoje, publicamente, sobre essa Alta Autoridade para a Comunicação Social criticando em artigo publicado no «Diário de Notícias» «a não definição do modo de escolha dos quatro representantes da opinião pública, da Comunicação Social e da cultura, assim como o peso excessivo dos membros designados pelo Governo, 3 em 13».

Também a nova Direcção do Sindicato dos Jornalistas - eleita mas ainda não empossada - manifesta no seu programa de acção uma posição «completamente contrária à composição delineada para a Alta Autoridade para a Comunicação Social» por parecer que a mesma «é susceptível de partidarização e por não incluir representantes dos jornalistas».

O fundamental das alterações previstas em matéria de Comunicação Social foi abrangido no acordo PS/PSD, nos termos seguintes, textualmente assumidos na proposta da Comissão Eventual para a Revisão Constitucional (CERC):

«PSD e PS acordam na substituição do Conselho de Comunicação Social por uma Alta Autoridade que, além das actuais competências do CCS, terá de emitir parecer prévio à decisão de licenciamento pelo Governo do exercício por entidades privadas da actividade televisiva, decisão esta que só pode recair nos candidatos seleccionados pela Alta Autoridade».

«Acordam ainda que a Alta Autoridade tenha composição a definir por lei, com a inclusão obrigatória de 1 magistrado designado pelo Conselho Superior da Magistratura, que presidirá; 3 representantes do Governo - 5 representantes da Assembleia da República, eleitos segundo o sistema proporcional e de acordo com o método da média mais alta de Hondt».

Fica ainda expresso que a lei ordinária determinará as condições de escolha dos restantes 4 membros da Alta Autoridade, devendo eles ser representativos da opinião pública, da cultura e da Comunicação Social.

Enquanto os 11 membros do CCS eram todos eleitos pela Assembleia da República, dos 13 componentes da futura Alta Autoridade para a Comunicação Social só 5 serão eleitos, havendo ainda um elemento neutral, o juiz que presidirá. Como o Governo indica 3 representantes, falta saber como e quem designará os outros quatro, tarefa que competirá à lei ordinária, de iniciativa do Governo ou da sua bancada parlamentar. Este ponto é considerado o elo frágil do acordo PS/PSD. O Partido Socialista foi igualmente obrigado a ceder em sede da Comissão, na sua proposta de constitucionalização da competência dos Conselhos de Redacção «para se pronunciarem a título vinculativo sobre a designação dos directores dos órgãos de Comunicação Social e fiscalizarem o cumprimento dos estatutos editoriais».

CML REPUDIA ACONTECIMENTOS DO TERREIRO DO PAÇO

Luisa Alexandra Botinas

Numa sessão pública de Câmara que se esperava morna e para a qual já estava anunciada a ausência do presidente, o assunto da ordem do dia que galvanizou grande parte das intervenções foi, sem dúvida, os acontecimentos da véspera ali bem perto da Praça do Município, que envolveram os elementos da PSP.

Parte de vereação camarária no fim da tarde de 21 de Abril, foi surpreendida à saída do Município com um aparatoso dispositivo de carros do Corpo de Intervenção da PSP. Os acontecimentos que se seguiram e que são agora do conhecimento geral não deixaram indiferentes alguns vereadores. Tal facto levou a que o PS, PCP e MDP tivessem apresentado moções condenando o rumo que os acontecimentos tomaram.

Para os comunistas, os carros blindados e os carros de água na Praça do Município fizeram lembrar «tempos que julgávamos definitivamente arreados do Portugal democrático, 15 anos após o 25 de Abril».

Na moção, os vereadores do PCP consideraram que a Câmara como órgão democraticamente eleito e representante da população da cidade de Lisboa «não pode ficar indiferente a esta gravíssima violação dos direitos, liberdades e garantias, legal e constitucionalmente consagrados».

Para os comunistas o responsável pe-

lo que aconteceu na Praça do Comércio foi o Governo que demonstrou «um espírito de intolerância inadequado num Estado de Direito democrático».

Por seu turno, os vereadores socialistas consideraram na sua moção, que o que aconteceu frente ao Ministério da Administração Interna «é um facto de veras preocupante e é sintomático do momento que atravessamos, em que a liberdade e a democracia são subvertidas por exhibições diárias de arrogância e prepotência».

Os socialistas, propuseram que a Câmara manifeste «a maior perplexidade pelo comportamento do Governo perante uma situação desta natureza ao invocar o cumprimento da legalidade para justificar uma intervenção tão desajustada como se a única forma de a fazer cumprir fosse o uso indiscriminado da brutalidade».

A moção apresentada pelos socialistas, à semelhança do que aconteceu com a moção dos vereadores do PCP, foi aprovada com os votos favoráveis

do PCP, MDP, PPM e PS e será enviada ao Presidente da República, ao presidente da Assembleia da República e ainda ao Primeiro-Ministro. Os vereadores do CDS e PSD votaram contra.

Na sua declaração de voto a propósito da moção, o social-democrata, Lívio Borges, que na sessão de segunda-feira substituiu Abecasis na presidência, afirmou que «num Estado de Direito democrático há que fazer cumprir a lei e cumpri-la e isso é dever de todos. Ora a Polícia é uma força militarizada que pode ter restrições aos direitos. Naquele caso os polícias foram informados da lei, violaram-na e isso pagou-se muito caro».

Vasco Franco não partilhou, naturalmente, da mesma opinião. Para o vereador socialista, «a estrutura da Polícia de Segurança Pública tem-se tornado cada vez mais civilista e não militarista», e apontou os recém-formados da escola Superior de Polícia como exemplo dessa nova geração de polícias.

Rui Godinho, candidato da CDU para as autárquicas e actual vereador, não se eximiu de ser cáustico nos «recados» que mandou aos vereadores do PSD: «Por mais fidelidade que se tenha ao partido a que se pertence, os acontecimentos da Praça do Comércio não podem ter deixado de indignar quem assistiu. O PSD, pelo contrário, achou

que o que se passou foi legítimo. Acontece que as moções foram aprovadas e por muito que custe ao PSD deverão ser publicadas no Diário Municipal», disse.

A «bronca» que poderá deixar de o ser, foi denunciada durante a sessão, através do vereador comunista Vitor Costa, e tem a ver com descontos em ordenados dos Sapadores Bombeiros que não chegaram ao Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa. Lívio Borges, procurando contornar a questão assegurou que as quotas serão devolvidas porque «não foi cumprido o regime legal de descontos aos trabalhadores». Quanto à origem, da bronca não houve explicação clara.

O caso do Júlio de Matos deu igualmente que falar durante a sessão.

Os vereadores socialistas apresentaram um requerimento para que na próxima reunião ordinária o plenário municipal discuta o ante-projecto do Ministério da Saúde destinado ao Júlio de Matos. Além desta exigência os socialistas querem que os pareceres da DSU e da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil sobre o referido projecto, sejam dados a conhecer a toda a vereação. O requerimento foi aprovado por unanimidade.

Entretanto, enquanto Vitor Reis persistiu em destacar o papel da Assem-

bleia Municipal para a resolução deste assunto, o PCP já enviou para o IPPC a proposta de classificação do edifício e área circundante daquele hospital psiquiátrico. «A proposta não necessita da aprovação da AM porque qualquer entidade pode propor a classificação».

O último assunto a ser tratado na longa sessão de Câmara, foi o «last but not least», complexo de ténis do Parque Eduardo VII.

Os socialistas secundados por um entusiástico Vitor Gonçalves quiseram provar à viva força que o aumento da área dos terrenos ocupados vai ser benéfico. Quem não ficou muito convencido disso foram os comunistas e o monárquico, Gonçalo RibeiroTeles.

O vereador do PPM disse que «o complexo não está integrado no meio que é o Parque Eduardo VII e em termos de política de espaços verdes, esta medida não é correcta».

Vasco Franco, convincente, rematou dizendo «esta proposta é melhor, a área coberta pela construção será menor e será garantido o acesso normal a um campo de ténis». Em suma não será elitista. A julgar pela transformação deverá ser mesmo assim já que o omnipotente Abecasis afirmou em ocasiões anteriores que não autorizaria um clube para ricos no cimo do Parque Eduardo VII.

Abecasis e Cavaco

Tudo bem!

Nuno Abecasis ainda não revelou definitivamente as intenções quanto à sua recandidatura à Câmara Municipal de Lisboa, mas as conversações que manteve com Cavaco Silva na passada segunda-feira e o optimismo que imprime a todas as declarações que faz, deixam transparecer um «sim» ou um «talvez».

À saída da audiência com o Primeiro-Ministro, Abecasis voltou a afirmar que «ainda é cedo para dizer quem vai para a Câmara de Lisboa». Quanto às suas relações com o actual chefe do Governo, «são boas», diz. «Constatámos que não somos inimigos», assegurou o presidente do município lisboeta, acrescentando que mantém com Cavaco Silva, «as melhores relações de amizade, franqueza e lealdade».

Abecasis disse mesmo que convidou o Primeiro-Ministro a estar presente no dia 8 de Maio, no Bairro de Marvila, em Lisboa, na sede da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.

Quanto ao estado da coligação vigente na Câmara de Lisboa, Abecasis considerou que «a Aliança Democrática continua a funcionar e está de boa saúde».

Um dos motivos que seguramente levou Abecasis a encontrar-se com Cavaco Silva terá sido, sem dúvida, a hipótese de candidaturas do PSD à Câmara de Lisboa. Sobre esta questão, Krus Abecasis adiantou que, o Primeiro-Ministro «chegou à conclusão que ainda é cedo para pensar nisso e que no momento oportuno logo se verá».

A saúde parece ser o único obstáculo a um novo mandato de Abecasis. Porém, o edil afirmou convicto: «Se visse que havia possibilidades de vir a ser eleito uma Câmara comunista, eu candidatava-me, nem que fosse para morrer no ano seguinte».

Capucho precipitou-se

António Capucho, uma das forças influentes do PSD tem tecido alguns comentários à figura de

Krus Abecasis. O edil afirmou a este propósito que aquele dirigente social-democrata, candidato ao Parlamento Europeu, «se precipitou pensando que ele (Abecasis) iria 'tirar o tapete' à Ministra da Saúde». O presidente do Município referia-se obviamente ao caso do Júlio de Matos. «O problema do Júlio de Matos é um problema interno do Governo, não é um problema em que tenha de intervir», frisou Abecasis.

Referindo-se à política de construção de estruturas hospitalares adoptada por Leonor Beza, Krus Abecasis afirmou que «a senhora ministra faz muito bem em não querer que se continue em Lisboa a reservar para os hospitais, antigos conventos ou antigos quartéis», acrescentando que a ministra da Saúde foi a única titular daquela pasta a conseguir fazer o primeiro hospital de Lisboa num edifício a isso destinado.

Balanço positivo

Abecasis fez também um balanço sobre os seus três mandatos. O presidente da edilidade lisboeta considerou importante para a democracia em Portugal, o facto de nos últimos 10 anos ter havido estabilidade na cidade de Lisboa.

«Não houve uma greve do lixo», sublinhou Abecasis, ilustrando com este exemplo a eficácia da sua gestão, apoiada pelo PSD e PS e CDS. Abecasis classificou a Câmara Municipal de Lisboa, como a maior empresa do País, com os seus 300 milhões de contos nas obras em curso. Tal movimento, é segundo o edil, superior ao de qualquer multinacional ou empresa que opera em Portugal.

João Soares e Carlos Pimenta, são, até ao momento, as duas personalidades que se apresentaram como possíveis substitutos de Abecasis, contudo, o actual presidente do município não se mostrou demasiado preocupado com estas hipóteses pois, para ele, «a Câmara não é um lugar de treinos».

ESTA SEMANA HÁ "JACKPOT"

ANTENA BRUNO

VALOR DO PRÉMIO
30.000*
CONTOS

* Estimativa



MARQUE CERTEIRO, GANHE ^{Vai lá mais} DINHEIRO NO...

totobola



Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança
e pela dos outros.

circular e viver.





Avenidas Novas: automobilistas ainda não acertaram com a «Gertrude»

Hoje é o segundo dia do grande teste do novo sistema de trânsito nas Avenidas Novas em Lisboa e, tal como na segunda-feira, verificaram-se engarrafamentos que tornam o tráfego demasiado moroso.

Como se previa, embora não com tanta acuidade, os automobilistas não se adaptaram com facilidade às alterações, em especial nas transversais à Avenida da República; alguma das quais passaram a ter sentido único.

É ainda muito cedo para se determinar se a implantação do novo esquema de trânsito e a ligação ao sistema Gertrudes vem facilitar o escoamento do trânsito naquela zona ou se haverá necessidade de se proceder a alterações correctivas.

A Divisão de Trânsito da PSP reforçou os seus agentes para tentar descongestionar a circulação dos automóveis, mas, no nosso entender, esse facto viciará a análise da operacionalidade do sistema que terá de funcionar por si e não apoiado nas muletas dos agentes policiais de trânsito.

No entanto, afigura-se-nos que o tráfego hoje já escoar melhor que na segunda-feira.

Também em Coimbra se vai implantar um novo esquema viário no Rossio de Santa Clara com vista a facilitar o escoamento de tráfego e a evitar os constantes acidentes naquele cruzamento de alta perigosidade.

Trata-se de uma zona de grande densidade de veículos e peões em condições de segurança mais do que precárias devido, em especial, à má visibilidade e falta de sinalização no pavimento.

Na circunstância a Divisão de Trânsito da Câmara Municipal de Coimbra apresentou um projecto que contempla a construção de uma rotunda a executar em breve segundo se prevê, e permitirá que o tráfego de passagem não se sobreponha ao interno da cidade, à circulação de tróleis-carros com origem na ponte e destino a Santa Clara seja facilitado, já que os raios da curvatura são largos e, nesse sentido. Seja dada prioridade ao tráfego oriundo do açude-ponte e haja acesso para as vias confluentes ao cruzamento, bem como se estabeleçam duas faixas concêntricas.

Quatro jovens, com idades compreendidas entre 20 e 30 anos morreram ontem à noite num acidente de viação registado nas proximidades de Pombal, disse fonte da Brigada de Trânsito da GNR.

O carro em que se faziam transportar, propriedade de um deles, embateu com um autocarro de passageiros, cujos ocupantes não sofreram danos pessoais.

Os jovens mortos são: Joaquim Alberto Alves das Neves, 25 anos, condutor, residente na Figueira da Foz, Fernando Perdigão Mendes, 21 anos, sua irmã Helena Perdigão Mendes, 30 anos, e Sofia Paula Barbosa, 20 anos.

Com excepção do condutor, todos os jovens residiam na Redinha (Pombal).

Colhidos numa paragem de autocarro por um automóvel ligeiro, dois indivíduos morreram e outro ficou gravemente ferido.

Foi anteontem em Matosinhos, na Rua 1.ª de Dezembro, quando Artur Manuel da Silva, de 76 anos, reformado, António Orlando de Castro de 38, escrivão e Sérgio Augusto de Sá foram colhidos pelo automóvel, desgobernado após ter embatido numa carrinha que não respeitava o sinal «stop». Os dois primeiros tiveram morte imediata.

Sinistralidade em números

No período de 24 horas que findou ao meio-dia de ontem a Brigada de Trânsito da GNR e a Divisão de Trânsito da PSP registaram nas respectivas áreas de vigilância, estradas e zonas urbanas, 235 acidentes de viação de que resultaram quatro mortos e 149 feridos dos quais 33 em estado grave.

Acusada de colocar bomba na Galiza

PORTUGUESA PODERÁ SER CONDENADA A 7 ANOS DE PRISÃO

O Ministério Público espanhol pediu em Madrid, uma pena de prisão maior de sete anos para a portuguesa Susana Lopes Poças, acusada de ter colocado uma bomba junto das instalações de um banco, na Galiza (Espanha).

Suzana Poças, de 26 anos é natural do Porto, foi acusada, pelo delegado do Ministério Público, de um delito com prejuízos superiores a três milhões de pesetas, em virtude das circunstâncias agravantes pela intencionalidade e perigo para instalações e pessoas.

A bomba, colocada num contentor de lixo junto das instalações do Banco de Fomento, em Orense, a 5 de Fevereiro de 1987, provocou prejuízos materiais no edifício, automóveis e janelas de alguns edifícios próximos.

A advogada de defesa de Suzana Poças pediu a absolvição da acusada, alegando falta ou contradição nas provas apresentadas, bem como a sua condição de epiléptica, demonstrada no momento em que fez a primeira declaração a reconhecer a participação dos factos.

Suzana Poças, que se encontra presa em Madrid desde Maio do ano passado, está ligada a um outro processo, em que é acusada de pertencer a uma organização guerrilha armada (Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceibe), e de posse de explosivos.

A ré, que certas fontes policiais espanholas relacionaram com presumível partici-

pação nas Forças Populares 25 de Abril, foi presa a 29 de Maio de 1988, numa operação da Guarda Civil e da Polícia contra membros do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceibe, após um atentado contra a residência de Verão do líder conservador espanhol, Manuel Fraga Iribarne.

Susana Poças foi presa juntamente com António Árias Curto, de 44 anos, dirigente do EGPGC com quem mantinha relações sentimentais.

Na mesma operação foram presos nove alegados membros da organização.

Árias Curto, única testemunha de defesa, afirmou que Susana Poças não podia ter cometido o atentado na data de 5 de Fevereiro de 1987, pois nessa ocasião encontrava-se no Hospital de Santo António do Porto, onde recebia tratamento em virtude da sua doença epiléptica, diagnosticada quando tinha 18 anos.

O dirigente da organização terrorista galega reconheceu as suas relações amorosas com Susana Poças, mas desmentiu que ela fosse membro do Exército Guerrilheiro, bem como que pessoas alheias à organização colaborassem nos atentados reivindicados pelo grupo.

Susana Poças admitiu igualmente as suas relações sentimentais com o dirigente terrorista galego, mas negou pertencer ao Exército Guerrilheiro, afirmando ainda desconhecer as vinculações de Árias Curto com a organização, até que ambos foram presos.

A advogada de defesa, que já pediu em várias ocasiões a liberdade condicional de Susana, alegando a doença epiléptica, reconhecida pelo psiquiatra que a trata.

O psiquiatra declarou segunda-feira em tribunal, que Susana Poças no momento da sua primeira declaração estava sob o efeito de uma crise epiléptica, depois de ter estado três dias sem comer e um mês sem ter tomado medicamentos.

Na segunda declaração, referiu, depois de ter sido medicada, desmentiu as afirmações anteriores e a sua participação no acto bombista, denunciando maus tratos por parte da Polícia.

No processo de Susana Poças foram incluídas declarações documentais do médico Raimundo Martins, do Hospital de Santo António, Porto, segundo as quais a processada recebia tratamento no estabelecimento hospitalar desde Março de 1986.

O Ministério Público minimizou o estado epiléptico da detida, argumentando que a epilepsia é um fenómeno periódico. Frisou que não existem provas factuais de que Susana estivesse afectada por alguma crise quando se deu o atentado ou quando prestou declarações à polícia e ao Tribunal.

Um grupo de 30 pessoas, pertencentes às Xuntas Galegas Pró-Amnistia, com auto-collantes com os dizeres «represaliada como todos, torturada por ser mulher», deslocaram-se a Madrid para assistirem ao julgamento.

Acusados da morte de agente da PJ respondem hoje

O julgamento dos seis réus ligados às FP-25 de Abril, acusados do homicídio do agente Alves Militão da Polícia Judiciária, inicia-se hoje no Tribunal d Monsanto, em Lisboa.

Os seis indivíduos foram réus no anterior processo das FP-25 de Abril.

O agente da Polícia Judiciária, Alves Militão, do departamento de combate ao banditismo, foi morto a tipo a 16 de Agosto de 1987, na zona de Cabo Ruivo, Lisboa, quando perseguia elementos alegadamente pertencentes às FP-25 de Abril.

Tripulante de navio panamiano operado de urgência no Porto

Um tripulante do navio panamiano «Livia» gravemente ferido ontem à tarde, deu entrada no serviço de urgência do Hospital de Santo António, Porto, para uma intervenção cirúrgica de emergência - disse fonte clínica.

José Isabel Menchaca Boso, 25 anos, natural de Veraguas, República do Panamá, sofreu diversos ferimentos, nomeadamente uma fractura do fémur - acrescentou a mesma fonte.

O panamiano deu entrada no hospital cerca de meia-noite de ontem, após ter sido retirado, com grande dificuldade, do interior do navio, que atracou no cais norte do porto de Leixões cerca de uma hora motivada pelos balanços do navio fustigado por fortes ondulações.

O comando naval do continente fez deslocar à tarde um

helicóptero da Força Aérea para o alto mar, ao largo de Aveiro, mas teve de retirar-se, sem êxito, dado o estado do mar e o forte vento que se fazia sentir.

Ficou sem as jóias por causa do «mau olhar»

Uma mulher apresentou queixa à PSP de Coimbra alegando ter sido enganada por uma cigana que lhe propusera «afastar o mau olhar» de casa, contra a entrega temporária de jóias e roupas no valor de 250 contos, que serviriam para esconjurar o mal.

A queixosa, 40 anos, divorciada, foi abordada por uma cigana que lhe leu a «sina» e propôs-lhe, de seguida, «exorcizar» dos males através da «benção da casa».

Passados vários dias sem notar qualquer alteração na sua vida, a queixosa resolveu dirigir-se à PSP no intuito de reaver os bens que entregou à cigana.

Dois «correios» com 30 quilos de cocaína

Trinta quilogramas de cocaína, no valor de 500 mil contos, foram apreendidos no sábado a dois «correios» portugueses, revelou a Polícia Judiciária.

O informador da PJ referiu que a droga estava escondida nos estofos de um automóvel em poder dos próprios «correios» e a prisão envolveu uma colaboração especial com as autoridades espanholas.

A Polícia Judiciária acrescentou que a cocaína terá chegado a Portugal, proveniente da Venezuela e destinava-se a Madrid, Espanha.

A fonte da PJ referiu que os dois «correios», de 31 e 42 anos,

faziam parte de uma rede de traficantes agora desmantelada pelas forças policiais dos dois países.

Assalto a fábrica rende 8 600 contos

Seis mil contos em dinheiro e 2600 contos de cheques foram furtados durante o fim-de-semana de uma fábrica, em Macinhata, Oliveira de Azeméis, disse fonte da Polícia Judiciária.

O assalto foi praticado de sábado para domingo, por meio de arrombamento, e os valores retirados de um cofre monobloco que depois do assalto foi abandonado nas imediações juntamente com os cheques, acrescentou a mesma fonte.

A Polícia Judiciária enviou para o local uma brigada do piquete e pessoal do gabinete de identificação e pesquisas.

Oitenta quilómetros em andas dá direito ao «Guinness»

O português António Alves, 54 anos, percorreu ontem 80 quilómetros sobre duas andas, entre Viana do Castelo e o Porto, em 11 horas e 26 minutos, estabelecendo um recorde mundial destinado a figurar no Guinness Book of Records.

De acordo com a sua equipa de apoio, o percurso e o horário foram «escrupulosamente cumpridos, restando agora a confirmação do «Guinness Book» quando os documentos forem enviados.

A fiscalização do percurso e o controlo horário foram efectuados por juizes da Associação de Atletismo do Porto.

A chegada ao centro do Porto,

António Alves afirmou estar «pronto para outra», adiantando sentir-se «muito feliz» por ter conseguido o seu objectivo - percorrer os 80 quilómetros em menos de 12 horas.

António Alves, residente em Vila Nova de Gaia, é carpinteiro de construção civil e «recusa-se a abandonar as suas andas», que pesam cerca de 2,8 quilos e foram construídas com madeira de eucalipto.

«Esta vitória é dedicada à cidade do Porto e ao 25 de Abril», disse António Alves.

Um morto num incêndio no Poço do Bispo

Pelo menos uma pessoa morreu no incêndio que hoje de madrugada deflagrou num edifício da Rua da Cintura, junto ao Poço do Bispo, em Lisboa, disse o chefe de turno do Regimento de Sapadores Bombeiros.

A mesma fonte acrescentou que mais de três dezenas de bombeiros combatem o incêndio que foi detectado cerca das 03.30 horas de hoje.

O chefe de turno do regime de Sapadores Bombeiros não tinha ainda a identidade da vítima carbonizada.

A mesma fonte adiantou que os bombeiros tiveram de proceder às operações de rescaldo e a retirar da Rua da Cintura a pilha de madeira, onde o incêndio deflagrou.

«O fogo atingiu apenas madeira, que se encontrava num descampado em frente ao edifício Abel Pereira da Fonseca», acrescentou.

O incêndio foi combatido por cerca de três dezenas de homens do Regimento de Sapadores de Bombeiros.

GALP
Lubrificantes

Publicada em 35 línguas

DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES EM REVISTA DA UNESCO

Os descobrimentos portugueses e a figura de Camões são o tema central do número de Abril da revista «O Correio», da UNESCO, que ontem foi apresentado publicamente em Paris.

Esta edição vem colmatar um «esquecimento» da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura que, em Abril de 1987, dedicou o número do «Correio» aos «Diários de Viagens» sem, no entanto, fazer qualquer referência à expansão portuguesa dos séculos XV e XVI. Na altura, esse facto provocou uma grande polémica entre Portugal e o organismo das Nações Unidas, tendo a Organização prometido remediar o esquecimento, dedicando um dos números da sua prestigiada revista exclusivamente ao nosso país, o que agora aconteceu.

Na cerimónia de lançamento, José Augusto Seabra referiu-se

indirectamente a esse facto, dizendo: «Há muito que esperamos ver assim devidamente valorizada a presença nesta instância universal de um país cuja língua se multiplicou por várias pátrias e comunidades, tornando-se o traço de união entre quase 200 milhões de homens».

O antigo ministro disse que este facto significava igualmente o reconhecimento do papel histórico dos portugueses como pioneiros do encontro e diálogo entre diversos povos e culturas. Em declarações feitas entre tanto à agência Lusa, o embaixador de Portugal na UNESCO afirmou que esta iniciativa da Organização «não é mais do que um acto de justiça».

Em Portugal só em Junho

A Comissão das Comemorações dos Descobrimentos adquiriu já 200 mil exemplares

deste número do «Correio», nas suas versões em língua francesa, inglesa, espanhola e portuguesa, conforme referiu o comissário geral daquele organismo nacional. Vasco Graça Moura sublinhou igualmente que a compra pretende «desencadear acções de divulgação sobre a temática dos descobrimentos portugueses».

Entretanto, a apresentação da edição em língua portuguesa será feita no nosso país em Junho, o que constituirá uma excepção à chegada do «Correio» ao nosso país. Efectivamente, contactado o seu distribuidor para o território nacional, foi-nos afirmado que o último número neste momento disponível em português - cuja edição é preparada no Brasil - é o de Setembro do ano passado.

Este número de Abril inclui diversas reproduções da cartografia portuguesa, ilustrando a

capa com uma pintura de caravelas do século XVI, da autoria de um pintor anónimo da escola holandesa. Um texto do cronista egípcio quinhentista Ibn Iyas e outro do director do Instituto para a História da Índia, de Bombaim, John Correia Afonso, são dois dos trabalhos reproduzidos na revista, que conta ainda com artigos de José Augusto Seabra, Luis Filipe Barreto, Vasco Graça Moura, Luís Albuquerque, Alfredo Pinheiro Marques, Eduardo Lourenço, Rafael Moreira, bem como do embaixador do Brasil na UNESCO, Josué Montello.

Em mensagem enviada a Frederico Mayor Zaragoza, director geral daquele organismo das Nações Unidas, Mário Soares interpreta esta edição como «uma homenagem a Portugal e à contribuição que os portugueses deram para a difusão dos valores da cultura europeia e para a aproximação entre povos

de raça e credos diferentes». Na opinião do Presidente da República, a iniciativa é ainda mais importante por ter sido realizada ontem, «quando em Portugal se comemora a restauração da liberdade e da democracia».

Também o Primeiro Ministro e o Ministro dos Negócios Estrangeiros enviaram mensagens a Frederico Mayor salientando o contributo dos descobrimentos portugueses para a história da humanidade e para o diálogo entre os povos.

O director da UNESCO referiu, por seu turno, que o desafio e o compromisso da Organização são o futuro, no qual incluiu a língua portuguesa como tendo um papel importante a desempenhar, devido aos laços de solidariedade e de liberdade criados com outros povos.

Cultura portuguesa: três dias em Paris

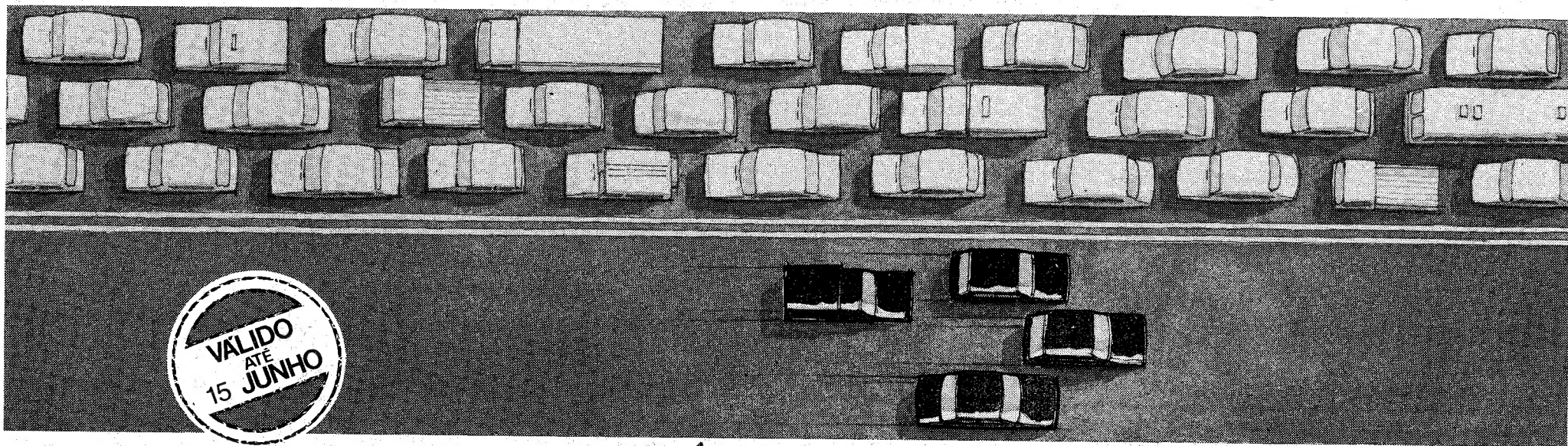
Vasco Graça Moura referiu,

por outro lado, que esta edição «é o primeiro acto de grande divulgação internacional das comemorações portuguesas, no triplo plano da educação, da ciência e da cultura».

O lançamento deste número do «Correio» - que é publicado em 35 línguas - antecede também um conjunto de iniciativas previstas até sexta-feira na capital francesa, e relacionadas com Portugal.

Hoje, é inaugurada uma exposição itinerante de selos dos países lusófonos seguindo-se, amanhã, o lançamento da edição portuguesa da «Mensagem», de Fernando Pessoa, em cinco línguas latinas - português, francês, italiano, espanhol e romeno. Finalmente, será apresentada na sexta-feira, a edição francesa do romance «Uma abelha na chuva», de Carlos de Oliveira, a que se seguirá a exibição do filme de Fernando Lopes, feito a partir do livro.

RODAR CONTRA A MARÉ. ALGUÉM TEM QUE O FAZER!



Um Seat sem juros durante um ano!

A Seat facilita a aquisição do seu automóvel. Durante um ano, a Seat cobre o juro do empréstimo bancário para a compra do seu Seat.

UM SEAT* SEM JUROS DURANTE UM ANO.

Assim, e após a entrega inicial de 50% do valor total do seu Seat, o juro bancário das con-

sequentes 12 prestações será da responsabilidade da Seat. Nunca foi tão fácil comprar o

seu Seat!

Por isso a Seat se distingue no mercado automóvel actual. Porque na luta contra a maré o esforço tem que ser de todos.



Com eficácia!

* Modelos Marbella GL e GLX, Ibiza XL

SEAT CADA VEZ MAIS PERTO DE SI.

Próximo ano lectivo já tem datas fixadas

O próximo ano lectivo (1989/90) terá início entre 18 e 30 de Setembro e terminará entre 22 de Junho e 6 de Julho, com um mínimo de trinta e cinco semanas de aulas, segundo determinação de um despacho hoje publicado no Diário da República.

As datas concretas serão definidas pelos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino, a quem caberá igualmente a responsabilidade pela decisão sobre os períodos intercalares de interrupção de aulas «aconselháveis por razões de natureza pedagógica», desde que não excedam um total anual de dez dias.

O primeiro período lectivo terá uma duração de treze semanas (de 18/30 de Setembro a 15 de Dezembro), o mesmo se verificando no segundo (entre 3 de Janeiro e 6 de Abril). O ter-

ceiro período escolar terá apenas nove semanas (de 23 de Abril a 22 de Junho/6 de Julho).

O despacho agora publicado estabelece ainda a marcação das férias do Carnaval para o período compreendido entre 24 e 28 de Fevereiro.

Em relação aos momentos de avaliação e classificação para o próximo ano lectivo, o primeiro ocorrerá entre 18 e 21 de Dezembro, o segundo entre 9 e 12 de Abril e o terceiro, e último, deverá ser realizado nos cinco dias úteis após o encerramento das aulas.

Para a educação pré-escolar - determina o despacho dos secretários de Estado adjunto do Ministro da Educação e da Reforma Educativa - o calendário escolar para 1989/90 é fixado pelas direcções dos jardins de infância.

Depois de PR ter ouvido centrais sindicais

MINISTRO EXPLICA

• GNR também quer sindicalização comando da GF diz que é ilegal

O ministro da Administração Interna foi esta manhã ouvido pela Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias, numa das salas da Assembleia da República, sobre os incidentes de sexta-feira, na Praça do Comércio. Recorde-se que o Corpo de Intervenção da PSP, vulgo «policia de choque», «varreu» o Terreiro do Paço de crianças, mulheres e idosos, indo ao cúmulo de lançar três granadas lacrimogéneas sobre utentes dos barcos da «Transtejo», na estação de Sul-Sueste, ao que parece disparadas por um subchefe, ante a recusa de um seu subordinado em fazê-lo. A carga da «Policia de Choque» continua a ser tema de comentários na praça pública, mas desde hoje que passou também a animar a Assembleia da República.

O ministro da Administração Interna esteve até ao fim da manhã a ser ouvido pela Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias sobre os acontecimentos do Terreiro do Paço, devendo passar-se o mesmo o mesmo em relação ao comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado, igualmente convocado para prestar declarações sobre o mesmo incidente.

A Pró-Associação Sindical da PSP/Madeira veio entretanto a público lamentar os confrontos ocorridos. O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal reputa de «total ignorância legislativa a alegada existência de uma comissão pró-sindicalização. Por seu turno, o Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional afirma em comunicado ser «uma certeza e um dado adquirido que os agentes da PSP terão a sua associação sindical».

O ministro da Administração Interna expôs hoje à Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias o seu ponto de vista sobre os factos de sexta-feira passada, no Terreiro do Paço, de que o Presidente da República já tem conhecimento pormenorizado, a partir do relato que anteontem lhe foi feito pelos secretários-gerais da UGT e da CGTP/IN.

Esperam-se, por outro lado, intervenções, antes da ordem do dia» da sessão parlamentar de amanhã, das bancadas do PS e do PCP. Torres Couto manifestou já a intenção de apresentar queixa neste órgão de soberania por ter sido «insultado e agredido por um quadro superior da policia».

A ida de Silveira Godinho à Assembleia da República foi pedida pelos Grupos Parlamentares do PS e do PCP. A bancada comunista requereu igualmente a chamada do comandante-geral da PSP, da Comissão Pró-Sindical da PSP, assim como de jornalistas que teste-

munharam e escreveram sobre os incidentes causados pelo Corpo de Intervenção da PSP, que para o Terreiro do Paço enviou também pessoal administrativo, cozinheiros e pedreiros da policia, ante a recusa de alguns dos seus membros em carregar sobre os colegas.

A UGT respondeu já à posição assumida pelos TSD acerca da participação de Torres Couto na concentração da PSO no Terreiro do Paço, considerando tratar-se de dirigente sindical de manhã, deputado à tarde e candidato ao Parlamento Europeu à noite. «A direcção dos TSD revelou, uma vez mais, que nada tem a ver com o mundo do sindicalismo livre e independente», diz a UGT.

Num comunicado em que acusa a direcção dos TSD de «subserviência» e de «mentir descaradamente», aquela central sindical esclarece que «a UGT e o seu secretário-geral sempre apoiaram as acções visando assegurar o reconhecimento do direito de associação sindical dos policias».

Mais diz o mesmo texto: «desde há vários meses que funciona em instalações da

UGT uma outra comissão de policias -Sinpol -, que pugna pela constituição dum sindicato da policia».

A direcção dos TSD é ainda acusada de revelar que, entre «o Poder e os trabalhadores, não hesita: opta sempre por bajular o Poder».

O STAL -nesta interessante «guerra de papéis» que tem florescido na sequência dos acontecimentos de sexta-feira-, por seu turno, avisa Cavaco Silva de confundir «modernidade» com «salazarismo e marcelismo». Mas «a sociedade - acrescenta o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local-continua apta a defender os direitos, liberdades e garantias decorrentes da democracia política, hoje como sempre».

GNR e Corpo Prisional «entram em acção»

O Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional e o Movimento Pró-Sindical da GNR entraram entretanto em «acção» a propósito das agressões de policias a policias, na sexta-feira, como se vem referindo.

O Sindicato Nacional dos Guardas Prisionais avança como «uma certeza e um dado adquirido que os agentes da PSP terão a sua associação sindical», enquanto um Movimento Pró-Sindical no seio da GNR anuncia que um jornal policopiado, chamado «O da guarda», tem vindo a ser distribuído clandestinamente pelos quartéis da Guarda Nacional republicana, exemplificando alguns casos que provocaram conflitos com a hierarquia.

O movimento tem vindo a mostrar-se nos últimos meses com vista à sua organização e à adopção de algumas formas de luta. «O descontentamento - disse no Porto um dos seus promotores -face a algumas prepotências da hierarquia», «um excessivo e retrógrado militarismo na condução da corporação» e «questões deontológicas e de carreira», são as principais motivações daquele movimento.

«Estamos inteiramente solidários com a luta dos nossos companheiros da Policia de Segurança Pública, também eles vítimas da sua hierarquia», sublinhou o mesmo gnr.

Os soldados reúnem-se num restaurante no centro do Porto e já intervieram em defesa de um camarada, no Verão do ano



COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$70	53\$70
ALEMANHA FED. (marco)	81\$90	83\$10
ÁUSTRIA (xelim)	11\$60	11\$80
BÉLGICA (franco)	3\$716	3\$966
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	128\$20	130\$70
(notas de 5 a 1000)	128\$70	131\$20
DINAMARCA (coroa)	21\$05	21\$45
ESPAÑA (peseta)	1\$284	1\$404
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	153\$50	157\$00
(notas de 5 a 1000)	154\$00	157\$50
FINLÂNDIA (marka)	36\$65	37\$25
FRANÇA (franco)	24\$15	24\$85
HOLANDA (florim)	72\$55	73\$65
IRLANDA (libra)	219\$35	223\$35
ITÁLIA (lira)	\$101	\$116
JAPÃO (iene)	1\$121	1\$176
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	261\$00	265\$50
SUÉCIA (coroa)	24\$05	24\$55
SUÍÇA (franco)	92\$85	94\$35
VENEZUELA (bolívar)	3\$715	4\$515

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



INCIDENTES COM PSP

passado, que fez greve de fome numa cela do Quartel da Belavista, onde se encontrava detido por questões de ordem disciplinar.

O Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, de que acima se fala, protesta contra a forma como actuou o Governo face aos manifestantes da PSP e considerando que, posteriormente, se assistiu a «tomadas de posições públicas dos órgãos de poder que se pronunciaram sobre os acontecimentos».

Os guardas prisionais dizem-se ainda «particularmente bem colocados para compreender a importância e o enorme alcance do exercício do direito de Associação Sindical».

«Quem teme Sindicato teme a democracia»

A Pró-Associação Sindical da PSP/Madeira veio a público

repudiar os actos de 6ª-feira e «responsabilizar todos os autores que se propuseram trocar a camaradagem policial pelos jactos de água e bastão exercidos contra os irmãos polícias».

O texto da Pró-Associação Sindical da PSP/Madeira desmente, por outro lado, os números entretanto vindos a público sobre o Comando-Geral e o comando regional da PSP acerca dos aderentes à sindicalização na PSP, sublinhando que dos cerca de 450 efectivos do comando regional, pelo menos 302 são associados. Para aquela estrutura, «quem teme um Sindicato, também teme a democracia».

O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal salienta em nota ontem tornada pública que «a constituição de uma autodeterminada Associação Pró-Sindical entre o pessoal da Guarda Fiscal» é «um facto desconhecido

não só do comando, como dos militares da Guarda Fiscal», sublinhando ainda que à Guarda Fiscal, como «instituição militar que é, se encontra absolutamente vedada a hipótese de qualquer tipo de sindicalização».

Acerca do alegado apoio de militares da GF aos pró-sindicalistas da PSP durante um almoço comemorativo do 25 de Abril - «o apoio público a um acto caracterizadamente ilegal não se afigura legítimo por parte de elementos de uma instituição cuja divisa é «Pela Pátria e pela Lei», refere o comunicado-, o EM da GF adianta que «as circunstâncias estão, de momento, a ser averiguadas».

Pró-Associação da PSP reúne-se no Porto

A direcção nacional da Pró-

Associação Sindical da PSP reúne-se sábado no Porto, para fazer o ponto da situação e adoptar novas formas de luta, visando desbloquear os entraves que o Governo coloca à sindicalização dos agentes e todo o corpo da PSP.

Trata-se da primeira reunião nacional a promover no Norte, como adiantou o «DL» na sua edição de 2ª-feira, e será presidida pelo coordenador nacional, 1º subchefe José Carreira.

Durante a reunião serão analisados os incidentes do Terreiro do Paço, quando uma delegação de seis dirigentes da Pró-Associação Sindical da PSP foi «aliciada» a entrar nas instalações do MAI, onde ficou detida, enquanto na Praça do Comércio os «choques» distribuíam cacetada e bastonada, além de água, sem olhar a quem: crianças, mulheres e idosos - além de polícias-manifestantes.



Líderes sindicais recebidos por Soares

Torres Couto: «evitei banho de sangue»

Carvalho da Silva: «Governo não percebe»

Os líderes da CGTP/IN e da UGT deram já conta ao Chefe de Estado dos «gravíssimos acontecimentos» de sexta-feira passada, no Terreiro do Paço, considerando-os ambos - à saída do Palácio de Belém - um «espectáculo inqualificável» aquele que chegou ao conhecimento de todos os portugueses e que se consumstanciou em agressões de polícias a polícias. Torres Couto afirmou que a sua presença no Terreiro do Paço «evitou um banho de sangue que esteve iminente», ao passo que Carvalho da Silva realça que o Governo, perante uma situação de serenidade e de responsabilidade dos profissionais da polícia, respondeu com violência, inadequada em democracia.

O secretário-geral da UGT afirmou que a sua presença, no teatro dos acontecimentos, foi muito importante, servindo para «evitar um banho de sangue».

Falando à saída de uma audiência com o Presidente da República, o secretário-geral frisou que «os polícias da Pró-Associação Sindical tiveram um comportamento extremamente responsável» e que, «se tivesse havido bom senso do Governo, tudo seria evitado».

«O Primeiro-Ministro pretende apresentar-me como provocador, mas, se de algo me pode acusar, é de levar longe demais o diálogo e a negociação com o Governo», acrescentou.

Diferente de 1983

Na óptica do líder da UGT, «o problema da sindicalização da polícia pode e deve ser resolvido rapidamente na Assembleia da República, pelo diálogo, apesar de haver algumas regras a observar». «O Primeiro-Ministro - sublinhou - diz que um Sindicato da Polícia vem trazer desestabilização, mas nós pensamos que ele só virá trazer estabilidade a essa polícia».

Para Torres Couto, a situação que presentemente se vive em relação à criação de um Sindicato de Polícia «é totalmente distinta da vivida em 1983», considerando ser «falso que não tenha defendido esse sindicato no tempo em que o PS estava no Governo».

«A situação é totalmente distinta, não venha o Governo escurar-se uma vez mais, atrás do Presidente da República», afirmou Torres Couto.

«Governo tem dificuldades»

«O Governo tem dificuldades em entender a democracia e em entender-se com a democracia», afirmou, por seu turno, o secretário-geral da CGTP/IN, também à saída de uma audiência com o Presidente da República pelas mesmas razões.

Carvalho da Silva, que acabava de expor ao Presidente da República a posição da «Inter» face aos graves incidentes de sexta-feira, salientou que «o Governo, perante uma situação de serenidade e de responsabilidade dos profissionais de polícia, respondeu com violência, inadequada em democracia».

«O Governo - ajuntou Carvalho da Silva - evoca a inexistência de legislação nesta matéria, quando é ele o primeiro responsável, já que podia impulsionar a resolução do problema».

Ainda Carvalho da Silva: «aos polícias que reclamam diálogo o Governo responde com violência, aos jornalistas diz que estão a usar terrorismo verbal». Para o secretário-geral da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses/IN, «o Governo revela dificuldades em entender a democracia».



Eleições, amanhã, no Sindicato dos Seguros do Sul

MAIS UM TESTE À UGT

Elsa Andrade

As eleições de amanhã para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e Regiões Autónomas (STSSRA) revestem-se, desta vez, de maior importância: um novo quadro de interesses está em jogo. Se, por um lado, pela primeira vez apenas duas listas concorrem ao acto eleitoral - a A (socialistas, social democratas de Pereira Lopes e independentes) e a B (unitários) - os ausentes, os Trabalhadores Social Democratas (TSD), acabam por estar omnipresentes.

Sindicato com forte tradição, nascido ainda no tempo do fascismo sob o signo da legislação corporativa, o STSSRA esteve, na «primavera marcelista», na formação da Intersindical e, mais tarde, no tempo da «Carta Aberta», foi um dos que estiveram na primeira linha da formação da UGT e um dos seus pilares, juntamente com os bancários.

Com cerca de 12.550 filiados e uma taxa de sindicalização da ordem dos 95 por cento, o Sindicato dos Seguros do Sul é um teste para as duas listas concorrentes e para a própria UGT, nestas eleições, as primeiras desde há longo tempo feitas directamente e não em congresso.

Lista A

Ultrapassar promessas para responder aos problemas estruturais

«Ultrapassar as promessas muito concretas, para nos debruçarmos sobre os problemas estruturais do sector» é o lema da lista A, que representa a direcção cessante às eleições no Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e Regiões Autónomas. Maioritariamente socialista, a lista é ainda composta por social democratas (afectos a Pereira Lopes) e independentes e tem como candidato a presidente aquele que tem ocupado o lugar nos últimos anos: Armando Santos.

«O movimento sindical está em retrocesso porque não tem sabido encontrar as respostas que os trabalhadores querem» afirma Armando Santos, que na sua campanha defende que «mais do que negociar tabelas salariais, o sindicato tem também que se preocupar com as grandes mudanças que se estão a operar no sector».

Aquele socialista apresenta-se ao acto eleitoral de amanhã com um programa assente em dois níveis de actuação: a que se destina directamente aos trabalhadores dos seguros e outra virada para o movimento sindical em geral.

A razão é simples: depois de alguns anos à frente do sindicato, chegou à conclusão que só na união do movimento sindical se pode fazer frente às ofensivas que lhe são feitas: «Cavaco Silva tem cometido muitos erros estratégicos, mas conseguiu introduzir novamente na sociedade portuguesa o medo. Foi um plano delineado ao milímetro, que levou à recessão do movimento sindical. Não podemos atacar as centrais, como também sentimos que os sindicatos não podem fazer grande coisa».

E dá como exemplo a sua própria experiência: «Conseguimos este ano negociar a tabela salarial mais alta do sector empresarial do Estado: 9,1 por cento, que com o subsídio de almoço chega aos 9,6 por cento, mas mesmo assim ficou abaixo da inflação, que se prevê atinja os 12 por cento. Foi a melhor, mas é fraca em termos de justiça social».

Conclui: «o movimento sindical tem que enfrentar estes problemas conjuntamente».

Contratação tem que se adaptar às mudanças

Os seguros e a banca, segundo o cabeça da lista A, são os sectores em que a evolução tecnológica mais rapidamente avançou, novos produtos foram introduzidos e a componente estrangeira terá uma maior intervenção. E isso exige uma resposta adequada: uma formação profissional eficaz e a adaptação da contratação colectiva a esta época de mudança.

«A formação profissional do sindicato é diferente da das empresas. Nós não seleccionamos os trabalhadores mais capazes

Se para a lista A, que representa a direcção cessante, ganhar as eleições é dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos anos, o certo é que perdê-las significa, mais do que uma derrota passageira, a derrota da estratégia seguida pela UGT desde o congresso do Coliseu: o afastamento dos TSD, ficando os social democratas representados pela linha Pereira Lopes, num equilíbrio de forças que deixa aos socialistas uma confortável maioria.

Estas eleições são também, por isso, um teste à própria central sindical. O Sindicato dos Seguros do Sul é o primeiro a passar pelo «exame» eleitoral desde que apareceram os sindicatos paralelos dos TSD.

Se os unitários vencerem as eleições, e com uma nova estrutura sindical ao lado com aliciantes como esquemas de saúde próprios, socialistas e social democratas da UGT correm o risco de perder completamente o controlo de um dos sectores onde há anos «dão as cartas».

Por outro lado, o STSSRA é o sindicato onde Torres Couto está filiado, e o seu «símbolo», apesar do secretário-geral da UGT ter ali um cargo mais honorário do que interveniente.

Para a lista B, por sua vez, esta é a grande hipótese de

para desempenhar determinadas funções, mas queremos a formação para todos, como forma de defenderem os seus postos de trabalho», explica Armando Santos, para quem «essa é uma nova responsabilidade dos sindicatos».

Quanto ao contrato colectivo do sector, afirma: «O CCT obedece a determinada filosofia, que tem que ser adaptada às rápidas mudanças do sector. Nós estamos dispostos a flexibilizar, mas não a desregulamentar. É preciso, antes de mais, combater as razões estruturais».

«Em Portugal é proibido negociar. Com a nova legislação, para negociar a redução de um quarto hora no horário de trabalho ou uma cláusula de âmbito social é preciso que o Governo seja ouvido, mas já não é se se tratar de despedir. É um falso liberalismo, uma situação antidemocrática», diz Armando Santos, acrescentando que «desde 1986 que não conseguimos rever o contrato colectivo. É preciso alterar este estado de coisas».

Essa é outra batalha a que se propõe a lista da direcção cessante: «Se as pessoas não vêem resultados desmobilizam. Já não se vai lá só com militância».

Posição crítica do sindicato de Torres Couto

Armando Santos é um socialista com uma voz crítica dentro da UGT, embora também soli-

dária, quando é caso disso. «A UGT aqui não dá ordem», afirma o sindicalista que em primeiro lugar defendeu a unidade das duas centrais na greve geral do ano passado e agora defende a união do movimento sindical para a resolução dos grandes problemas que se lhe põem.

Nome pouco falado num sindicato onde Torres Couto é director, Armando Santos viu o seu nome projectado para as páginas dos jornais quando foi um dos 11 «corajosos» secretários da central que «ousou» dizer «não» ao pré-acordo negociado entre o secretário-geral da UGT e Cavaco Silva. Três meses passados sobre a célebre reunião, é categórico: «Foi um erro, um passo mal dado. Não é uma questão de dizer que os que votaram contra é que tinham razão, mas de uma análise diferente que o tempo provou que estava certa».

«Como sindicato da UGT temos a nossa posição, que não é a de dizer sempre sim à central. O ano passado fomos o primeiro sindicato a pronunciar-se contra a lei dos despedimentos e a fazer apelo à união das duas centrais. E avançamos: fomos também os primeiros a ser ouvidos pelos bispos de todas as dioceses da área do sindicato», diz.

Durante o seu mandato a posição do sindicato tem sido a de que «a nível das centrais, o pluralismo não é mau, desde que sejam capazes de se entenderem nos problemas concretos dos trabalhadores, apesar de manterem as suas diferenças. Só as-

conquistarem a liderança de um sindicato que perderam em 1976 e desde essa altura têm desejado.

Trata-se de um dos pilares da UGT, apesar da sua contribuição para a central ser apenas de 600 contos mensais. O seu poder no seio da central não é tanto financeiro, mas estratégico: sempre maioritariamente socialista, o Sindicato dos Seguros do Sul, tal como os Bancários do Sul e Ilhas, representa um sector tradicional da central e o próprio Torres Couto.

Ganhar a sua presidência significa, para os unitários, darem um rude golpe na estratégia da central, para além de lhe causarem o «incómodo» da sua presença não só no Conselho Geral, como até aqui, mas em órgãos de decisão.

Quanto aos TSD, esta é a primeira vez que não concorrem ao acto eleitoral. A sua aposta passa agora pelo futuro do novo sindicato do sector e afirma-se, embora não publicamente, que os seus dirigentes deram indicação de voto na lista unitária, para derrotarem a da direcção cessante.

Também eles sabem que a vitória da lista B poderá ser uma forma de, após as eleições, verem «cair» no novo sindicato mais uns tantos filiados, a faixa mais conservadora dos seguros do Sul e Regiões Autónomas.



sim se poderá ultrapassar este momento de recessão».

Sindicato TSD: um erro

Sobre a formação recente de um sindicato independente na área de actuação dos Seguros do Sul e Regiões Autónomas, afecto aos Trabalhadores Social Democratas (TSD), Armando Santos afirma: «É uma iniciativa que não nos assusta. A democracia permite isto, embora pense que é um erro dividir os trabalhadores».

«O que está em causa é que o PSD pretende uma terceira central sindical que possa no seio do Conselho Permanente de Concertação Social dizer-lhe sempre sim», acrescenta.

Para o cabeça da lista A, o novo sindicato dos seguros «pode ser um problema grave, mesmo que não seja representativo, porque pode trazer dificuldades na contratação colectiva... mas não problemas ao sindicato».

Segundo afirma, o STSSRA «tem trazido alguns problemas a muita gente. Já em 1983 a Inter tentou criar outro sindicato e alguns delegados não foram ao congresso e abandonaram o sindicato... mas pouco tempo depois voltaram».

Fala-se, embora não publicamente, que os TSD deram indicação de voto na lista B para derrotarem a A. «Não tenho dúvidas que os líderes dos TSD nos seguros estão a dar essa indicação, embora não acredite que o eleitorado o faça», afirma Armando Santos.

Recorde-se que já há três anos «os TSD fizeram um acordo com os unitários para uma lista da direcção e órgãos do sindicato para nos derrotarem. Alguns social democratas não estiveram de acordo e ficaram connosco. O mesmo aconteceu agora para a formação da lista A: os social democratas que estão contra a formação do novo sindicato têm representação nesta lista».



Lista B

Jogar ao ataque para ganhar uma presidência desejada desde 1976

«Combater uma direcção que funciona como agência de viagens» é o objectivo da lista unitária, nas eleições de amanhã identificadas como B, que apresenta José Gueifão como candidato a presidente. Afastada da direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e Regiões Autónomas (STSSRA) desde 1976, a lista unitária tem agora uma hipótese bastante forte de presidir ao destino do maior sindicato do sector numa época de grandes mutações nos serviços. E para o conseguir não esqueceu que o ataque é a melhor defesa.

Respondendo com o ataque, os unitários baseiam nas falhas da direcção cessante a sua campanha. Os socialistas, força maioritária no STSSRA há cerca de 13 anos, são acusados pelo que fizeram e pelo que não chegaram a fazer. «São pouco dinâmicos», é a crítica mais frequente.

Mas para além da actuação da direcção cessante agora representada na lista A, é a forma de encarar os problemas do sector que está em causa, desde a importância do Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) à própria ideologia que se manifesta, por exemplo, nas privatizações.

«Entedemos que a direcção do sindicato deve ser mais virada para os trabalhadores, fazendo-os participar na vida sindical. Esta direcção enconchou-se

no sindicato e funcionou mais como agência de viagens do que como direcção sindical. A comunicação com os filiados era feita sobretudo por escrito e a maior parte dela era sobre viagens em regime de crédito», condena a lista B, única opositora à da direcção cessante.

A nível da contratação colectiva, a lista B acusa a concorrente de tabelas mal negociadas, apesar de reconhecer que elas foram, em média, as mais altas do sector empresarial do Estado.

«A direcção não aproveitou uma certa dinâmica criada na altura das negociações que contou, inclusive, com uma greve com 90 por cento de adesões. Além disso, a informação que durante esse período chegou

aos trabalhadores foi escassa», afirmam.

A não revisão do clausulado geral é também apontada pelo responsável da lista B: «Em 1988 a direcção, alegando falta de condições, não negociou o contrato remetendo o assunto para uma comissão técnica», comissão também ela, segundo José Gueifão, pouco clara: «os estatutos do sindicato, feitos à medida dos interesses da lista A, definem que as comissões profissionais e inter-profissionais serão eleitas por método de Hondt, o que não aconteceu. A direcção, neste aspecto concreto, não respeita os seus próprios estatutos. Não sabemos o que a comissão faz, nem se existe».

As críticas da lista B à revisão contratual não se ficam só no facto de há vários anos não se alterar o clausulado não pecuniário, mas também por «da última vez que foi mexido ficou ainda pior, designadamente nas pensões de reforma».

Defesa do contrato colectivo

«São inúmeros os atropelos ao contrato nas empresas e não há, da parte da direcção, uma

palavra contra. Também não se aposta na formação de delegados sindicais que nas empresas obriguem ao cumprimento do contrato, e a verba foi este ano reduzida em mais de um terço», acusa José Gueifão.

Aliás, o próprio valor dado ao CCT do sector é diferente para as duas listas concorrentes. «As entidades patronais começaram a lançar a ideia de que o CCT não interessa, que o importante são os Acordos de Empresa (EA). Nós desenvolvemos uma intensa campanha contra essa intenção, porque iria fomentar o divisionismo dos trabalhadores. No entanto, a direcção, tal como a entidade patronal, defende os AE», diz o cabeça da lista B, acrescentando:

«a direcção avança com a ideia de que é bom a flexibilização das relações laborais, e depois diz que é contra o pacote laboral».

O sector dos seguros atravessa, segundo a lista B, momentos particularmente difíceis não só no plano económico e social, mas também interno.

«A privatização anunciada das companhias de seguros e a criação do mercado interior co-

munitário (com a liberdade de prestação de serviços e de circulação de pessoas) são aspectos que têm que merecer grande atenção do sindicato», afirma José Gueifão, que defende a formação profissional para todos os trabalhadores, de forma a garantir a reciclagem necessária à manutenção do emprego, e que a implementação de novas tecnologias nas empresas seja acompanhada pelas organizações representativas dos trabalhadores.

Um novo «inimigo» com razões compreensíveis

Mas se, para já, a lista A é o «inimigo a abater», outro incomoda José Gueifão: o novo sindicato dos seguros, recentemente criado sob o patrocínio dos TSD.

«A sua criação veio contribuir para o divisionismo dos trabalhadores, numa altura em que é importante manter a unidade», afirma, acrescentando que o seu aparecimento «radica nas divisões políticas da UGT. Há razões no seu manifesto que nós compreendemos, nomeadamente o desencanto decorrente



da actuação da direcção, mas achamos que é dentro do sindicato que isso se combate».

«São as razões de poder e contra poder na UGT que estão na base da formação daquele sindicato, e não a defesa dos trabalhadores», afirma José Gueifão, membro do Conselho Geral da central sindical, onde tem tido e promete continuar a ter «uma posição crítica».

TSD: a lista que não existe a pensar no outro sindicato

Os Trabalhadores Social Democratas (TSD) não concorrem às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e regiões Autónomas, que decorrem amanhã, ao contrário do que aconteceu em anteriores actos eleitorais. Desencanto com a actuação da direcção cessante e, sobretudo, o aparecimento recente de uma nova estrutura sindical no sector são as razões que justificam o seu desinteresse.

Este é o texto de apresentação da lista que não existe. Apesar disso, a sua inclusão na reportagem sobre as eleições de amanhã justifica-se, quanto a nós, pelo desequilíbrio de forças que poderá causar.

Dias Santos, presidente do secretariado da secção de Seguros

e vice-presidente da distrital de Lisboa dos TSD, embora negando oficialmente aquilo que se diz entre a classe - a indicação de voto na lista unitária dada pelos dirigentes da estrutura à sua base de apoio para derrotar a da direcção cessante - afirmou: «o voto é secreto, e eu,

pela minha parte, não vou votar na lista A».

Segundo o sindicalista TSD, «estas eleições foram objecto de reflexão profunda da tendência. A nossa base de apoio estava de tal forma desencantada com a prática da actual direcção que rejeitou a nossa concorrência, uma vez que a hipótese de vitória era reduzida. Chegámos à conclusão que não era possível mudar o sindicato por dentro».

Dias Santos não pertence à comissão instaladora da nova estrutura sindical do sector - o Sindicato dos Profissionais dos Seguros de Portugal - mas diz que «depois de profunda reflexão,

resolvi aderir após as eleições».

Mostra-se, no entanto conhecedor daquilo que pretendem os sindicalistas que o formaram - social democratas, democratas cristãos e independentes: «o sindicato irá ter uma prática sindical mais consentânea com o sindicalismo moderno, virado para a CEE, e não assente na reivindicação pela reivindicação, como é prática do Sindicato dos Seguros do Sul».

E justifica: «Os problemas dos trabalhadores dos seguros não são só a contratação colectiva, mas também a saúde, a habitação e os tempos livres, por

exemplo».

O vice-presidente da distrital de Lisboa dos TSD considera que «parte considerável dos trabalhadores dos seguros aderirão ao novo sindicato e quanto aos social democratas penso que irão todos para lá».

Faz à direcção cessante as mesmas críticas que a sua tendência faz à componente socialista no seio da UGT: hegemonização, correia de transmissão do Partido Socialista. «O sindicato transformou-se numa sede do PS. A direcção é socialista, tendo um ou dois social democratas que servem para lhe dar uma coloração laranja», afirma.

Dias Santos admite que a formação do Sindicato dos Profissionais dos Seguros de Portugal não se deve só ao desencanto que diz existir entre a classe quanto ao comportamento do Sindicato dos Seguros do Sul, mas é também uma resposta à actual situação interna da UGT.

«A solução saída do congresso do Coliseu não satisfaz a nossa base de apoio. Os social democratas que ficaram na UGT não representam os TSD, e como tal não nos revimos neles nem na actual prática da central», afirma o representante dos TSD nos Seguros.

A Europa radical reunida em Budapeste

BÊÊÊÊÊ... BANANAS

Paulo David
Enviado especial

A dr.^a Popkova, uma economista soviética, disse, um dia, falando de política: uma mulher não pode estar apenas um pouco grávida... falava de política porque se referia à perestroika e a Gorbachev e porque entende que a mudança política, tal como a gravidez, é ou não é. Mas nunca pode ser um pouco apenas... Quem me contou o dito foi Leonid Plouisc, numa das salas do Pavilhão dos Sindicatos Húngaros, onde desde o passado sábado decorre o 35.^o Congresso do Partido Radical, de matriz italiana mas a caminho de se tornar transnacional.

O Partido Radical está em crise, o que nele é um modo relativamente natural de viver. A sua transnacionalidade, se se concretizar, privo-lo-á dos apoios institucionais e financeiros que a sua actual situação de partido italiano lhe proporciona.

Quer dizer, a sua vitalidade, que é a audácia das suas propostas e lutas, obriga-o a alargar-se, a ser o primeiro partido transnacional. Essa mesma vitalidade ameaça-o, porém, com o estrangulamento de meios.

É disto que resulta, talvez, uma outra direcção de transnacionalidade a qual será a de, além de saltar por cima das fronteiras europeias ocidentais preparar o salto entre as chamadas

duas Europas, a do Ocidente e a do Leste.

Eis o significado deste seu congresso em Budapeste (o primeiro que um partido político ocidental realiza no Leste) e eis também o significado que vem do Leste: o governo comunista da Hungria autorizou-o.

Plouisc sente-se ligado ao Partido Radical desde há uma dezena de anos. Diz que os radicais sempre o apoiaram sem reservas, enquanto outros partidos ocidentais se serviram dele, e toma a iniciativa de citar os dois homens políticos da Europa Ocidental que, no mesmo sentido, mais aprecia: Soares, de Portugal, e Craxi, de Itália.

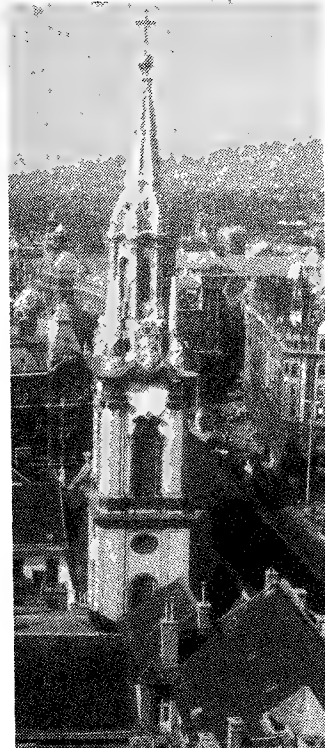
A ideia da avançada dos radi-

cais para a Europa do Leste agrada a Plouisc como bom ucraniano que é. Recorda de imediato a frase de Chvylovys (dirigente comunista da Ucrânia de 1925 a 1933): «viremos a face para a Europa e as costas para a Rússia». E depois de classificar Chvylovys como tendo sido talvez o primeiro eurocomunista, recorda que ele se suicidou em 1933. O dissidente soviético corrige-me quando falo dele como matemático: «Sou um ex-temático, há uma lógica matemática que continuo a aplicar mas, agora, à filologia, à literatura e um pouco à psicologia.»

A mudança

Privado da investigação matemática durante os anos de cativeiro, (1972-1976), Plouisc quis, para sobreviver mentalmente, mudar. E a mudança veio marcada por um interesse pela psicologia, como era próprio da situação em que ele se encontrava. Fala de Jung e da loucura como de um radicalismo integrado, como de um sistema de extremos simultaneamente pensados e acrescenta: «isto, para os psiquiatras soviéticos é a loucura mas, para mim, é semelhante à relação que tenho com Dostoevsky, amo-o e detesto-o, amo a profundidade do seu conhecimento e da sua análise psicológica mas rejeito a sua intensa incapacidade de um pensamento de dualidade lógica entre esses extremos.

Após uma breve variação sobre os opostos e as sínteses da dialéctica, que Plouisc acusa aliás de serem governados por uma monolítica, passamos a uma opinião que o historidador português e membro do Partido Co-



munista, dr. António Hespanha, expressou recentemente durante uma mesa-redonda promovida pelo «Diário de Lisboa» a propósito do mercado único da cultura a partir de 1993.

Foi essa opinião, a de que a Europa do Leste continuaria ainda muito marcada pela mentalidade de Bizâncio, o que levaria a que dissidentes do Leste e europeus ocidentais de súbito descobrissem que, embora se julgem irmãos, são afinal muito diferentes.

Plouisc ponderou a opinião... e concordou, em parte. Logo depois se considerando admirador do racionalismo cartesiano e do pragmatismo inglês.

Esta dificuldade de definição de um pensamento faz lembrar irresistivelmente o atormentado esforço que tem sido feito para se encontrar uma identidade cultural europeia que sirva de cimento ao mercado único de 93 e ao que depois se seguirá. Cimento ao mercado único de 93, a dos doze, e depois possa englobar mais e mais diferentes países, sem que se perca um mínimo de unidade económica e política.

A Jugoslávia e a Turquia aparecem no horizonte, a Europa de Bruxelas já avista o bósforo, o anel mediterrânico, que Marco Pannella sugere, assusta uma identidade europeia há século dividida entre o Mediterrâneo e o Báltico.

Procura-se, portanto, «um sistema de extremos integrado» como diria Plouisc, um radicalismo actuante, por isso, sempre à beira da crise, como Pannella adora, uma vitória cultural sobre a bússola que teimosamente tudo divide em norte e sul e leste e oeste. Será, afinal, a simples questão de acreditar ou não no que dizia Frederico o Grande, da Prússia: «audácia, audácia e sempre audácia.»

A representatividade política de Plouisc é relativa embora o seu anúncio de que vai candidatar-se ao Parlamento Europeu, ao abrigo da legislação italiana, vá muito provavelmente colocá-lo

Plouisc propõe-se para o Parlamento Europeu

Anteontem de manhã, o dissidente soviético Leonid Plouisc anunciou aos jornalistas, em Budapeste, o seu desejo de se candidatar ao Parlamento Europeu pelo Partido Radical de Itália.

Plouisc tornou-se cidadão francês e uma recente alteração da legislação italiana, feita por iniciativa do Partido Radical, permite a qualquer cidadão da CEE de entrar nas listas dos partidos políticos italianos para o Parlamento Europeu.

Será portanto como cidadão francês que Plouisc se propôs a Marco Pannella.

Na declaração que entregou aos jornalistas o dissidente soviético afirma as suas razões: «Desejo afirmar os valores da Federação de Helsínquia para que, todos juntos, possamos construir o Partido Radical Transnacional. Se bem que eu vá ser, oficialmente, um cidadão francês que se candidata pela Itália, a verdade é que serei no fundo um candidato da Ucrânia, um candidato soviético, que tem a esperança e que luta por que um dia o Parlamento Europeu possa tornar-se o Parlamento dos meus irmãos da Ucrânia, da Rússia, dos países bálticos, dos polacos, húngaros, romenos, jugoslavos e dos ovos dos outros países do Leste para que, com eles, haja uma Europa completamente livre e completamente unida, sob o signo da democracia e do direito.»

numa posição de maior relevo. Mas, por ora, pertence ao grupo de Helsínquia. Gostaria de conseguir e nesse projecto se integra, uma federação entre os Estados bálticos, a Polónia, a Ucrânia, a Hungria, a Roménia e a Bulgária.

A enunciação destes países parece a abertura de um canal bem mais importante do que os do Suez e do Panamá. Seria o canal da grande circulação económica, política e cultural entre o Báltico e o Mediterrâneo.

Projectos audaciosos

A audácia destes projectos é tal que já prevê a diminuição a que a obrigará a sua eventual passagem à prática. Budapeste, nesta Primavera de 89, ferve de loucas, pensados e chatas audácias, consentidas por um governo comunista e tomadas verbo público por este 35 Congresso do Partido Radical.

Perante uns quase dois mil radicais, dos quais meio milhar não italianos, Marco Pannella ainda quis perder muitos minutos num ajuste de contas com o Partido Comunista Italiano, guerra que data de 1959 quando Togliatti atacou uma posição publicamente assumida por Pannella. Passado isso, porém, o dirigente radical italiano - que é, apesar de tudo, o menos italiano de todos os os outros - entrou na actualidade e no futuro, dirigindo-se ao fórum democrático húngaro (a oposição em relevo na Hungria) avisou-o de que, ao reivindicar exigentemente, as liberdades democráticas em todas as suas variantes, não deve esquecer de vista a circunstância política. Quer dizer, tem que fazer o seu juízo sobre se há ou não vontade de liberalização por parte do aparelho partidário no poder ou seja o Partido Comunista Húngaro.

Não se trata, segundo Pannella de apoiar sem reservas este Partido Comunista Húngaro. Trata-se de reconhecer que ele já

terá suficientemente mostrado a sua vontade de mudança, como prova a alteração constitucional que permite a existência normal de partidos políticos. E espera-se, como me disse um radical húngaro, que nas eleições do próximo ano o Partido Comunista perca a posição dominante que até agora tem tido.

Ora - continuou Pannella no seu aviso ao Fórum Democrático húngaro - se a reivindicação democrática for feita sem ter em conta o osterior exercício organizado do poder, arrisca-se a por em causa, profundamente, o actual processo de democratização em curso no mundo. A democracia - alertou Pannella - é um sistema de governação e não apenas um sistema de reivindicação.

Na lista de países que Plouisc gostaria de ver federados, de norte a sul da Europa, do Báltico ao Mediterrâneo mas pelo lado do Leste, faltou, naturalmente, a menção de uma cidade: Berlim.

Também ela é uma fascinante porta giratória em tudo isto do Ocidente e do Leste. Lá me contaram há semanas uma anedota política, em modo sorridente de aludir à responsabilidade governativa dos sistemas democráticos.

Trata-se de um diálogo entre dois jovens alemães, um da RFA e outro da RDA. Foi-me dita em inglês e como tal segue, respeitando uma expressão peculiar dos berlinenses e tendo em conta que a abundância ou carência de bananas continua a ser, tal como há vinte anos, um símbolo de saborosa prosperidade ou de anárquica inferioridade. Segue a anedota.

RFA:... Beeee... we have bananas...

RDA:... Beee... wehave socialism...

RFA:... Beee... we are going to have socialism too...

RDA:... Then you will have no bananas, beee...



ESPECIAL FÉRIAS/89 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

ABRIL, MAIO, JUNHO E OUT.

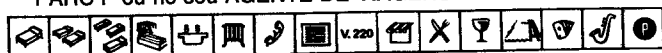
Programa 1: 13 950\$00 — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.
Programa 2: 16 975\$00 — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

16 500\$00 — Programa 1 19 950\$00 — Programa 2

• Peq. Suplemento p/ocupação single
• 1 a 31 de Agosto supl: 1100\$00/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HO-PARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS



Bush satisfeito com resultados dos primeiros três meses

O presidente George Bush declarou-se ontem satisfeito com os seus três primeiros meses na Casa Branca e prometeu uma série de novas iniciativas para as próximas semanas, respeitantes à defesa, ambiente, tráfico de drogas e pobreza. «Tivemos um bom começo durante estes três primeiros meses, reconhecemos, porém, que há um longo caminho a percorrer», afirmou Bush perante a Associação Norte-Americana de Editores de Jornais. O presidente norte-americano, que no dia 29 cumprirá os seus primeiros 100 dias à frente da Casa Branca, assegurou que os seus críticos se equivocaram nas previsões, e disse sentir-se «optimista porque as nossas reformas produziram resultados duradouros». Bush anunciou que legislação sobre poluição atmosférica, uma medida para combater o uso de armas letais pelos traficantes de droga e uma proposta para combater a escassez habitacional «fazem parte do horizonte próximo». Bush, que iniciou na segunda-feira uma viagem por todo o país, com uma visita a Norfolk (Virgínia) para assistir ao funeral das vítimas da explosão do couraçado «Iowa», assinalou que «está muito contente com os progressos atingidos em tão pouco espaço de tempo». Entre esses progressos, o presidente mencionou o acordo com o Congresso para entregar 49,7 milhões de dólares em ajuda humanitária aos «contras» nicaraguenses «a troco de reformas democráticas na Nicarágua» e outro para reduzir o défice orçamental em 100 milhões de dólares.

Ortega convida PE para observar eleições na Nicarágua

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, convidou o Parlamento Europeu a enviar observadores para supervisionar as eleições gerais nicaraguenses de Fevereiro de 1990. Daniel Ortega fez este convite às delegações parlamentares para a América Latina e Central, com quem se reuniu ontem na sede da Assembleia da Comunidade Europeia (CE) em Bruxelas.

«Queremos que prevaleça a opinião de observadores imparciais das Nações Unidas, da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Parlamento Europeu», disse Daniel Ortega referindo-se à honestidade e liberdade das próximas eleições. O chefe de Estado nicaraguense, que no domingo chegou a Bruxelas procedente de Paris, está a efectuar um périplo por 10 países da Europa Ocidental para obter apoio e ajuda económica para o seu país. Após várias reuniões em Bruxelas com representantes do mundo político e cultural latino-americano na Europa, o chefe de Estado da Nicarágua chegou hoje a Madrid para uma visita oficial. O presidente sandinista disse que nas visitas a instituições comunitárias «não foi condicionada uma eventual ajuda financeira ou económica à democratização do seu país». «Estamos comprometidos com uma política de ajustamento que exige apoio financeiro. A Europa pode dar-nos uma grande ajuda pelo facto de os Estados Unidos nos terem bloqueado o acesso às grandes instituições internacionais de crédito», afirmou. Ortega disse no início desta sua digressão que deseja que a Europa ajude o seu país a normalizar as relações com os Estados Unidos da América.

«Nós queremos normalizar as nossas relações com os Estados Unidos. Nós não somos inimigos deles» — disse Ortega, fardado de camuflado, em conferência de imprensa. «Queremos saber exactamente o que é que eles têm contra nós, para que possamos responder.»

Guerrilha salvadorenha diz ter morto 134 soldados

A guerrilha salvadorenha afirmou ter causado 134 baixas, entre mortos e feridos, ao exército do seu país, em combates e emboscadas ocorridos na última semana. A Rádio Venceremos da Frente Farabundo Martí (FMLN), disse que entre as baixas se encontram cinco oficiais. A emissora clandestina não revelou as baixas da FMLN. O exército salvadorenho informou entretanto ter morto 33 guerrilheiros e ferido 12 no período compreendido entre 15 e 22 de Abril. O comité de imprensa das forças armadas anunciou a morte de dois guerrilheiros e ferimentos em outros três nos confrontos com os militares durante o fim-de-semana no departamento de Morazan. Os rebeldes destruíram seis veículos militares, avariaram três helicópteros e dinamitaram 126 postes de transporte de energia eléctrica. A Frente Farabundo Martí, que aumentou as suas acções em São Salvador, a capital, atacou ali dois quartéis e uma guarnição da marinha nacional.

Combates em Beirute recomeçam depois de uma semana de tréguas

Beirute voltou ontem a ser palco de violentos combates entre cristãos e muçulmanos depois de mais de uma semana de tréguas e um dia antes de a Liga Árabe se reunir para analisar a situação no Líbano.

As granadas começaram a cair em zonas residenciais da capital libanesa pouco depois de o comandante das forças cristãs, general Michel Aoun, ter acusado a Síria de estar a reforçar com tropas e armamento as suas posições para lançar uma nova ofensiva.

As explosões fizeram levantar da cama centenas de milhares de habitantes em Beirute forçando-os a procurar refúgio nos abrigos antiaéreos.

Os duelos de artilharia de ontem puseram termo a uma semana de tréguas nos combates que opõem há mais de um mês as forças do general Aoun às tropas sírias e seus aliados, com um saldo de mais de 230 mortos. Desconhece-se qual das partes recomeçou os combates e o número de vítimas entre a população.

Segundo fontes da segurança, a Síria reforçou com duas unidades militares, apoiadas por 208 carros de combate, as suas posições no Norte do Líbano.



Apesar de advertência oficial

ESTUDANTES CHINESES DISPOSTOS A CONTINUAR COM PROTESTOS

Líderes estudantis chineses desafiaram hoje avisos governamentais para acabarem com os protestos, insistindo em tentar espalhar a sua mensagem entre a população em geral. Jornais do governo e do Partido Comunista apresentavam hoje em editorial de primeira página em forma de aviso contra a formação de organizações ilegais, realização de manifestações não permitidas ou protestos de instigação contra o governo.

O editorial, o mais duro surgido em dez dias de protestos, havia sido já ontem à noite transmitido na rádio e na televisão.

Durante uma conferência de imprensa dada por um conselho de coordenação dizendo representar mais de 40 faculdades e universidades, líderes estudantis afirmaram em Pequim que não recuariam nas suas exigências com vista à democracia, direitos humanos, liberdade e aplicação da lei.

Acrescentaram que prosseguiria uma greve às aulas, pró-democracia, e que tentariam conseguir o apoio dos outros trabalhadores.

«É difícil para os trabalhadores decidirem-se, mas uma vez que o façam deixará de ser um governo do povo» — declarou o presidente do conselho coordenador, Zhou Yungjun, que frequenta a Universidade de Política e Direito, onde se realizou a conferência de imprensa.

Entretanto, um jornalista chinês disse a uma agência noticiosa ocidental que o maior receio do governo é que os protestos saiam da esfera universitária e passem a englobar outros sectores da sociedade.

Caso tal aconteça — acrescentou o jornalista — as figuras de linha dura do partido pedirão medidas de segurança mais duras para acabar com as manifestações.

Os estudantes afirmaram, por outro lado, que prosseguiriam a greve às aulas iniciada na segunda-feira até que o governo aceite as suas exigências básicas imediatas sobre diálogo e para que a imprensa noticie o seu movimento correctamente.

Mais de 90 detenções

Entretanto a Polícia prendeu 98 pessoas, incluindo seis estudantes, na cidade de Changsh, no Sul, por actos de pilhagem verificados durante uma manifestação estudantil, refere o jornal oficial.

Segundo o «Diário do Povo», os detidos foram apanhados quando saqueavam 28 lojas e um centro comercial. As autoridades chinesas consideraram estes incidentes os piores verificados nos 40 anos de regime comunista no país.

O jornal acrescenta que dos detidos, 32 são trabalhadores, 28 desempregados, 26 camponeses, seis trabalhadores por conta própria e outros seis estudantes. Dos 98 detidos, 52 estão agora à espera de julgamento.

A onda de violência que também afectou Xian, a antiga capital imperial, começou com os protestos estudantis em Pequim, após a morte, no dia 16, do antigo dirigente comunista Yao-bang.

Na capital chinesa, as autoridades ordenaram às fábricas para evitarem a realização de greves de solidariedade com os estudantes, que hoje realizam o terceiro dia de boicote às aulas, reivindicando reformas democráticas no país.

Apreensão de jornal

Por outro lado, o mais recente número do semanário liberal «World Economic Herald», de Xangai, foi apreendido pelas autoridades, dentro das medidas de restrição à imprensa que se se-

guiram às manifestações estudantis, disseram fontes chinesas.

As mesmas fontes revelaram que funcionários do serviço de propaganda de Xangai, apreenderam todos os 300 mil exemplares do semanário que incluía um artigo sobre um seminário realizado na semana passada em que foi classificada de errada e imoral a demissão de Hu Yao-bang da liderança do partido em Janeiro de 1987.

As mesmas fontes disseram que o «World Economic Herald» — que não é subsidiado pelo Estado e já irritou anteriormente as autoridades — repetiu a edição deixando em branco o espaço ocupado pelo artigo sobre o seminário.

Hu foi demitido por não se ter oposto com firmeza suficiente ao «liberalismo burguês» código para ideias políticas ocidentais.

A sua morte por ataque cardíaco em 15 deste mês provocou uma semana de manifestações contra o governo e a favor da democracia.

As mesmas fontes disseram que a ordem de apreensão do jornal foi dada pelo secretário do PC em Xangai, Jiang Zemin, que é membro do Politburo do Partido Comunista Chinês.

Desequilíbrios psíquicos?

Deficientes condições de vida e de trabalho estão na origem do grande número de problemas mentais que afectam os estudantes das universidades chinesas — afirma hoje o «Diário do Povo», órgão oficial do Partido Comunista Chinês.

O jornal refere que um estudo realizado entre 1332 estudantes da cidade de Tianjin, no nordeste da China, revelou que cerca de um quarto dos alunos mostravam sinais de problemas mentais e que 34 por cento padeciam de desequilíbrios nervosos.

Os desequilíbrios psíquicos que afectam os estudantes chineses poderão estar na origem do grande número de desistências nas faculdades — afirma ainda o órgão oficial do Partido Comunista.

Mauritânia

Recolher obrigatório após mortes de senegaleses

O governo da Mauritânia impôs ontem o recolher obrigatório nas duas maiores cidades do país para tentar pôr fim à onda de violência contra os residentes senegaleses. O recolher obrigatório foi imposto na capital, Nuaquechote, e em Noaudhomb, havendo a registar vários senegaleses mortos, ainda sem confirmação oficial.

Grupos de comerciantes mauritanos, armados com barras de ferro e paus percorreram as ruas da capital atacando cidadãos senegaleses e saqueando as suas lojas, vingando-se dos ataques de que têm sido vítimas os seus compatriotas residentes no Senegal. A

Polícia tem usado jactos de água e gases lacrimogéneos para dispersar as multidões que se juntam para atacar senegaleses. Segundo uma estação de rádio francesa, pelo menos oito senegaleses foram mortos e dezenas ficaram feridos em resultado dos confrontos na capital da Mauritânia. Entretanto, os confrontos entre senegaleses e mauritanos continuam na capital do Senegal, Dacar, pelo quarto dia consecutivo. O exército foi chamado a ajudar a Polícia a manter a ordem na capital do Senegal.

Comerciantes mauritanos e as respectivas famílias, temendo pelas suas vidas, foram escoltados pelas forças de segurança senegalesas durante a noite para uma mesquita no centro da cidade, onde se refugiaram.

Na segunda-feira à noite a onda de violência no Senegal acalmou depois do ministro do Interior ter anunciado publicamente que os culpados de actos de vandalismo seriam punidos.

Nos bairros populares de Dacar começam a sentir-se as consequências dos confrontos, com a escassez de bens de primeira necessidade, porque os mauritanos detinham a maior parte do comércio a retalho da capital.

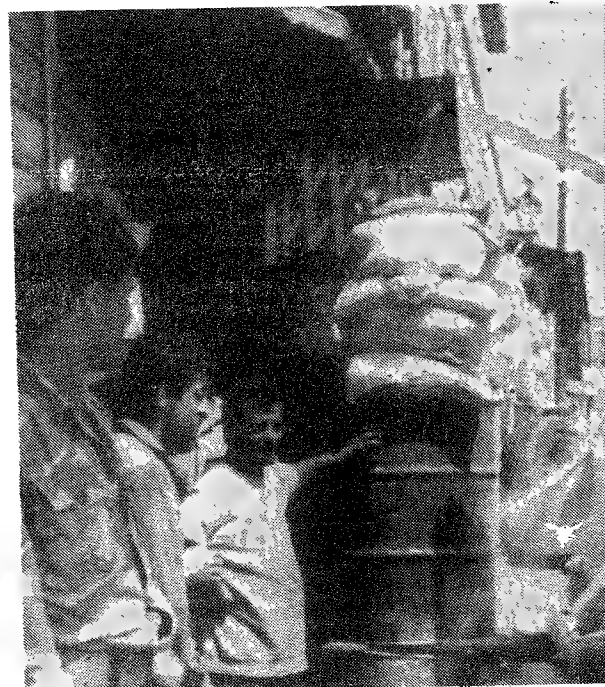
Ambos os países reforçaram a guarda da fronteira nos pontos considerados cruciais. Os confrontos iniciaram-se no passado dia 9, quando dois agricultores senegaleses foram mortos por guardas da fronteira mauritana perto da cidade senegalesa de Bakel.

O Senegal e a Mauritânia têm mantido relações económicas e comerciais de cooperação apesar das rivalidades étnicas.



Várias pessoas permanecem na rua, após o abalo sísmico que ontem atingiu a capital do México. O tremor de terra teve a intensidade de 6,8 graus na escala de Richter. Vários edifícios ficaram danificados. Não há notícia de vítimas.

Os chineses estão "de olhos em bico" com a "invasão" dos jogos electrónicos. Apesar das dificuldades económicas de grande parte da população, os pais chineses não hesitam em gastar o equivalente a 3 meses de ordenado para que os filhos possam experimentar todas as sensações dos jogos electrónicos. Famílias cujo rendimento familiar não ultrapassa os 8.000 escudos mensais, acabam por gastar entre 15.000 e 30.000 escudos para comprar os aparelhos de jogos que, ligados à televisão, se tornam objectos mágicos de culto para as crianças. Estes jogos entraram na China em 1985. O próprio governo chinês tem encorajado o fabrico nacional dos jogos electrónicos, devido à sua componente didáctica, que permite aos 300 milhões de crianças chinesas tomarem contacto pela primeira vez com as novas tecnologias.



Em Beirute, trabalhadores descarregam um camiã provenientes da Síria, como medida de auxílio à população após intensos bombardeamentos que têm destruído a cidade.

Aministia Internacional acusa Chile de torturar presos políticos

A Amnistia Internacional acusou as autoridades chilenas de torturarem os presos políticos que enfrentam condenações à morte e de efectuar julgamentos que não obedecem às leis internacionais. Aquela organização dos direitos humanos afirma terem existido irregularidades em praticamente todos os julgamentos no Chile desde 1982. A pena de morte foi restaurada no Chile nos anos 80 e quatro antigos membros das forças de segurança foram executados por ofensas de carácter não-político, acrescenta a Amnistia. Segundo aquele órgão, os esforços dos advogados e organizações internacionais evitaram a execução de vários presos políticos condenados à morte.

«Todos os presos políticos que enfrentam condenações à morte afirmaram ter sido torturados pelas forças de segurança. Os advogados de defesa têm alegado que confissões obtidas através de tortura são usadas como provas nos julgamentos contra os acusados», acusa a AI. A Amnistia acrescenta ainda que «esses prisioneiros têm sido julgados por tribunais militares cuja imparcialidade é, no mínimo, duvidosa».

Nações Unidas reconhecem direitos dos agricultores do 3.º Mundo

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) decidiu reconhecer os direitos dos agricultores do Terceiro Mundo sobre o valor do material genético das culturas indígenas, disse o director-geral, Edouard Saouma. A decisão foi anunciada após uma resolução da comissão sobre os recursos fitogenéticos que será apresentada, em Novembro, à conferência anual dos 158 países da organização. A FAO recomenda também que os agricultores do Terceiro Mundo sejam compensados pela utilização que é feita deste germoplasma, através da melhoria clássica das plantas e da moderna biotecnologia. O reconhecimento dos direitos dos agricultores é, segundo Saouma, «o resultado do empenho da FAO em desenvolver um sistema global no sector dos recursos fitogenéticos que dê vantagens, seja aos dadores de germoplasma, seja aos dadores de fundos e tecnologias».

Remodelação no governo austríaco

Quatro ministros conservadores do governo austríaco de coligação (socialistas e democratas-cristãos) tomaram posse 2.ª feira em cerimónia presidida por Kurt Waldheim. A remodelação verifica-se uma semana depois do Partido Popular (OeVP conservador) ter eleito Josef Riegler para a sua chefia, em substituição de Alois Mock. Antes da alteração governamental, Alois Mock ocupava as pastas de vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros. Josef Riegler, que no anterior gabinete ocupava a pasta da Agricultura, é o novo vice-primeiro-ministro e um dos dois ministros de Estado. Alois Mock continuará nos Negócios Estrangeiros, para liderar as negociações da adesão austríaca à CEE. Os outros ministros que tomaram posse são Wolfgang Schluessel, que substituiu no Ministério da Economia Robert Graf, Erhard Busek, sucessor de Hans Tuppy nas Ciências, e Franz Fischer, que ocupará o posto de Riegler na Agricultura.

Pentágono também vai reduzir tropas na RFA

URSS INICIOU RETIRADA PARCIAL DE TROPAS DA HUNGRIA

Trinta e um tanques soviéticos saíram ontem da Hungria, embarcados em comboios para a Ucrânia, na primeira fase de uma retirada parcial de forças soviéticas da Europa de Leste. Estes tanques T-64 são os primeiros de cinco mil unidades que deverão abandonar a Hungria, a Alemanha Democrática e a Checoslováquia até 1991, ao abrigo de planos anunciados pelo líder soviético, Mikhail Gorbachev, em Nova York, em Dezembro.

"É um momento histórico da nossa política", disse o coronel Adamenko, chefe adjunto do Estado-Maior do Exército soviético do sul, a cerca de 100 jornalistas que se deslocaram a cerca de 160 quilómetros de Budapeste para presenciar a operação.

Os tanques ontem embarcados pertencem à 13.ª divisão de tanques, chegada à localidade húngara de Kiskunhalas após o levantamento de 1956, esmagado pelas Forças Armadas soviéticas.

OS 10 condutores e oito guardas que acompanhavam os tanques foram os primeiros de 10 mil militares que devem deixar a Hungria, o mais pequeno aliado de Moscovo, no âmbito do Pacto de Varsóvia.

Outros 40 mil efectivos militares do Pacto de Leste deverão deixar a Checoslováquia e a Alemanha Democrática em Maio.

Cerca de 1.000 soldados do regimento a que pertence a 13.ª divisão de tanques começarão a regressar a casa dia 15 de Maio.

Alguns dos tanques serão utilizados em unidades de treino, outros serão aplicados para fins civis, e alguns irão para a sucata - disse o coronel Adamenko.

Saída de soldados norte-americanos da RFA

Entretanto os Estados Unidos anunciaram que vão retirar quatro mil soldados estacionados na Alemanha Federal, no âmbito da eliminação dos mísseis de médio alcance prevista no tratado INF, disse o secretário norte-americano da Defesa, Richard Cheney.

O secretário norte-americano da Defesa informou ontem que os soldados serão retirados da Europa e desmobilizados no âmbito dos cortes do orçamento da defesa previstos para o ano fis-

cal que se inicia em 1 de Outubro próximo.

Falando perante o comité das forças armadas da Câmara dos Representantes, Cheney afirmou que os soldados estavam na Alemanha Federal para operar com os mísseis "Pershing II" que serão eliminados no âmbito do acordo INF, mas não especificou quando eles abandonarão a Europa.

Apesar do exército norte-americano ter exigido a manutenção na Europa dos oito mil soldados ligados aos mísseis para cumprir outras funções, chegou-se a um acordo de que só metade ficaria na RFA, disse Cheney.

O almirante William Crowe, chefe da junta de chefes de Estado-Maior, que se encontrava junto de Cheney durante a audiência, re-

Partido Comunista da URSS analisa resultados das últimas eleições

O Comité Central do Partido Comunista Soviético iniciou uma sessão plenária extraordinária, a primeira desde as eleições parlamentares de 26 de Março, em que saíram derrotados 20 por cento dos candidatos do partido.

Desconhecem-se os motivos da convocação da sessão ou a agenda da reunião, sabendo-se apenas que não trata especificamente a questão das nacionalidades soviéticas, que o líder do

Kremlin, Mikhail Gorbachev, prometeu vir a ser tema de um plenário especial no Verão.

Tem havido apelos crescentes para maior autonomia em algumas das repúblicas da União Soviética, particularmente nos esta-

dos bálticos e na Arménia. Em princípios do mês, 20 pessoas morreram na república da Geórgia na repressão de protestos pelo exército.

Relatos recentes deram conta que as derrotas sofridas pelo

CONCESSIONÁRIOS

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

Audi



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



um camião com sacos de farinha auxilio à população afectada pelos tufões a cidade

AL

de
mité
Câ-
ntes,
sol-
anha
n os
e se-
o do
eci-
ona-

orte-
ma-
oito
aos
utras
m a-
e fi-
ney.

lliam
a de
que
Che-
a, re-

es

Em
ssuas
Geór-
s pe-

conta
pelo

A

Secretário do 1.º Ministro japonês suicidou-se hoje

Escândalo financeiro provocou demissão de Noboru Takeshita

O escândalo financeiro "Recruit" está a causar a maior crise política atravessada pelo governo japonês. Depois da demissão de três ministros, o Primeiro-Ministro Noboru Takeshita reconheceu também o seu envolvimento neste caso e assumiu a responsabilidade pela actual crise política. Em consequência deste caso, o secretário de Takeshita suicidou-se esta manhã.

Um dia depois da demissão de Takeshita, o secretário que tratou dos negócios do escândalo "Recruit", suicidou-se por enforcamento. Ihei Aoki, de 58 anos, enforcou-se depois de ter cortado um pulso e um tornozelo. Takeshita, visivelmente chocado, afirmou "lamentar profundamente" o suicídio do seu secretário, tendo salientado: "caminhámos lado a lado durante mais de 30 anos".

O pedido de demissão do Primeiro-Ministro Noboru Takeshita foi apresentado depois de uma reunião do Conselho de Ministros, tendo sido imediatamente aceite pela direcção do Partido Liberal Democrático, o partido que governa o Japão desde a Segunda Guerra Mundial.

Takeshita deixará a chefia do governo depois de ser aprovado o orçamento de estado, o que poderá demorar um mês. A recu-

sa da oposição em votar o orçamento, devido ao escândalo financeiro que envolveu o governo, foi um dos factores decisivos para a demissão do Primeiro-Ministro. O orçamento poderá agora ser votado durante esta semana. Depois desta aprovação, o orçamento tem que ser analisado pela Câmara Alta, que tem 30 dias para tomar uma decisão definitiva.

Não foi ainda tomada uma decisão sobre a visita de Takeshita aos países da Associação do Sueste Asiático, ASEAN, prevista para sábado.

Takeshita pede desculpa

Em conferência de imprensa, transmitida pela televisão, Takeshita pediu desculpas pelo escândalo que abalou o seu governo. "O caso Recruit provocou uma crise política e como chefe do governo e presidente do Partido Liberal apresento as minhas

desculpas à Nação", salientou Takeshita.

Takeshita e vários membros do partido governamental admitiram ter recebido mais de um milhão de dólares de donativos da companhia "Recruit". Desde finais do ano passado, este caso provocou a demissão de 3 ministros e a prisão de 14 pessoas acusadas de suborno e violações das leis de segurança.

O Primeiro-Ministro japonês admitiu inicialmente, no Parlamento, ter recebido mais de um milhão de dólares da "Recruit", tendo salientado que esse dinheiro constitui "donativos legais" para o Partido Liberal Democrático. Posteriormente, a imprensa noticiou que Takeshita tinha recebido mais de 380.000 dólares, o que foi confirmado no domingo pelo próprio acusado.

Noboru Takeshita, de 65 anos, chegou ao topo da política japonesa em Novembro de 1987, com a fama de melhor anfitrião de fundos para o partido.

Masayoshi Ito, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente do Conselho Executivo do partido governamental, é apontado como o futuro Primeiro-Ministro japonês, mas tem rejeitado comentar essa hipótese.

Dirigente da ETA detido em França

Um dirigente da organização separatista basca ETA foi preso no sudoeste de França, na passada 2.ª feira. Trata-se de José Ramon Lopez de Abechuco Liquiniano, 55 anos, natural de San Sebastian. Foi detido na cidade fronteiriça de Hendaye. Julga-se que Lopez, que passou os últimos três anos na clandestinidade em França, seja membro da Comissão Executiva da ETA, disseram as fontes.

No mesmo dia, a Guarda Civil encontrou três bombas colocadas pela ETA nas linhas férreas Madrid-Burgos e Madrid-Barcelona, tendo duas sido desactivadas e a outra explodido sem causar danos. A ETA tinha anunciado na semana passada que colocaria bombas nas duas linhas de caminhos-de-ferro que poderiam explodir entre as zero horas do dia 18 e as 24h do dia 23.

UGT não apoia Gonzalez

A União Geral de Trabalhadores (UGT), afecta ao Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), decidiu terça-feira não apoiar o governo de Felipe Gonzalez nas eleições europeias de 15 de Junho, dando liberdade de voto ao seus militantes. Esta é a primeira vez que os sindicalistas socialistas da UGT recusam o apoio ao PSOE em eleições, desde que este subiu ao poder em 1982.

Forças da ONU ficam completas esta semana

URSS pede apoio da Cruz Vermelha para fiscalizar situação na Namíbia

A União Soviética, preocupada com a actual situação da Namíbia, pediu 2.ª feira o envio de uma delegação da Cruz Vermelha Internacional para o norte do território, para apoiar a força da ONU ali colocada. O chefe do departamento de África do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Yuri Yukalov, referiu que o seu país está «especialmente preocupado» com o número de mortos, feridos e prisioneiros da SWAPO nos confrontos com o exército de Pretória.

A União Soviética pretende que a Cruz Vermelha verifique o que realmente se passa na Namíbia, onde já morreram mais de 300 guerrilheiros da SWAPO, três ficaram feridos e 32 foram feitos prisioneiros. «São resultados raros para uma batalha. Quase não há feridos e apenas mortos e prisioneiros», comentou Yuri Yukalov. O funcionário soviético salientou a «necessidade do envio de uma delegação da Cruz Vermelha Internacional ao norte da Namíbia para apoiar a ONU».

O grupo de observadores militares da ONU na Namíbia vai atingir a sua dotação máxima de 4650 elementos durante esta semana. Um último contingente de soldados malaio deve chegar hoje a Windhoek, elevando a força da ONU para o limite aprovado pelo Conselho de Segurança.

A Malásia, o Quênia e a Finlândia fornecem três batalhões alargados de infantaria, a dotação principal da força, que era somente de 300 elementos no primeiro dia da operação da ONU no antigo Sudoeste Africano, dia 1 de Abril.

«A fragilidade do corpo da ONU foi atribuída, parcialmente, à culpa dos combates que vitimaram centenas de guerrilheiros namibianos, no confronto com tropas sul-africanas, que também registaram vítimas, no Norte da Namíbia».

Os confrontos fizeram recuar pelo colapso de toda a operação, que deve supervisionar a preparação de eleições gerais e a ascensão do território à independência.

Face a problemas ainda existentes no território, funcionários da ONU dizem que a situação está agora totalmente sob controlo.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, disse que não pôde enviar para a Namíbia, no início da operação, tantos efectivos como ele queria, pois a disputa sobre o tipo de força e o seu financiamento atrasaram a adopção da necessária resolução na sede das Nações Unidas.

feriu que o número máximo de soldados que os Estados Unidos podem manter na Europa é muito baixo.

Os Estados Unidos têm na Alemanha Federal 205 mil soldados e em toda a Europa 343 mil militares.

Cheney salientou que 1989 não é o ano ideal para retirar grande número de soldados norte-americanos da Europa, o que será feito através de negociações com a União Soviética e consultas com os aliados europeus da NATO.

O tratado INF, assinado em 1986 pelo então Presidente norte-americano Ronald Reagan, e o líder soviético, Mikhail Gorbachev, contempla a eliminação de todos os mísseis de médio alcance das suas superpotências.

partido nas recentes eleições para o Congresso dos Deputados do Povo causaram apreensão e incerteza em organizações regionais do partido.

Analistas políticos estão atentos para saber se o membro suplente do Politburo, Yuri Solovov, a perda de mais alto nível do partido nas eleições, manterá ou não o seu posto.

O plenário poderá também convocar um congresso extraordinário do partido se houver membros que queiram expulsar do Comité Central os que perderam as eleições.

Reformados mais de 100 membros do CC do PCUS

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética passou à reforma 74 dos seus membros efectivos, incluindo o antigo presidente Andrei Gromiko, num passo importante na via da «perestroika». O líder Mikhail Gorbachev obteve assim a retirada de 11 dirigentes ligados estreitamente ao seu antecessor, Leonid Brejnev. No total, são 110 os dirigentes do topo partidário - Comité Central e Comissão Central de Controlo do partido - passados ontem à reforma, por medida aprovada unanimemente na reunião do organismo partidário.

Perez de Cuellar na Polónia

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, chegou ontem à capital polaca para uma visita oficial de dois dias, anunciou a agência de notícias oficial PAP. Perez de Cuellar visita a Polónia para conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Tadeus Olechowski, acrescentou a agência PAP. A imprensa oficial destaca que a visita contribuirá para o fortalecimento da posição polaca na cooperação multilateral a favor da paz e na solução dos problemas económicos internacionais que afectam os interesses da Polónia.

Ministro afegão ameaça Paquistão

O ministro afegão dos Negócios Estrangeiros, Abdul Wakil, avisou o Paquistão, durante reunião do Conselho de Segurança da ONU, de que é tão vulnerável aos «rockets» como o Afeganistão. «O Paquistão deve compreender que o seu território é tão vulnerável a ataques com 'rockets' como o território da República do Afeganistão», disse. Esta é a segunda intervenção de Wakil no debate, iniciado em 11 de Abril, sobre acusações de que o Paquistão está a auxiliar com tropas e armas os rebeldes mujadine na sua luta contra o governo de Cabul.

Direitos humanos na Roménia

Um perito suíço em Direito Internacional foi ontem designado enviado especial das Nações Unidas para investigar alegadas violações aos direitos humanos na Roménia, anunciou um porta-voz das Nações Unidas. A nomeação do advogado Joseph Voyame como «relator especial» segue-se à adopção, em Março, de uma resolução em que a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas manifestou preocupação face «às acusações de graves violações dos direitos humanos e liberdades fundamentais na Roménia». Numa atitude sem precedentes, a Hungria, país aliado da Roménia no Pacto de Varsóvia, juntou-se aos sete países ocidentais que solicitaram a realização do inquérito.

Condenada à morte a responsável por explosão de avião

Um tribunal de Seul condenou ontem à morte por enforcamento a jovem acusada de ter feito explodir um avião sul-coreano, em Novembro de 1987, provocando a morte dos seus 115 passageiros. Segundo fontes oficiais, o governo sul-coreano que responsabiliza a Coreia do Norte pelo atentado, poderá comutar a pena de Kim Hyun-Hui, de 27 anos. As fontes dizem que apesar de a jovem se afirmar culpada, o governo de Seul considera-a um mero peão dos comunistas norte-coreanos. Kim, também conhecida por «Mayumi» de acordo com o passaporte falso que usava, disse ao tribunal que colocou as bombas a bordo do aparelho sul-coreano cumprindo ordens directas de Kim Jong-Il, filho do líder norte-coreano, Kim Il-Sung.

Estado de saúde de Kadar agrava-se

O agravamento do estado de saúde do antigo líder do Partido Comunista Húngaro, Janos Kadar, tornou-se um «processo irreversível», informou a rádio nacional da Hungria. Kadar, de 76 anos, foi substituído por Karoly Grosz como chefe do partido num congresso extraordinário realizado em Maio passado após 32 anos no poder. Foi-lhe dado o recém-criado posto honorário de presidente do partido.

Indonésia quer discutir direitos humanos

As autoridades de Jacarta vão informar o vice-presidente norte-americano, Dan Quayle, sobre a situação dos direitos humanos na Indonésia durante a sua visita ao país na próxima semana - informou a agência oficial Antara. O embaixador indonésio em Washington, Abdul Ramly, citado pela agência, disse ter-se avistado em Jacarta com o vice-presidente Sudharmono para debater a questão, adiantando, no entanto, que o assunto não terá «importância relevante» na agenda de Dan Quayle. O vice-presidente norte-americano, que hoje iniciou em Camberra uma digressão pelos países aliados da região da Ásia - Pacífico, chegará no próximo domingo a Jacarta para conversações com o presidente Suharto e o vice-presidente Sudharmono.

Alder Dante: homenagem graúda

No salão Moinho de Vento, em Almeirim, foi ontem homenageado o árbitro Alder Dante, que detém as insígnias da FIFA e é um dos juizes internacionais do futebol português. Nascido a 3 de Outubro de 1939, (em S. Tiago Maior, Alandroal), Alder Dante da Silva Santos (professor na Escola n.º 1, de Almeirim), estreou-se como juiz futebolístico a 27 de Maio de 1967 e, a partir daí, dirigiu 23 jogos internacionais, 167 do nosso campeonato nacional da 1.ª Divisão, 27 para a Taça de Portugal e diversas outras partidas, num total de 570 duelos: o que equivale a dizer que (mais ou menos) foram 900 horas de sustos, vaia e aplausos. O que (convenhamos) desgasta um homem que, em Dezembro, e por força da regulamentação em vigor, vai oficialmente deixar o apito.

A volta de Alder Dante estiveram mais de meio milhar de amigos, com o juiz de Almeirim a receber toda a sorte de prendas e distinções, desde a «Medalha de bons serviços desportivos» (atribuída pelo Ministério da Educação) à «Medalha do concelho» (da Câmara Municipal de Almeirim) passando por recordações de dezenas de entidades particulares e desportivas.

Ao lado de sua mulher, Alder Dante escutou o «elogio oficial» feito por Nené (o mais «internacional» dos nossos futebolistas: 66 chamadas à equipa das quinas, mais duas que Eusébio e

cont. na pág. 19



Elogio por Nené



Silva Resende (FPF)



Medalha do concelho de Almeirim



João Santos (Benfica)



Valentim Loureiro e Manuel Fernandes defronte de Carlos Valente



Vitor Baia: «dêem-me as mãos, para deixar de sonhar»

Sub-21: Portugal, 1-Luxemburgo, 0



A turma de sub-21 rubro-verde

O TRIVIAL: UM ÚNICO GOLINHO MESMO COM O RÉS-DO-CHÃO EUROPEU

Neves de Sousa

Jogo vivinho na entrada, morrinho ao virar da página e friorento ao fechar do livro. Embora se possa (logicamente) adiantar que sair do comando da dupla Carlos Queirós - Nelo Vingada para a chefia de Juca - Barnabé terá tido os seus efeitos, não diremos a nível de capacidades dos técnicos mas (muito especialmente) porque havia uma habitação a estilo completamente diferente e, como é óbvio, também a ausência de João Pinto (Boavista) o grande estratega da equipa, fizeram com que os nossos campeões mundiais de juniores, agora na selecção de sub-21, com vista às Olimpíadas de Barcelona, não tivessem conquistado completamente o público de Almeirim e, tampouco, mostrado (através da transmissão TV para os Açores e Madeira) a valia global e individual da maioria dos seus integrantes.

No período de abertura, os portugueses dominaram quase a bel-prazer: todavia, sem um chutador como Amaral e com os outros a comemorarem outro dia de festa que não o da sua apresentação em terras lusitanas e num tapete de relva que merecia todo o carinho, ficou-se pelo zero no «placard», castigo para quem (por exemplo) tinha conquistado cinco pontapés de canto (contra nenhum) e obrigado Koch a debelar alguns «bacilos» que se preparavam para vergar o seu soberbo «cabedal» (quase dois metros de altura) e morarem encostados ao barbante.

No intervalo, pensou-se que uma possível entrada de Folha calibraria melhor os últimos disparos lusitanos: não se operou qualquer modificação e, não fora um «tiro» do excepcional Jorge Couto (que embateu na trave superior) ter sido recolhido e, logo impulsionado para a rede, pela cabeça de Filipe e tudo ficaria em branco, o que significava que se desperdiçava ótima ocasião de subir na escala à custa de um parceiro que nem pelo

facto de apresentar um sujeito de 30 anos, com 51 internacionalizações A (o «líbero» Weis), merecem qualquer saliência especial, antes dando a sugestão (acelerada) de que se trata, exclusivamente, de um aglomerado de aplicados estudantes de qualquer outra disciplina que, de vez em quando, metem botas a caminho e fazem um joguinho de bola para pretexto de rica janturada.

Portanto: nada de embandeirar em arco, dada a falta de qualidade luxemburguesa, apenas com o guardião a dar nas vistas porque, ou defendia chutos atirados em estilo de passe ou via a esfera passar a léguas da esquadria de madeira que defendia. Nos portugueses, «show» magnífico de Jorge Couto, belo trabalho de Abel, mérito (ainda) para Sousa, Filipe, Valido e Hélio. Incompreensível (para o mortal comum que vai seguindo atentamente estas coisas da bola) o ostracismo a que se reduziu Bizarro, brilhante na campanha da Arábia Saudita, a favor do apelo a Vítor Baia que, com ou sem convívência do seu clube (o Porto) não acompanhou os colegas na conquista do supremo galardão mundial da categoria. A saída, o próprio Alder Dante era um dos muitos assistentes (entendidos na matéria) que comentava a escolha de Juca - Barnabé: mas, como tudo acabou em bem, espere-se por novo exame para ver como ficam as modas.

Após o jogo a classificação do grupo 7 de apuramento para o «europeu» é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	2	1	1	—	4-1	3
Portugal	2	1	1	—	2-1	3
Checoslov.	2	1	—	1	4-3	2
Luxemburgo	2	—	2	—	0-5	0

Próximos dois jogos: Bélgica - Checoslováquia (29 de Abril) e Luxemburgo - Bélgica (26 de Maio).



Koch só uma vez seria batido



Foi o golo, Filipe (camisa 10) recebe o primeiro abraço

Com óptima arbitragem do espanhol Perez Sanchez (que esteve acompanhado por Calvo Cordoba e Sanchez Molina) actuaram:

Portugal: Vítor Baia; Abel, Valido, Fernando Couto e Paulo Madeira; Tozé, Sousa, Hélio e Filipe; Jorge Couto e Paulo Alves.

Luxemburgo: Koch; Bernardy (Speller, 78), Wilhelm, Weits e Wagner; Ganser (Thill, 66); Gorergen, Holtz, Groff e Saibene; Morocutti.

Cartão amarelo para Valido, Holtz e Filipe. Golo por Filipe aos 47 minutos.

Mozer: em Marselha a caminho de Roma?

Tal como era esperado, contando o Benfica com o espectacular central Ricardo (e, ainda, com Samuel, Garrido e Valido em «stand by») acentua-se a possibilidade de saída da Luz do brasileiro Mozer, pretendido por diversas colectividades estrangeiras que por ele oferecem montantes compensadores e (até) «interessantes» para a tesouraria da águia mais adiantadas com o Olympique de Marselha que (muito bem) pode servir de futuro trampolim para o Roma que, como informámos há alguns meses, mantém interesse no concurso do técnico Artur Jorge.

«Esperanças»

Realizaram-se ontem diversos encontros a contar para o Euro-

peu da categoria, tendo-se registado os seguintes resultados: Bulgária, 6-Dinamarca, 0; Ingle-

terra, 2-Albânia, 0; RFA, 1-Holanda, 0; URSS, 1-RDA, 0 e Grécia, 1-Roménia, 0.

Meninas em acção

Para a Taça Nacional de futebol feminino, disputaram-se dois jogos em atraso da jornada de abertura, com os seguintes desfechos na Zona Norte: Bo-

vista - Académico de Espinho, 6-0. Classificação: Boavista, 14 pontos; Sporting de Braga, 10; Académico de Espinho e Alba, 6; Leça do Balio, 5, e Torre do Moncorvo, 3. Zona Sul: União de Coima - Carcavelos, 1-2. Classificação: Costa do Estoril, 14 pontos; Académico de Alvalade, 9; Terras da Costa e Carcavelos, 7; União de Coima, 5, e Mártir Santo, 0.

Humberto Coelho) que concluiu as suas palavras dizendo de Dante que «ele é como o «Tolam»: ninguém o consegue virar...» E depois do jornalista Carlos Arsénio (da Comissão organizadora da homenagem) ter lido o teor de muitos telegramas (Tirsense, Sporting de Braga, Barreirense, alunos, pessoal e colegas da Escola n.º 1, de Almeirim e muitos outros amigos), veio uma torrente de discursos, escutados por uma plateia onde estavam todos os demais árbitros «internacionais» e grande parte dos que militam nas principais divisões do nosso futebol. Tudo isto entremeado com lembranças que foram desde uma caricatura feita por Francisco Zambujal (de «A Bola») até jarjões de porcelana e peças de cristal, passando por taças e placas, medalhas e distintivos, salvas de prata e estatuetas.

E falaram: Manuel Abreu, Vítor Cebola (Associação de Futebol de Santarém), João Santos (Benfica) que estava acompanhando por Gaspar Ramos, dr.ª Suzete Abreu e Mário Oliveira, Valentim Loureiro (Boavista) também na qualidade de presidente da Liga Portuguesa dos Clubes Profissionais de Futebol, Pinto de Sousa (presidente do Conselho Nacional de Arbitragem), Alfredo Calado (Câmara Municipal de Almeirim), prof. Eduardo Saraiva (Direção-Geral dos Desportos) e Pereira da Silva (governador civil de Santarém).

Às 15 e 05 entrou na sala o dr. Silva Resende (presidente federativo) que, discretamente, foi felicitar o homenageado e, logo, voltaram os elogios e as ofertas: Estrela da Amadora, Barcínio Pinto (Belenenses), Manuel Ribeiro (Alverca), Manuel de Almeida (o popular «Manel das tripas», recente candidato à presidência benfiquista de que abdicou para apoiar a lista liderada por João Santos), Conselho de Arbitragem de Lisboa, União de Santarém, União de Almeirim, Desportivo de Torres Novas, Armando Paraty (antigo árbitro), Juventude de Évora, João Rodrigues (presidente da AFL e candidato à chefia do executivo federativo), Conselho de Arbitragem de Coimbra, Lusitano de Évora, Associação de Futebol de Portalegre, Sousa Marques (antigo membro de direcções sportinguistas), José Plaza (presidente da Comissão Nacional de Arbitragem de Espanha) que estava acompanhado pelo trio de juizes que daí a pouco iria dirigir o Portugal-Luxemburgo, Sport Lisboa e Évora, União da Madeira, João Morais (um árbitro com 17 anos de idade!), Futebol Clube do Porto, António Ribeiro (Associação Portuguesa de Árbitros), Penafiel, Gil Vicente, Associação de Futebol de Castelo Branco, Futebol Clube de Vizela, Leixões, árbitro Pinto Correia (também pelo Núcleo «Américo Barradas»), João Simãozinho, Lopes Galrito, João Mesquita, Conselho de Arbitragem e Associação de Futebol de Setúbal, Académico de Viseu, ex-juiz José Guedes, Wilson Brasil, Jorge Teixeira, Fernando Vacas e Matias Bento (fiscais de linha de Alder Dante), Sacavenense, ex-juiz Marques Pires e muitos outros vultos ligados ao futebol. Na sala (e ao acaso) os «internacionais» António Oliveira e Manuel Fernandes, António Garrido e Manuel Lousada, além de membros da comunidade local e figuras da Comunicação Social.

Alder Dante concluiria em palavras vibrantes, confessando: — Tenho a certeza de que muitas vezes adulei a lei: resta-me a consolação de nunca ter antecipadamente preparado qualquer erro. Dos meus lapsos me penitencio.

Foi uma oração de coragem e humildade: afinal, a linha de rumo de um árbitro com invulgar personalidade e classe acima da que marca (normalmente) o vulgar juiz do jogo-rei.

Neves de Sousa



João Rodrigues (AFL)



O popular «Manuel das tripas»



Barcínio Pinto (Belenenses)

Esta noite (21,30) no Estádio da Luz

PLANO DE AGRESSÃO CONTRA ESTILO DE PRECISÃO

Alves Henriques

Falta Futre e Diamantino, Alvaro e Rui Águas, Jaime Pacheco e Fernando Mendes, Jaime Magalhães e Fernando Gomes, todos eles pedras angulares de uma equipa que se pretende agressiva, dinâmica e vigorosa para o confronto de hoje, frente aos helvéticos. Faltam uns porque se encontram lesionados e outros por razões diversas, mas a verdade é que não constam no grupo dos dezasseis escolhidos para esta 3.ª chamada. E convenhamos que não é fácil superar o talento de Paulo Futre, a clarividência de Diamantino Miranda, o vigor atlético de Alvaro ou Fernando Mendes, a velocidade de Jaime Magalhães, a visão e o discernimento de Pacheco ou a objectividade do insubstituível «capitão» das Antas.

Nada de atribuir culpas a Juca, já que Futre, Águas e Alvaro se encontram «indisponíveis» devido a lesões, Fernando Gomes tem andado a treinar clandestinamente e sobre os demais acima referidos, terá o seleccionador os julgados em condições de parca garantia.

Uma equipa inquestionavelmente desfalcada de elementos de altíssima valia será aquela que hoje será presente aos milhares de portugueses mas, em todo o caso, sabemos que o «onze» eleito por Juca e seus pares reflete o somatório bastante de virtualidades, talento e engenho para superar a «precisão» do fu-

tebol helvético, dirigido pelo sabedor Jeandupeux e que conta com Hermann como o «motor de explosão» dum futebol que tem pouco de suave e nada de tacanho, mas muito de disciplinado, versátil, vigoroso e agressivo.

Depois do magro triunfo averbado frente aos «toscos» do Luxemburgo e do comprometedor «nulo» registado frente à Bélgica, qualquer ponto cedido no nosso burgo, poderá fazer ruir as legítimas esperanças de conseguirmos o desejado passaporte para Itália.

Recorde-se que a Suíça venceu o Luxemburgo por 4-1 e em Bruxelas não consentiu mais do que impedir a Bélgica de ir além de 1-0. Estes dois resultados elucidam, de forma inquestionável, as potencialidades actuais do conjunto helvético e tanto Juca como os seus parceiros da comissão técnica federativa, devem estar suficientemente esclarecidos quanto ao momento presente do seu opositor da noite de hoje.

Qualquer desaire sofrido no majestoso palco da Luz, onde se espera a presença de muitos milhares de adeptos do futebol, será a degola das nossas ambições. Juca sabe disso e daí a escolha dum quadro em que se vislumbra tendência calculista.

Silvino na baliza. Nada a opor, porque se trata dum guarda-redes em excelente momento

de forma e o «frango» consentido no confronto com a Bélgica não lhe terá retirado força psicológica; na defesa, porque Alvaro e Fernando Mendes se encontram lesionados, tudo indica que Juca escolheu com acerto, os quatro que montarão o «dique» fronteiro a Silvino, cabendo a Nunes (ou Oliveira?) a tarefa de «trinco»; no «miolo» falta Diamantino, Pacheco e Magalhães, mas na verdade, Paneira e André são peças fundamentais para apoiar o «ratinho» de Turim e os «moralizados» Domingos (ou Sousa?) e César Brito.

Favoritismo para Portugal? Naturalmente. Porque reúne um plantel de superior craveira técnica e porque actua em terreno próprio. Optimismo não escasseia. Nem a nós, nem aos técnicos e atletas, mas ele terá que ser usado com inteira moderação para evitar a repetição de «desgostos» ocorridos em tempo bem recente.

Vamos pois à Luz, tributar vigoroso apoio aos futebolistas lusos, mas, seja-nos permitido pedir aos intérpretes do nosso

emblema que justifiquem esses nossos propósitos.

Jogos disputados

Luxemburgo - Suíça	1-4
Luxemburgo - Checoslov. ..	0-2
Bélgica - Suíça	1-0
Checoslov. - Bélgica	0-0
Portugal - Luxemburgo	1-0
Portugal - Bélgica	1-1

Classificação

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	3	1	2	0	2-1	4
Checosl.	2	1	1	0	2-0	3
Portugal	2	1	1	0	2-1	3
Suíça	2	1	0	1	4-2	2
Luxemb.	3	0	0	3	1-7	0

Outros jogos de hoje

A fase eliminatória do Campeonato do Mundo tem hoje mais os seguintes jogos: Grécia - Roménia (Grupo 1); Bulgária - Dinamarca (1); Inglaterra - Albânia (2); URSS - RDA (3); Holanda - RFA (4); Escócia - Chipre (5); Malta - Irlanda do Norte (6); e Eire - Espanha (6).

Equipas prováveis

Jogo no Estádio da Luz, em Lisboa, às 21.30 horas.

Árbitro: Alan Gunn (Inglaterra), auxiliado por Lewis e Dunn. PORTUGAL - Silvino (Benfica); João Pinto (FC Porto), Sobrinho (Belenenses), Frederico (Boavista) e Veloso (Benfica); Vítor Paneira (Benfica), Nunes (Marítimo), André (FC Porto) e Sousa (FC Porto); Rui Barros (Juventus) e César Brito (Portimonense) e Domingos (FC Porto).

SUÍÇA - Brunner; Marini, Perret, Weber e Birrer; Koller, Andermatt, Hermann e Zuffi; Beat e Sutter.

«Tabaqueira Open de Portugal»

Cunha e Silva: portugueses em prova

O tricampeão nacional João Cunha e Silva foi o único português a passar ontem à segunda eliminatória do Tabaqueira Open de Portugal/Troféu Artur Mantero, um torneio de ténis de 75 mil dólares em prémios monetários, e que teve o início do seu quadro principal na passada segunda-feira, no Estádio Nacional.

João Cunha e Silva causou sensação, pois derrotou o cabeça de série número seis da prova, o argentino Guillermo Rivas, classificado na 155.ª posição do «ranking» mundial, enquanto o lisboeta figura no 282.º lugar. Deste modo, o tricampeão nacional conseguiu travar a queda progressiva que o seu «rank» registava. Derrotado nas primeiras rondas dos 75 mil dólares de Tróia e do Porto, Cunha e Silva arriscava-se a cair para lá dos 300 do mundo, caso sofresse novo desaire na primeira eliminatória. Com este triunfo, somou mais sete pontos ATP, mas terá de passar, pelo menos, mais um adversário, se quiser defender os 11 pontos conquistados no ano passado, durante esta semana.

Frente a Guillermo Rivas, Cunha e Silva fez o jogo perfeito. Sempre muito seguro e determinado, não se impressionou com o «break» sofrido logo no primeiro jogo do encontro, e respondeu com um «contra break» no serviço do argentino, graça que repetiu ao sexto jogo, e que lhe permitiu fechar o primeiro «set» a seu favor, por 6-2.

Na segunda partida, as coisas ainda correram melhor, e o por-

tuguês não deixou Rivas somar algum jogo, pelo que o jogador argentino optou pela desistência quando o resultado lhe era desfavorável por 5-0. Como se sabe, o abandono só é permitido no ténis quando o jogador alega problemas de saúde, pois é considerado uma atitude antidesportiva e de desrespeito para com o público, tendo-se Rivas desculpado com uma indisposição. O juiz-árbitro informou-nos, mais tarde, que o argentino não sofreria nenhuma penalização.

E já que falamos em público, diga-se que este foi algo desalentador para com Guillermo Rivas, aplaudindo os seus falhanços, comportamento que o argentino não merecia, pois até chegou a dar como dentro dois serviços de Cunha e Silva que foram assinalados como fora pelo juiz de linha.

Estranho cordeiro

Um autêntico enigma constituiu a actuação do ex-tetra e actual vice-campeão nacional, Pedro Cordeiro, derrotado ao fim de uma maratona de duas horas e 55 minutos, com o argentino Roberto Arguello, por 4-6, 6-1 e 6-0.

O resultado diz tudo. Depois de um primeiro «set» onde a combatividade de Cordeiro se revelou superior à maior rodagem de Arguello, o português pareceu sair do jogo, e nunca mais conseguiu entrar. O segundo «set» foi um verdadeiro desastre, e no terceiro Cordeiro bem tentou lutar contra as adversidades, com o recurso a um jo-

go mais atacante, mas nada lhe saiu bem. O descabro atingiu um ponto tão absurdo que, nesta última partida, Cordeiro apenas somou quatro pontos, na «bicicleta» de 6-0.

E foi pena, já que uma vitória sobre o número 194 do mundo nunca é de desprezar (Cordeiro é o 609), principalmente quando se sabe que Arguello já foi o 36.º em 1984.

Marco Seruca, o primeiro português a actuar ontem, perdeu uma boa ocasião de passar, pela primeira vez, na sua carreira uma ronda num torneio ATP, dada a acessibilidade do adversário saído do sorteio. Com efeito, o canadiano Doug Burke (210.º do «ranking», enquanto Seruca ocupa a 723.ª posição) não se revelou um oponente difícil.

Marco Seruca só se pode culpar a si próprio pois, sem jogar mal, acabou por falhar na sua maior arma, a esquerda «lftada», quer em erros não provocados quer em «passing-shots» gorados, não conseguindo impedir o canadiano de subir à rede para concluir os pontos. O resultado final de 6-2 e 6-4, para Doug Burke, espelha bem a história do encontro, onde o último «set» só ficou decidido quando Seruca perdeu o serviço aos 4-4.

Depois de Cunha e Silva, o português que mais impressionou foi o júnior Bernardo Mota, eliminado segunda-feira pelo uruguaio Diego Perez, com os parciais de 7-5 e 6-3.

Esta era considerada uma missão impossível, pois Diego Perez é o 156.º jogador ATP,

enquanto Bernardo Mota ocupa a 1067.ª posição, para além do uruguaio ser conhecido por um «rato» do circuito profissional, onde actua há mais de dez anos.

Bernardo Mota, de 17 anos, está fisicamente bem, e melhorou a nível psicológico, embora ainda necessite de trabalhar esse aspecto. Há um ano atrás, o tenista do CIF não teria salvo seis «set-points», como aconteceu na primeira partida. Por outro lado, a sua esquerda, apesar de ainda não constituir uma arma, já não representa a lacuna de outrora.

Outros resultados

Nos restantes encontros, em que não intervieram jogadores portugueses, os resultados foram os seguintes, com destaque para os cinco cabeças de série eliminados logo na primeira ronda, pelo que sobram apenas três:

Michael Robertson-David de Miguel: 6-4 e 6-0; Marcelo Ingaramo (c.s. n.º 5)-Jesus Colas: 7-6 (7/4) e 6-3; Andrei Cherkasov (c.s. n.º 1)-Raul Viver: 7-5 e 6-3; Gabriel Markus-Jaroslav Bulant (c.s. n.º 4): 7-6 (8/6) e 6-3. Cyril Suk-Massimo Cierro: 6-4 e 6-2; Gerado Mirad-Sergio Bruguera (c.s. n.º 2): 2-6, 6-3 e 6-4; Michael Tauson-Stefan Lochbiller (c.s. n.º 8): 6-4 e 6-2; Tomas Carbonell-Hans Schwaier: 6-3 e 6-2; Paul Haarhuis-Udo Riglewski (c.s. n.º 3): 7-6 (7/1) e 6-2; Alejandro Aramburo-Xavier Daufresne: 7-5 e 6-3; Francisco Roig-Christian Miniussi: 6-4 e 7-6; Pedro Rebolledo-Jerome Potier: 7-6 (7/1) e 6-1.

Hugo Ribeiro

Andebol

Benfica arrecada Taça de Portugal

Benfica e a Associação Desportiva de Oeiras, disputaram em Santiago do Cacém, a final da Taça de Portugal, em Andebol (categoria de seniores) cabendo às atletas benfiquistas arrecadar o cobiçado troféu, ao derrotar as suas opositoras por 14-11. Foi um encontro que valeu pela emoção, empenhamento e entusiasmo já que, em termos de qualidade técnica, não abundaram razões para elogio.

Arbitrou a dupla formada por João Lapa e Narciso Lopes e as equipas alinharam e marcaram:

Benfica - Irene Henriques; Paula Santo, Cecília Matos, Judith Paris, Denise Lima, Ana Subral, Susana Rodrigues, Carla Teixeira, Helena Araújo, Anabela Godinho, Ana Fernandes e Cristina Romão.

Oeiras - Conceição Rufino; Vitória Caineira, Assunção Magro, Teresa Chaves, Ilda Ramos, Cecília Araújo, Margarida Barriça, Cristina Moreira, Isabel André, Filomena Santos e Anabela Vitorino.

As vitórias da Académica de Coimbra sobre o Vitória de Setúbal (13-12) e do Salgueiros sobre o Belenenses (29-25 após prolongamento) foram as notas

mais salientes nos oitavos-de-final da Taça de Portugal, em andebol.

Nos restantes jogos, os quatro primeiros classificados no Campeonato Nacional da I Divisão desbaraçaram-se, com mais ou menos problemas, dos seus adversários.

De destacar que após esta eliminatória, apenas resta uma formação do escalão secundário em prova, o Boavista, que venceu o Passos Manuel, também da II Divisão, por 22-18.

Resultados dos 8/avos de final: Fafe - Benfica, 15-22; FC Porto - Beira Mar, 36-24; Boavista - P. Manuel, 22-18; Com. Indústria - Caramão, 24-26; F. Holanda - Sporting, 15-19; Acad. Coimbra - V. Setúbal, 13-12; Salgueiros - Belenenses, 29-25 e Acad. Braga - TAP, 19-15.

O FC Porto venceu o Barcelos por 4-1, na partida mais importante dos jogos adiados dos 16/avos da Taça de Portugal em hóquei nos patins.

Nas outras três partidas, o Sporting, o Paço de Arcos e o Benfica golearam os seus adversários, respectivamente o Aljustrelense (17-2), o Portosantense (10-4) e o Amadora (10-3).

COLECTIVIDADES

Olhanense em festa

O Sporting Clube Olhanense faz amanhã anos. A prestigiosa colectividade algarvia, foi fundada em 27 de Abril de 1912 pelo que comemora 77 anos de existência. Quase oito décadas de relevantes serviços prestados à juventude e ao desporto português o que está perfeitamente reconhecido através da sua condição de membro honorário da «Ordem do Infante D. Henrique».

Recorde-se que a nível futebolístico o «velho» clube de Olhão conquistou o campeonato de Portugal (1923/4), da II Liga (1935/6) da II divisão (1940/41)

e da III divisão (1969/70).

Amanhã, dia de festa para todos os «olhanenses» com um vasto programa de festividades de que se destaca: alvorada com foguetes e morteiros; missa em memória dos associados, atletas e dirigentes falecidos, na Igreja Matriz de Olhão, pelas 11 horas; romagem de saudade ao cemitério local; jantar de confraternização, que terá lugar pelas 20 horas, nas instalações da sede social e na ocasião, e para além de outras manifestações, será homenageada a basquetebolista rubro negra, Sandra Cava, a primeira algarvia a conhecer a internacionalização.

Ciclismo

VOLTA AO ALGARVE DOMINADA PELOS «LOBOS»

Com Marco Chagas a iniciar a corrida de amarelo (dado ser entre os 102 ciclistas presentes o melhor classificado na edição anterior), começou na passada segunda-feira a disputar-se a Volta ao Algarve.

A prova decorrerá até domingo, com os ciclistas a percorrer 1156 quilómetros repartidos por 9 etapas, com 10 contagens de montanha, seis metas turismo, igual número para a camisola rosa e duas de contra-relógio (individual e séries).

Fernando Carvalho foi o vencedor da tirada inicial (Vale do Lobo a Odemira) tendo gasto 4.31,43 horas para percorrer os 176 quilómetros do percurso. Marco Chagas foi o segundo e o «joalheiro» Manuel Abreu o 3.º.

Foi uma etapa disputada em bom ritmo, mau grado a forte chuva que ia caindo e os espanhóis da Seur tiveram grande responsabilidade na animação do pelotão sempre liderado pelos homens do Louletano/Vale do Lobo, que parecem apostados em vencer toda a concorrência.

A 2.ª etapa (Odemira-Vila do Bispo com 230 km) foi ganha pelo «lobo» Serafim Vieira com o tempo de 6.17,46, Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro/PFA) foi o 2.º com mais 2 segundos e Vítor Lourenço (Vigor/Lousa) entrou na 3.ª posição com mais 4 segundos. Fernando Carvalho manteve a liderança da prova, saindo hoje vestido com a camisola mais desejada, para a dura etapa que liga Sagres a Fóia (200 quilómetros e três contagens para o prémio da montanha).

Classificação individual na 2.ª etapa: 1.º, Serafim Vieira

(Louletano/Vale do Lobo), 6.17,46 horas, média de 35,419 km/hora; 2.º, Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro/PFA), 6.17,48; 3.º, Vítor Lourenço (Vigor/Lousa), 6.17,50; 4.º, Alexandre Ruas (Aqualine/Olhanense), mesmo tempo; 5.º, Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo), m.t.; 6.º, Paulo Couto (Vigor/Lousa), m.t.; 7.º, Manuel Abreu (Garcia Joalheiro/PFA), m.t.; 8.º, Vítor Teresinho (Grundfos/Sangalhos), m.t.; 9.º, José Santiago (Recer/Boavista), m.t.; 10.º, Pedro Silva (Louletano/Vale do Lobo), m.t.

Classificação por equipas na etapa: 1.º, Louletano/Vale do Lobo, 18.53,26; 2.º, Garcia Joalheiro/PFA, 18.53,28; 3.º, Vigor/Lousa, 18.53,30; 4.º, Aqualine/Olhanense, m.t.; 5.º, Grundfos/Sangalhos, m.t.

Geral individual: 1.º, Fernando Carvalho (Louletano/Vale do Lobo), 10.49,33; 2.º, Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo), 10.49,35; 3.º, Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo), mesmo tempo; 4.º, Manuel Abreu (Garcia Joalheiro/PFA), m.t.; 5.º, Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro/PFA), 10.49,37; 6.º, Vítor Lourenço (Vigor/Lousa), 10.49,39; 7.º, Alexandre Ruas (Aqualine/Olhanense), m.t.; 8.º, Vítor Teresinho (Grundfos/Sangalhos), m.t.; 9.º, Paulo Couto (Vigor/Lousa), m.t.; 10.º, Pedro Silva (Louletano/Vale do Lobo), m.t.

Geral por equipas: 1.º, Louletano/Vale do Lobo, 32.28,43; 2.º, Garcia Joalheiro/PFA, 32.28,51; 3.º, Vigor/Lousa, 32.28,57; 4.º, Recer/Boavista, m.t.; 5.º, Aqualine/Olhanense, m.t.

António Jorge

Troféu «Joaquim Agostinho»

O troféu «Joaquim Agostinho», única prova portuguesa inscrita no calendário internacional de ciclismo, vai disputar-se este ano entre 6 e 11 de Julho, na extensão de 896 quilómetros, divididos em seis etapas.

O troféu, simultaneamente XI Grande Prémio Internacional de Torres Vedras, terá uma vez mais como director, Alves Barbosa e a participação, já confirmada pela organização, da equipa espanhola da Teka, da Belarús (União Soviética) e da Z-Iba/Peugeot (França), aguardando-se ainda a confirmação da selecção da Polónia.

Os prémios ascendem a 1200 contos para a prova de seis etapas, uma delas dividida em dois sectores.

O processo de legalização do Troféu «Joaquim Agostinho/XI Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras» já foi entregue na Associação de Ciclismo de Lisboa.

Volta à Espanha

Manuel Cunha, da equipa espanhola da Clas, alcançou a 20.ª posição na 2.ª etapa da Volta à Espanha, em Bicicleta, disputada entre a Corunha e Santiago de Compostela, com mais 2 segundos que o vencedor.

O vencedor da etapa, na distância de 209,2 quilómetros, foi o espanhol Joaquín Hernandez, com o tempo de 5 horas, 45 minutos e 41 segundos, seguido dos seus compatriotas Federico Echave e Inaki Gaston.

Na classificação geral, o belga Benny Van Brabant, que na eta-

pa ficou no 5.º lugar, comanda com 6.10,57 horas, seguido pelos espanhóis Jose Luis Laguia e Jose Luis Navarro, ambos com mais 4 segundos.

Manuel Cunha ocupa actualmente a 14.ª posição da geral, com o mesmo tempo do segundo classificado.

Quanto aos elementos da equipa Sicasal/Torreense a sua posição na classificação geral é a seguinte: Joaquim Gomes (91.º), Jorge Silva (111.º), Fernando Fernandes (116.º), Manuel Neves (124.º), António Pinto (130.º), José Poeira (134.º), João Santos (144.º), António Araújo (145.º), Américo Neves (159.º) e Paulo Pinto (160.º).

Troféu César Luís

Eduardo de Castro, do Pinheiro de Loures, foi o vencedor do Troféu César Luís, em ciclismo, com o tempo de 3.23,58 horas, na distância de 134 quilómetros e que contou com a presença de 51 atletas.

O troféu compreendia duas voltas a um mesmo circuito, traçado entre as estradas do concelho de Benavente, tendo a prova contado com o apoio da Associação de Ciclismo de Santarém, Moto Clube de Benavente e Câmara Municipal daquela edilidade.

Os 5 primeiros classificados da prova foram os seguintes: 1.º Eduardo Torres (Pinheiro Loures) 3.23,58 horas; 2.º João Calado (Tróia, Habitax, Resogre); 3.º Hélder Ventura (Notai, Águias de Alpiarça); 4.º Carlos Vilarinho (Notai, Águias de Alpiarça) e 5.º João Santos (Pinheiro de Loures), (todos com o mesmo tempo).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º Juízo

ANÚNCIO

O DOUTOR ROGÉRIO SAMPAIO BEJA, JUIZ DE DIREITO DO 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA.

FAZ SABER que no dia 6 de Junho de 1989, às 10.00 horas, neste Juízo e terceira secção, na Execução Ordinária n.º 5379, que Neocar — Comércio Automóvel, Lda., move contra o Executado Manoel Caetano Alves, Lda., actualmente em parte incerta e com última sede conhecida em Cruzes da Sé, n.º 17, em Lisboa, não de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados pelo maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, os seguintes bens:

— Veículo automóvel da marca Renault 5, de cor bege, matrícula EU-02-27, em funcionamento; — Veículo automóvel da marca Renault 5, de cor azul, matrícula LD-05-87, em funcionamento.

É Fiel Depositário o sr. Flávio de Jesus Magalhães Sobrinho, residente na Rua de Arroios, n.º 93-A, em Lisboa.

Para constar se lavrou o presente edital e outro de igual teor que vão ser legalmente afixados.

Lisboa, 18 de Abril de 1989

O Juiz de Direito
Rogério Sampaio Beja
A Escrivã Adjunta
Fernanda Maria Sequeira da Fonseca

«DL» — 26/4/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º Juízo

ANÚNCIO

O DOUTOR ROGÉRIO DA SILVA E SOUSA, Juiz de Direito do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que na execução de Sentença n.º 7344-B, pendente na secretaria judicial desta comarca contra o executado ARTUR ANTÓNIO PEREIRA PIANO, ausente em parte incerta, mas com última morada conhecida na Rua de Diu, 220, S. Mamede de Infesta, Matosinhos — representado pelo Digno Magistrado do MINISTÉRIO PÚBLICO, foi resolvida a venda por meio de propostas em carta fechada, do «Direito e Acção» que o executado acima indicado tem na herança indivisa aberta por óbito de seu pai Álvaro António da Costa Piana.

São convidadas todas as pessoas com interesse na compra do bem, a entregarem as suas propostas na secretaria judicial 2.ª secção, pelo preço superior de 5 200 000\$00.

No dia 16 de Maio de 1989, pelas 10h30m, neste 11.º Juízo Cível de Lisboa, 2.ª secção, proceder-se-á à abertura das propostas até esse momento apresentadas, a cujo acto podem os proponentes assistir.

Lisboa, 19 de Abril de 1989.

O Juiz de Direito
Rogério da Silva e Sousa

A ESCRIVÃ ADJUNTA
Cecília Pereira Ferreira

«DL» 26/4/89 — 1.ª Pub



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA ÉDITOS

Arquivo 9-C

Processo 1/184

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, e na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kv, n.º 3160/R-5, com 3850 metros do apoio n.º 13 da linha n.º 3160 (antiga n.º 3143/R-1 para o PS n.º 6333, PT n.º 2982-C), ao PT n.º 6993 Herdade do Canto Araújo, Freguesia de Lezíria Grande, concelho de Vila Franca de Xira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 10 de Abril de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

De Gaulle escolheu a humildade

Na véspera do referendo, o discurso de de Gaulle é o centro de todos os comentários da Imprensa francesa e estrangeira. «Os dados estão lançados» - escreve o órgão gaullista "La Nation" que pergunta se a transição, se a houvesse, se faria sem choques, e o que sucederia em Paris se a contagem desse para o "Não". O jornal "L'Aurore" declara que os problemas se «tornaram mais angustiosos do que nunca». Por sua vez, "Le Figaro" diz que de Gaulle e os gaullistas fazem uma «chantagem plebiscitária». Para

«Combat» de Gaulle tinha à escolha ontem entre o orgulho e a humildade. Escolheu a segunda, abdicando da sua altivez e da sua audácia... Hoje suplica à França que o conserve ainda três anos.

Estende-se a Chicago a agitação estudantil

A agitação estudantil nos estabelecimentos universitários da costa oriental americana estende-se agora aos liceus e estende-se a Chicago. A situação é a seguinte: na Universidade Cornell (Nova York), em sinal de boa fé os estudantes da Sociedade Afro-Africana entregaram aos administradores da Universidade duas carabinas e uma espingarda de

caça, contra a anulação por estes dos processos visando os estudantes negros que tinham exibido essas armas provocando o pânico. Na Universidade de Colgate...

Um jesuita e cinco estudantes presos em Bilbao

Em Bilbao, foram presos um jesuita, cinco estudantes e mais três pessoas, por ordem das autoridades militares, segundo se anuncia de fonte fidedigna. Por outro lado, segundo a mesma fonte, foi detido um padre: José Maria Madariaga, coadjutor da paróquia de Baquio.

EFEMÉRIDES

1964 As Nações africanas do Tanganica e Zanzibar unem-se para formarem a Tanzânia.

1971 Uma comissão da Casa Branca recomenda que a China passe a fazer parte das Nações Unidas, mantendo a China nacionalista o seu estatuto de membro da ONU.

1975 O Partido Socialista português obtém a maioria de votos e deputados (116) nas eleições para a Assembleia Constituinte, as primeiras realizadas em liberdade, em Portugal, em quase meio século.

1976 O PS vence as eleições para a Assembleia da República, conquistando 107 lugares do Parlamento português. O PPD consegue 73, o CDS e o PCP 40.

1983 Na sequência dos resultados das eleições de 25 de Abril, com a vitória do PS, sem a maioria Parlamentar, logo seguido do PSD, o Presidente da República considera que «a expressão clara da vontade popular oferece condições favoráveis e da maior importância para a resolução das nossas dificuldades políticas».

1984 O Presidente dos EUA chega a Pequim numa visita oficial de seis dias, sendo calorosamente recebido pelos habitantes e pelo Governo chinês cujo presidente é convidado por Ronald Reagan a visitar os Estados Unidos em data oportuna.

- Morre, num hospital da Flórida, Count Basie, 79 anos, considerado um dos maiores chefes de orquestra da história do Jazz.

1985 Freitas do Amaral regressa à cena política anunciando a sua candidatura à Presidência da República.

- Líderes do Pacto de Varsóvia assinam, na capital polaca, um protocolo que renova, até ao ano 2005, o período de validade do tratado fundador daquela Aliança militar da Europa de Leste, existente há 30 anos.

1986 O filme «Um Adeus Português», de João Botelho, conquista o grande prémio de cinema e televisão de Salsomaggiore, em Itália.

- Um incêndio no reactor quatro da Central Nuclear de Chernobyl, na União Soviética, mata, segundo números oficiais, 31 pessoas, fere mais de 200 e obriga à evacuação de cerca de 135 mil residentes na área. O sinistro, considerado como o mais grave desastre nuclear da história, provocou uma série de explosões que espalharam radiações por grande parte da Europa e outras regiões. As autoridades soviéticas atribuíram às causas do desastre a factores humanos.

1988 Inicia-se, em S. Paulo, Brasil, o quarto congresso de estudos pessoanos, considerado o maior congresso internacional sobre Fernando Pessoa.

EM PORTUGAL

	Min.	6h	Rec.	Às 18 h.
Bragança.....	0	1	0.0	Limpo
V. Castelo.....	7	7	0.0	P. nub.
Vila Real.....	3	4	0.0	P. nub.
Porto.....	4	4	0.0	Limpo
Coimbra.....	4	4	0.0	P. nub.
C. Carvoeiro.....	11	11	0.0	P. nub.
C. Branco.....	5	5	0.0	P. nub.
Portalegre.....	4	4	0.0	P. nub.
Lisboa.....	9	9	0.0	P. nub.
Évora.....	6	6	0.0	M. nub.
Beja.....	5	5	0.0	P. nub.
Faro.....	10	10	0.0	Limpo
Sagres.....	12	12	0.0	Encoberto
P. Delgada.....	10	10	0.0	M. nub.
Horta.....	-	-	0.0	-
Funchal.....	14	14	0.0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 14, Faro 18, Ponta Delgada 18, Funchal 21

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

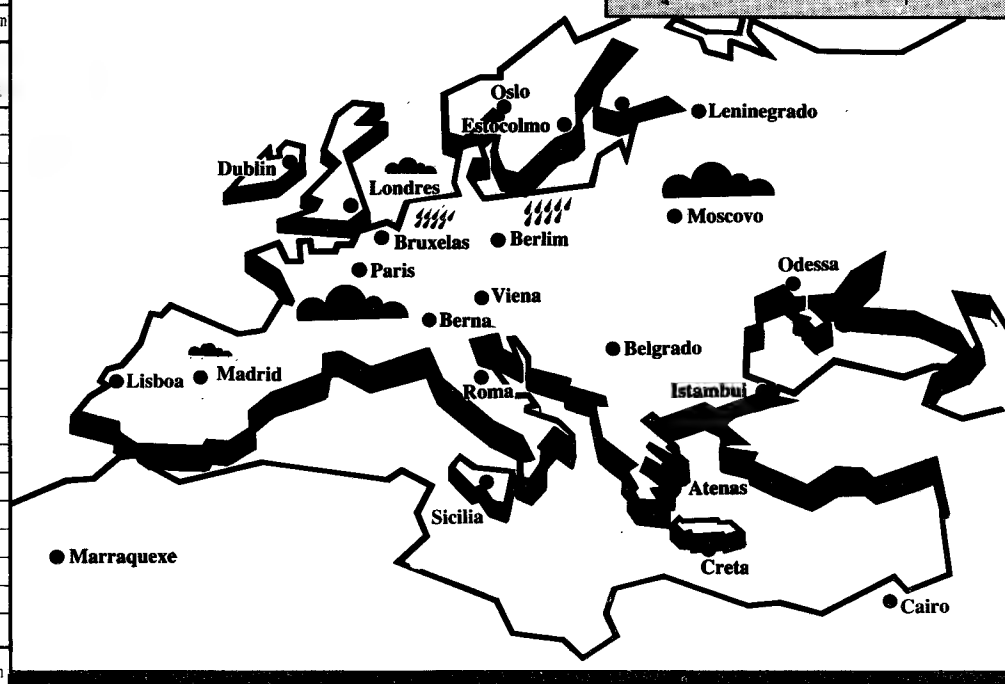
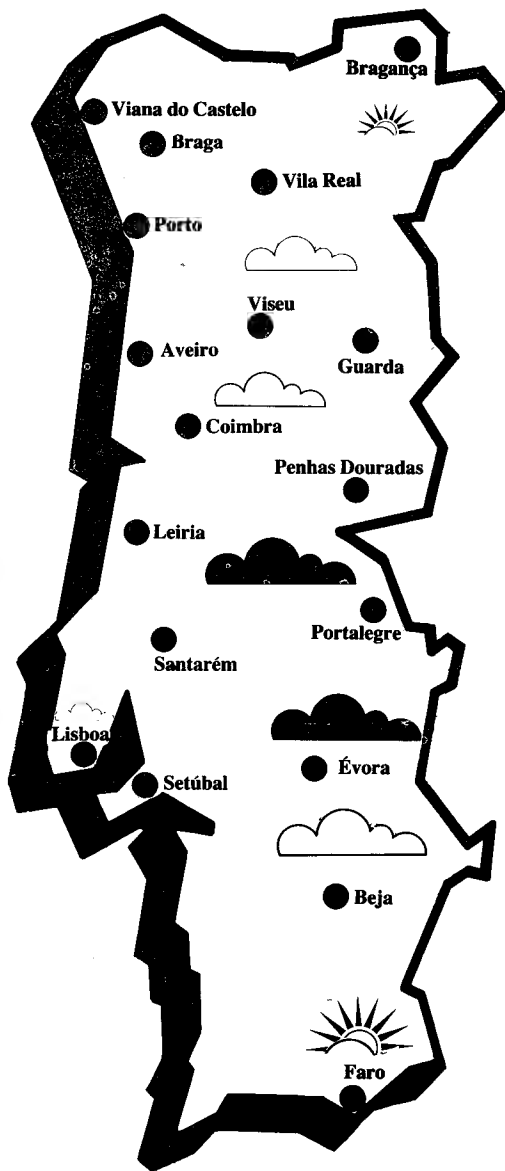
	Min.	6h	Às 18 h.
Madrid.....	3	4	Chuva
Londres.....	0	1	Nublina
Paris.....	4	4	Chuva
Bruxelas.....	3	3	Chuva
Amsterdão.....	4	5	Encoberto
Genebra.....	8	9	Nevoeiro
Roma.....	14	17	Encoberto
Oslo.....	0	1	M. nub.
Copenhaga.....	7	7	Nublina
Estocolmo.....	7	8	M. nub.
Berlim.....	9	11	M. nub.
Viena.....	10	11	M. nub.
Varsóvia.....	6	9	M. nub.
Atenas.....	12	17	M. nub.
Moscovo.....	6	11	Encoberto

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas.....	20	29	Nublado
Joanesburgo.....	7	21	Nublado
Los Angeles.....	12	17	Nublado
Montreal.....	1	5	Nublado
Nova Deli.....	25	37	Limpo
Nova Iorque.....	3	17	Nublado
R. de Janeiro.....	16	29	Limpo
S. Francisco.....	8	13	Nublado
São Paulo.....	21	28	Nublado
Tóquio.....	12	18	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu geralmente pouco nublado. Vento norte moderado, soprando por vezes forte. Na Costa Ocidental, mar cavado a grosso. Ondulação Noroeste de três a quatro metros. Na Costa Sul, mar cavado. Ondulação Sudoeste de um a dois metros.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento Sul moderado, por vezes forte. Períodos de chuva fraca. Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste fraco a moderado. Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação Nordeste de dois metros.

Na Madeira

Períodos de céu muito nublado. Vento Norte moderado. Aguaceiros a diminuir de frequência. Estado do mar: Costa Nor-

te: Mar cavado. Ondulação Norte de quatro metros. Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação Sudoeste de dois metros. Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento Norte fraco a moderado.

AMANHÃ

Regiões do Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Períodos de chuva em especial nas regiões do Norte. Regiões do Sul: Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento do quadrante Norte fraco a moderado. Acentuado arrefecimento com formação de geada no interior Norte e Centro.

MARES

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
	06.59 3,3 m	12.34 1,5 m
	19.14 3,5 m	---
Amanhã		
	07.49 3,2 m	01.11 1,4 m
	20.09 3,3 m	13.27 1,6 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

«Pelle o Conquistador» ganha prémio católico

O filme dinamarquês «Pelle o Conquistador» recebe esta noite o prémio do Secretariado católico do Cinema e da Rádio referente a 1988. A entrega do galardão será feita no cinema Quarteto, pelas 21 horas, ao embaixador da Dinamarca em Lisboa, dada a impossibilidade de o realizador do filme se deslocar a Lisboa.

Este prémio instituído há já vários anos pretende distinguir as obras que se revelem cinematograficamente de qualidade e, ao mesmo tempo, portadoras de valores humanistas.

Entretanto, o mesmo organismo tem já informatizados todos os dados referentes a 15 mil tí-

tulos de filmes, naquilo que é um centro de documentação que pretende chegar, nos próximos dois anos, aos cem mil títulos.

O programa utilizado permite obter rapidamente informações diversas sobre cinema e vídeo, como os dados da produção, as filmografias de realizadores e actores, as listas de produções por país, por ano e por género de filmes.

O mesmo Secretariado informou igualmente que pretende editar, já a partir de Outubro próximo, um boletim cinematográfico de vídeo, com a recensão crítica de todos os filmes lançados em Portugal.

mensagem
de S. António



S. António é «patrono» para revista pioneira

Surgida com o objectivo de «evangelizar a cultura e dar uma visão diferente da realidade», é lançada esta semana a edição portuguesa renovada do «Mensagem de Santo António», uma revista católica surgida há cinco anos, que poderá ser uma experiência pioneira na Igreja portuguesa, em termos de ideias, modos de abordagem e temas escolhidos.

A revista, embora ligada aos Frades Menores Conventuais - que sucederam a Santo António, vindo daí o título escolhido - tem um vasto corpo de colaboradores de diversas áreas culturais, entre os quais jornalistas, teólogos e professores. Até agora feita e impressa em Itália, com alguma colaboração portuguesa, os seus responsáveis quiseram fazer uma edição total-

mente nacional, tornando «O Mensageiro» num «grande magazine de actualidade, acessível e exigente».

Neste primeiro número concebido totalmente em Portugal, «O Mensageiro» inclui diversas análises sobre os cristãos frente à política e ao «25 de Abril», uma reportagem sobre Macau e diversos comentários sobre livros, cinema, arte e exposições.

Com 5 mil exemplares de tiragem - ainda bem longe do milhão da edição italiana, apesar de tudo - esta revista mensal mantém a referência a António de Lisboa como uma «figura significativa», que é não só «um santo milagreiro, mas que está também perto do povo», conforme afirmou o seu director, frei Eliseu Moroni.

UMA PESSOA CHAMADA MACAU

Mário Castrim

JÁ houve um projecto de tornar concorrenciais o *Jornal das Nove* e o *Telejornal*. O projecto foi-se estiolando aos poucos. Hojendia, é cada vez a gamela mais comum.

Alguma diferença? Claro. Em geral, dentro dos mesmos temas, reservam-se para o Segundo Canal os pontos mais polémicos, mais conflituosos. Torres Couto, por exemplo, poderá dizer que as imagens que vira (a propósito da manifestação dos polícias e da repressão policial) lhe haviam lembrado os tempos do fascismo. Poderá dizer isso no *Jornal das Nove* - mas não no *Telejornal*...

Em todo o caso, quero aqui fixar um dos melhores momentos noticiosos da história do telejornalismo em Portugal. Foi precisamente no *Telejornal* que ele aconteceu.

Os polícias descem, pacificamente, da Voz do Operário para a Praça do Comércio. A cabeça da manifestação uma jovem repórter, Laurinda Alves, contatos o que se passa, diz-nos os objectivos da luta dos polícias pelo seu sindicato. Sem uma hesitação, sem um lugar-comum, a passo estugado - e sempre objectiva sem se deixar influenciar pelas emoções que as marchas sempre desencadeiam.

Laurinda Alves é uma das melhores promessas do telejornalismo. Há certos pormenores, no entanto, de que deve cuidar. A sua expressão é demasiado séria, soturna, por vezes, a voz demasiado grave, com uma cadência própria mais de quem lê (o vício do off) do que de quem fala. Uma e outra coisa ganham acrescido lastro na TV.

Ela já tem sobre outras repórteres lá da casa a vantagem de não parecer tão juvenil, tão imatura, tão... universitária, tão pouco... credível. Mas ganhará em não abusar.

Habitar ou não habitar

A habitação. O problema da habitação. Habitar ou não habitar, eis a questão. E eis um dos temas preferidos pela Televisão portuguesa.

Já se sabe a partitura de cor. As mesmas perguntas, as mesmas respostas - e até as mesmas palavras. Daí, o sabor a chá requentado das entrevistas e das mesas-redondas sobre o assunto.

Sabíamos que nada de novo, pois, iria acontecer naquela *Hora da Verdade*. Assim aconteceu. Lá esteve o Governo a dizer que tem em projecto isto e aquilo, que o problema não é assim tão fácil, que é o produto de décadas e décadas não sei de quê, mas que no entanto, etc., etc. Lá esteve o representante dos senhorios a exigir o completo jogo de mercado. Lá esteve o representante dos inquilinos a demonstrar que todos podem ter razão, mas quem se lixa sempre é o inquilino. Mas...

Mas também lá esteve o representante dos construtores civis, o engenheiro Rui Nogueira Si-

mões. E foi deste sector que partiram as críticas mais agudas à acção do Governo, a ponto de ouvirmos frases deste calibre: «Por este andar, daqui a dez anos estaremos pior do que agora...»

Foi posta em relevo a crise da construção civil, por falta de uma política global correcta. O corte nos créditos à habitação não foi negado pelo representante do Governo que o justificou pela necessidade de controlar o equilíbrio financeiro...

Não se pode negar esta evidência: o direito à habitação está consagrado como um direito humano, à semelhança da saúde e da educação. O Estado não pode lavar daí as suas mãos. E à média da construção social em projecto (?) o problema ficará resolvido para meados do século que vem.

Ah, mas descansem. Até lá, Abecasis mandará abater mais umas barraquitas e a dar mais uma série de «barracas»...

Quanto mais infantil, mais adulto

Naquele *Lugar de Encontro* aconteceu algo parecido com uma intimação deste género: «Meu caro Mário Figueiredo, tens apenas a emissão de hoje, aproveita-a bem».

Então Mário de Figueiredo quis meter o Rossio na Rua da Betesga. E foi o «Memorial do Convento», o padre Bartolomeu de Gusmão, o presidente da Associação Portuguesa de Criatividade, a Mariana Alcoforado, a intervenção (aliás interessante, a vários níveis) de João Paulo Velez (director do *Diário do Alentejo*, um dos melhores jornais de província) a Inês Pedrosa, o actor José Rui e a sua «aventura» teatral, e o Luís Filipe Costa e a peça do «Nacional» e a presença de quatro inventores portugueses. Tudo isto em menos de uma hora...

Pode parecer um desperdício de temas. Será. O que Mário Figueiredo pretende, no entanto, é evitar cair na chateza das mesas-redondas para especialistas ver. Sucede que por muito bem gerido que seja um tema, há sempre a possibilidade de lamentar o muito que se perdeu, no meio de tanta coisa boa. Como sucedeu com os quatro inventores. Quando, com aquela história das paredes prefabricadas, estava a Televisão a começar a ser Televisão, é que... já não havia tempo.

Ah, é verdade, esquecia-me de falar de José Mário Branco que, com as suas três canções, teve a fatia melhor. Como diria Camões, essas canções trouxeram-nos «apetite para as mais».

As canções de José Mário Branco nunca são pueris ou desprezadas ou descuidadas.

Repare-se, por exemplo, na atenção que ele dá ao arranjo musical: ele não é nunca técnico ou meramente suporte do vocalista: ele integra-se na própria canção, ele também é vocalista.

Pessoalmente, fui mais sensível à toada infantil (e decerto uma das suas canções mais adultas) da primeira canção. O poema, vivendo porém em óptima convivência com a sua representação musical, vale exactamente como isso, como poema.

Quando for grande quero ser um bichinho pequenino para poder aquecer na mão de qualquer menino (...) Quando eu for grande quero ter o tamanho que não tenho pra nunca deixar de ser do meu exacto tamanho.

Se sublinho este facto, é porque não é frequente entre nós. Em geral, fora da canção, os poemas morrem como as pedrinhas do mar, quando as levamos da praia.

O fado de uma voz

É uma das vozes mais belas do fado. Não sei o que é nascer para isto ou para aquilo. Ninguém sabe o que é «nascer para» e no entanto todos abusam da expressão. Até eu, para não fugir à regra: uma voz «nasceu para» o fado.

A palavra *voz* resume aqui o metal próprio e a ciência de o aproveitar. Ninguém é só, todos somos muitos na maneira como somos, naquilo que somos. Um elo só se entende preso a outro elo.

O fado é o jazz alfacinha. Pressupõe uma permanente criação. Fado que não é inventado, não é fado. Pobre do cozinheiro que trabalha por receita...

Cada vez que um fado não saiba a primeira vez, desconfiai do fadista. Haverá aí muito comércio, pouca ciência de alma.

João Braga (pois é dele que falo) inventa sempre quando entra em jogo. Não tem jogadas de laboratório. O seu estado de espírito reflecte-se na forma de manejar as palavras, na maneira de as envolver, de nos envolver. No fado tem de ser assim - sem o que, como diz Amália, haveria apenas «atitude». E anda por aí uma praga de «atitudes», servida por engrenagens publicitárias e de compadrio (pessoal, comercial, político...) de meter medo.

Esta emissão de «No Tempo em que Você Nasceu» não correu grandemente para o conhecimento da pessoa de João Braga, já tudo aquilo mais ou menos se sabia, lá de falta de entrevistas é que ele não pode queixar-se. Mas pronto, ele cantou e a emissão ficou salva.

Ele tem o direito de pensar como pensa, de ser como é. Nós temos o direito de o ouvir cantar. Pense o que pense, mas cante. E o resto é silêncio.

Macau, donde vens? Para onde vais?

O *Regresso*, filme de Faria de Almeida incluído na série *Fados*, levanta uma porção de questões que vão desde a sua própria natureza, aos vários problemas levantados.

Os espectadores vêem-se confrontados com a promessa de uma história (no pressuposto de que um filme conta sempre uma história) que afinal não se cumpre. O que eles viram foi o trajecto de uma reportagem, a reportagem de uma reportagem, cujo impacte em grande parte se esvai devido às muitas visitas que a Televisão tem feito a Macau. Aquelas imagens já não constituem motivo de interesse, de tão vistas.

Este aspecto, tão evidente, alerta as pessoas para a intenção de Faria de Almeida: se ele quisesse fazer uma reportagem a sério, como qualquer jornalista que se preza, não pisaria caminhos já tão batidos. Há que procurar as razões do filme (a sua alma, se quiserem, a sua razão de ser) mais adiante, mais longe.

É como quem vai à procura de alguém, alguém que se sonhou, que se idealizou, que se desejou. Afinal alguém que não responde aos nossos apelos, que não nos quer, que nos repele. Alguém ao pé de quem se sufoca - e todo o amor falhado projecta uma sensação de claustrofobia. Só há uma coisa a fazer: fugir-lhe. Para muito longe (para a Austrália, por exemplo) ou para muito perto - por exemplo Hong Kong. Para sempre, ou por breves momentos. Qual o futuro desta relação?

Essa a história que Faria de Almeida nos quis contar. Quando pergunta qual o futuro de Macau, põe em causa a sua relação com Portugal. O rompimento parece inevitável.

Mas *rompimento* será a palavra exacta? O que é que, de facto, se rompe? O drama contado por Faria de Almeida é que se trata de um rompimento de algo que não chegou a haver. Estas duas pessoas nunca se quiseram bem. Nunca viveram um com o outro, cama, mesa e roupa lavada. Suportaram-se, em quartos separados. Pataca a mim, pataca a ti.

Que sucederá depois? A história de Faria de Almeida não termina com a separação. Macau deixa de viver ao pé de um, para viver ao pé doutro. Doutro de quem não gosta. Como vai sair Macau dessa união forçada?

Esta a história que Faria de Almeida nos quis contar, a história de uma pessoa chamada Macau. Pessoa tão estranha que, ao fim de tantos séculos, não aprendeu meia dúzia de palavras portuguesas. Pessoa cuja vida vai prosseguir, novos cronistas nos darão conta dela, das suas aventuras.

Mas isso é já outra história. A história que Faria de Almeida nos quis contar está quase a passar à História. Ou está prestes a entrar nela?

«Brinca 89»: brinquedos na FIL

SONHOS E PESADELOS

Foi uma feira de sonhos, pelo menos para as crianças que ontem de lá saíram deslumbradas com tanto brinquedo que não puderam levar para casa no dia da Liberdade. Bonecas grandes e pequenas, comboios eléctricos, automóveis-miniatura, jogos para computador, puzzles, bicicletas, aviões telecomandados, bolas. Também por isso foi de pesadelo: o desejo sem satisfação torna-se numa bolha de angústia a crescer. O oitavo salão de brinquedos e material didáctico, baptizado como Brinca 89, só no feriado abriu as portas aos miúdos: nos outros dias, desde o 21, a entrada foi permitida apenas a comerciantes, contratos em branco e notas de cinco mil, numa FIL que recebeu 277 expositores, 129 dos quais estrangeiros.

Sonhos e pesadelos. Registe-se assim não apenas porque lá estiveram os monstros do He-Man ou os hipnóticos videogames, mas porque os brinquedos mais fascinantes e cobiçados, aqueles que enchiam o olho atrás das montras (também as havia na FIL, claro. Faz parte do encanto), foram feitos e pensados única e exclusivamente para os adultos, que são, como se sabe, as novas crianças dos tempos modernos: animais de peluche em tamanho gigante, sofisticadas pistas de carros, bonecas mecânicas, jogos electrónicos, tudo o que representa o lado mais lúdico da sociedade de

consumo e consumação estava representado na feira.

Obviamente, tudo brinquedos de fácil avaria ou degradação e complicado, senão impossível, reparo pelo próprio consumidor. Nisto dos brinquedos como no resto dos objectos postos no mercado das coisas de que precisamos ou julgamos precisar (quantas vezes induzidos a isso), quem sabe de facto mexer com eles são os especialistas, essa nova classe dominante que veste bata branca e ri-se dos nossos receios. Tão longe estamos, pois, daquela «antropologia do brinquedo» que alicerçava no social todos os inventos e intentos dos filhos dos povos, bonecos cozidos no barro, carrinhos talhados na madeira, ideias próprias transformadas em realidade pelas capacidades das crianças. Já foi assim, mas neste presente armado de artifícios o maravilhamento é imensamente breve e substitui-se rapidamente por outros, tudo já feito e pronto a desfazer pelas mãos da curiosidade infantil.

Os brinquedos, hoje em dia, pretendem-se científicos, regularizados segundo altas determinações éticas: enchem-se páginas e páginas de documentos com o tema mas é assim porque se passa no concreto o contrário. A indústria não se dá muito bem com normas, mas belamente com lucros: é inútil barrar a torrada, indústria é indústria. Tudo começa com a publicidade, aquela que dirigida sa-



biamente às crianças serve para pressionar os pais delas de que X palermice é de fundamental compra. Nunca é. Mas pronto, no mundo em que vivemos não é só a procura que gera a oferta; a oferta sabe como «moldar» os modos da procura, por meios legais e ilegalmente, e a verdade é que na televisão vemos anúncios a todos os níveis «fora da lei». Com a maior das impu-

nidades que vão alastrando neste país onde a corrupção começa logo no topo. Existem claras tendências de mercado, e essas tendências são sempre e inevitavelmente socio-culturais, resultado de jogos intrincados entre a produção, o consumo e a informação (ou a falta desta e o seu pouco esclarecimento).

O «DL» foi até à Feira Internacional de Lisboa e perguntou

por números. O que preferem as crianças e os pais delas para seu usufruto? Gosta-se mais disto ou daquilo? Tal brinquedo vende mais do que o outro? Os putos têm particular atracção pelas pistolas? Entusiavam-se mais com o grande ou com o pequeno? Mas não, na FIL não havia números. O «DL» pediu para falar com alguém que lhe pudesse dar uma

visão global do problema, dado que cada um dos expositores só poderia ter uma perspectiva excessivamente parcial do mesmo. Também não havia ninguém. Pelos vistos, não existem, no nosso país, estudos de mercado, estatísticas, cálculos. Andam atrás do fascínio mas não sabem como. Sonho ou pesadelo, pois?

R. E. P.

CRÍTICA DE MÚSICA

Lella Cuberli: recital em S. Carlos

Nuno Barreiros

O 3.º dos «Recitais da Primavera» que o Teatro de São Carlos promoveu foi, inegavelmente, um acontecimento relevante. Lella Cuberli, que conta já uma notabilíssima carreira internacional, sobretudo em Itália, tem-se consagrado muito especialmente ao repertório lírico mais ou menos do belcanto, embora haja feito incursões por outros domínios. O excelente programa que agora apresentou em Lisboa, com uma elaboração pouco habitual e acompanhamento de cravo e piano, incluía na 1.ª parte um ramalhete das chamadas «árias antigas» de Monteverdi, Caccini e Scarlatti, além de um trecho da *Berenice* de Haydn. A 2.ª parte proporcionou-nos umas tantas páginas não operísticas e menos conhecidas de Rossini (onde se espelha a veia lírica e também saborosamente irónica do autor do *Barbeiro de Sevi-*

lha) e alguns «lieder» de Ricardo Strauss.

Foi nas árias antigas que Lella Cuberli se mostrou particularmente feliz. A sua voz, de um lindo timbre e ampla, viu-se valorizada através de um estilo adequado, nomeadamente na realização das passagens com «ornatos». Certos efeitos de caracterização, graças ao doseamento do volume e ao emprego da meia-voz, atingiram grande expressividade. Podem citar-se como momentos altos do recital a página de Caccini («Amarilli, miabella») e uma das de Scarlatti («Bellezza che s'ama»). A excelência do timbre afirmou-se com relevo noutro trecho scarlattiano: «Caldo sangue», extráido da oratória «Il Sedecia, Redi Gerusalemme». Quanto à célebre e encantadora peça «de violette», teve uma versão de bom nível, o que não é dizer pouco,



já que estarão na memória de muitos melómanos interpretações inesquecíveis, preciosidade de leveza e finura, como, por

exemplo, a verdadeiramente paradigmática de Tito Schipa, que muitas vezes a cantou em Lisboa. Também a rossiniana «Ari-

etta all'antica» se situou entre as melhores versões do recital de Cuberli.

De uma maneira geral, a 2.ª parte foi muito menos gratificante: a abordagem dos «lieder» de Strauss deixou a desejar. O clima nem sempre foi «encontrado», o que se sentiu em «Morgen», a que faltaram maleabilidade e um *quid* ambiental que faz o preço deste trecho famoso. Comparativamente resultou melhor «Wie sollten wir gehen», numa concepção interiorizada e contrastante.

Porém o que por vezes se tornou mais susceptível de reparo, e com alguma frequência ao longo do recital, foi uma certa inconstância de entonação. Terá sido uma situação meramente ocasional? Oxalá.

Robert Kettelson foi, ao cravo e ao piano, um colaborador atento e suficientemente maleável, e sempre musical, no decurso de todo o programa.

Jornadas Literárias açorianas

«A Liberdade de Expressão na Literatura» é o tema das Terceiras Jornadas Literárias dos Açores, que se realizam em Ponta Delgada de 23 a 25 de Junho.

Com a realização destas jornadas nos Açores, a organização pretende expressar «quanto considerava imprescindível e inviolável o direito de todos os escritores à plena expressão de ideias, sem óbices de qualquer natureza».

Nas Jornadas Literárias participam os escritores José Sara-mago, Urbano Tavares Rodrigues, João de Melo, Francisco José Viegas, Emanuel Felix, Álvaro de Oliveira, Daniel de Sá, Dias de Melo, entre outros.

As III Jornadas Literárias dos Açores têm o patrocínio de diversas autarquias da Região Autónoma, entre as quais a Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Osório Mateus à descoberta
de Gil Vicente

Ernesto Sampaio

«Edição feita para dar texto a ler, não para dar texto lido», como diz Osório Mateus, seu organizador, acaba de ser posta à venda, com a chancela da Quimera, a Primeira Série de Cadernos Vicente. Trata-se de um objecto diferente do livro tradicional: os estudos sobre os autos de Gil Vicente são apresentados em cadernos autónomos, reunidos numa caixa. Esta modalidade, conforme pode ler-se no folheto de apresentação, «permite que, no futuro, o leitor possa arrumar os cadernos de diversas maneiras: cronologicamente, por autores, por cores, que correspondem às várias partes em que, originalmente, os autos aparecem na Copilaçam, etc.».

Por detrás do objecto constituído pela primeira série de cadernos, existem dois projectos distintos: um de natureza editorial que visa a publicação de outras séries que cubram a totalidade da produção conhecida de Gil Vicente, e que será desenvolvido ao longo dos próximos anos; e outro que se propõe criar a Associação Cultural Vicente, dirigida por Osório Mateus, a qual se desenvolverá a partir de um núcleo de difusão cultural do Hospital Termal Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha.

Para saber se ainda é possível descobrir Vicente, ou simplesmente abordar a sua obra de uma forma nova, depois do muito que se tem escrito sobre o autor e quase quinhentos anos depois, mantivemos uma pequena conversa com Osório Mateus, que começou por dizer serem «poucos os escritos sobre Vicente cujo assunto seja o teatro».

Citámos o trabalho vicentino de Carolina Michaelis de Vasconcelos, Aubrey Bell, Paulo Quintela, António José Saraiva, I.S. Révah, Luciana Stegagno Picchio e Stephen Reckert.

«Produziram investigação importante, mas quase sempre de âmbito parcelar, localizado», observou Osório Mateus, que prosseguiu: «Neste quase fim da era eléctrica, os manuais são apenas três: o livro de Anselmo Braamcamp Freire, escrito em 1919 e ainda não ultrapassado (Vida e Obras de Gil Vicente, Trovador, Mestre da Balança) e as bibliografias feitas em 1942 por Luíza Maria de Castro e Azevedo em Lisboa (Biblioteca Nacional) e em 1980 por Constantine C. Stathatos em Londres (Grant & Cutler). A informação quanto ao publicado a seguir a 1975 fica à mercê de encontros casuais. Daí derivam repetições de gestos, ignorâncias do já achado, empecos na aprendizagem. São dificuldades a mais e é preciso multiplicar estratégias para a produção de artefactos por onde a informação possa circular com menos peias e mais prazer.»

O restauro imaginário

Quisemos saber se o projecto Vicente privilegiava o reconhecimento singular do teatro, e Osório Mateus atalhou: «Posta a pergunta como foi aquele teatro, procuro responder: talvez assim. Costumo chamar a essa tarefa o restauro imaginário.»

«Face à realidade original de cada auto», continuou, «a minha distância é grande. Não vi nem fiz, estou cego e surdo. Mas posso ser recordado, se a memória da arte foi fixada.»

Os textos impressos hoje cata-

logados parecem ser os únicos documentos que existem — arriscamos.

«Copilaçam e folhetos são a memória maior dos autos, da sua existência outrora», salientou Osório Mateus, especificando que «no caso de Vicente, todos os impressos vêm depois do teatro. Descrevem autos anteriores, diferem, como podem, as primeiras profissões do discurso. São documentos relativos a acções teatrais perdidas: os autos, os monumentos. É preciso lembrar que as fontes não são todas da mesma água e que as técnicas de trabalho têm de dar conta das diferenças».

Fala de acções teatrais e não de textos...

«É do projecto soltar os autos e tratar cada um em particular. O auto é o auto e as suas circunstâncias, um feixe de interações contextuais. É sujeito de memórias e lembra-se do mundo do discurso, do mundo do teatro, do mundo da corte onde se faz. O seu texto está dentro de um universo de referências comuns que começa por incluir os autos anteriores de Vicente. Mas a textura não é só memória acumulada. Cada auto não é só contexto. É invenção e movimento, repetição e diferença. Assim, é preciso começar por reaprender e deslindar as circunstâncias: quem, onde, quando. O catálogo das fontes pode estar fechado e há que conhecer o arquivo, retratar os documentos, analisar todas as possibilidades de leitura. Vendo tudo o que haja, trabalhando com todos os elementos de que se possa dispor, é preciso tentar

perceber como é cada auto no seu presente histórico, momento a momento. Como é que a cada instante o espectador vai sabendo aquilo que sabe? Como é que lhe aparecem organizados o tempo e o espaço de aqueles

corpos a representarem?»

Sem nos dar tempo a intervir, Osório Mateus responde às suas próprias perguntas: «O projecto dá conta de como se institui a diferença na repetição. Implica a leitura crítica de todos os textos

restantes de Vicente, não pela ordem antológica de taboada em que aparecem na Copilaçam de todas as obras, mas pela ordem em que se fizeram ao longo da história de trinta e quatro anos de trabalho. As informa-

ções breves que introduzem o texto de cada auto na Copilaçam — notícias tardias mas quase sempre primeiras — foram confrontadas com o teor de folhetos e outras memórias. Pode armar-se uma cronologia mono-



«O Assombrado», de Henrique Nicolau, amanhã na Casa da Imprensa

«O MUNDO É PEQUENO, CARAÇAS!»

Pedro Alvim

Nem sempre se pode escrever no momento preciso, pois que a nossa maneira de ser se furta, muitas vezes, ao tempo exigente da escrita. Vamos sempre adiando por uns dias, dizemos que para a semana, talvez até para o mês que vem. Sucede, no entanto, que há um *segundo imperioso* para quem à escrita se dá - e o desperdício desse segundo arrasta para o abismo do nada o que de mais criativo pode a mente conceber. Assim é que muitos romances, contos e poemas ficam para sempre dentro de nós, connosco morrem, se perdem nos caminhos do tempo que irrevogavelmente vai passando.

Ora desta feita, e tendo na memória alguns seus títulos passados, Henrique Nicolau soube mesmo "agarrar" esse segundo imperioso, quando se deu ao trabalho de escrever mais um policial, «O Assombrado» de nome, editado pela Caminho, e que amanhã, ao fim da tarde, é apresentado na Casa da Imprensa. Não se perdeu o autor, quanto a nós, no arbitrário, mais ou menos dissimulado - e antes assentou a sua atenção na matéria bruta nacional, desligando-se inclusive de certos processos narrativos nomeadamente de carácter norte-americano (e não só) já por demais conhecidos dos leitores daquele género de literatura. Justiça, pois, lhe seja feita: servindo-se de uma linguagem impecável, em que o português avulta em toda a sua pura coloquialidade (quer nos diálogos, quer para além dos diálogos), Henrique Nicolau inseriu-se nas linhas de uma história que nos toma da primeira à última página.

E tal acontece porque, tendo como fundo restos ainda de certas operações não louváveis do 25 de Abril de 74 (a transferência de riquezas, por exemplo, para países estrangeiros), o escritor foi hábil em ultrapassar a temporalidade meramente histórica, decidindo-se, através de uma medida justa, captar o quotidiano vulgar que sempre constitui a verdadeira massa do mundo. Isto é: o peso íntegro da vida. Henrique Nicolau "viu" que, para além desse fundo histórico (e não raro pseudo-histórico), as pessoas continuam sendo pessoas, com as suas particularíssimas maneiras de ser, com a sua própria individualidade, sendo afectadas por mil e uma coisas que nada têm a ver com uma determinada data que para sempre ficou marcada no calendário.

Serviu-se o autor da mistura de que tudo é feito, de como tudo anda ligado, de como nos vamos encontrando por mais distantes que nos julgemos uns dos outros. Um juízo se nos depara no texto (p. 127) que, por muito usado que seja, não

balho guardando aquela distância absolutamente imprescindível ao acto livre da escrita. Que se atente, a título de exemplo, nesta passagem de autêntica banda desenhada (pp. 66/67): «Ainda não tinha marchado meio cálice, quando o Tintim chegou. Sem Milu nem capitão Haddock, como é de prever, mas acompanhado de dois sujeitos, que bem podiam desempenhar o papel de Dupont e Dupont. Não pelas semelhanças físicas, mas pela forma de igualmente sublinharem as deixas...» Estamos aqui a ver o escritor, seguro de si, permitindo-se uma pequena brincadeira - para logo a seguir, nas páginas ainda por escrever, ir delineando personagens (nomeadamente duas) que para sempre ficarão na nossa memória: a de Tertuliano, o assombrado, e a de Olga. Acredite o leitor que são duas personagens que enriquecem a galeria de figuras do género literário em questão - e isso porque Tertuliano é daquelas criações que

retratam de modo admirável determinados seres humanos que são e não são deste mundo, e Olga (que nos proporciona um final inusitado) um daqueles nomes patéticos que, aparentemente estáveis, se abrem por fim em um sem número de conflitos que nos levam a estar sempre do seu lado. Não, não vamos contar a história, pois que tal seria infringir a regra de ouro de todo o bom romance policial: trocar o "suspense" por miúdos...

E por aqui nos ficamos, com lembranças (só nossas) de Simenon (que sempre se apoiou na vida circundante, recusando qualquer espécie de arbitrário) - e mais uma vez acentuando que, na verdade, Henrique Nicolau soube agarrar com ambas as mãos o *segundo imperioso* da escrita. «O Assombrado» (que ora nos seja também permitida uma certa distância...) não é obra que de maneira nenhuma assombre o género literário conhecido comumente por policial.



Osório Mateus: Um clássico nunca está fora de uso e autores são por definição os que prometem cantos desconhecidos e reclamam leituras exclusivas

gráfica das notícias apuradas e alinhar de forma pertinente e seriada de factos conhecidos do trabalho teatral de Vicente, para tentar saber melhor - no exemplo de um corpo - a história de como o teatro foi sendo numa mudança de tempos. Até onde se possa alcançar.

Mas onde se centra a análise? «Em enunciações de discurso susceptíveis de evocação parcial.»

Põe em funcionamento o tal aparelho conceptual de restaurar...

«É a operação descritiva de um universo e projecta-se como coerente, exhaustiva e simples. Mas sabe-se limitada e dá conta da desproporção entre o que se pode captar do som diferido pelas letras e o que se pode captar da imagem.»

Da imagem?! «A letra pode ser lida por um sujeito isolado, mas a prática do leitor doméstico é limitada. O teatro é para mais que um corpo. A leitura nova não cabe toda no gesto da mão que escreve e precisa de bocas que falem. A mais produtiva seria também vocação por outros corpos vivos, dispostos no espaço e no tempo. Depois, a escrita dessa prática, que se pode constituir como experiência de trabalho de grupo em ciências humanas e permite contrapor uma filosofia socialista do trabalho a uma filosofia liberalista.»

Um clássico

Perguntámos a Osório Mateus se, tratando-se de um clássico, Gil Vicente não impor certos limites.

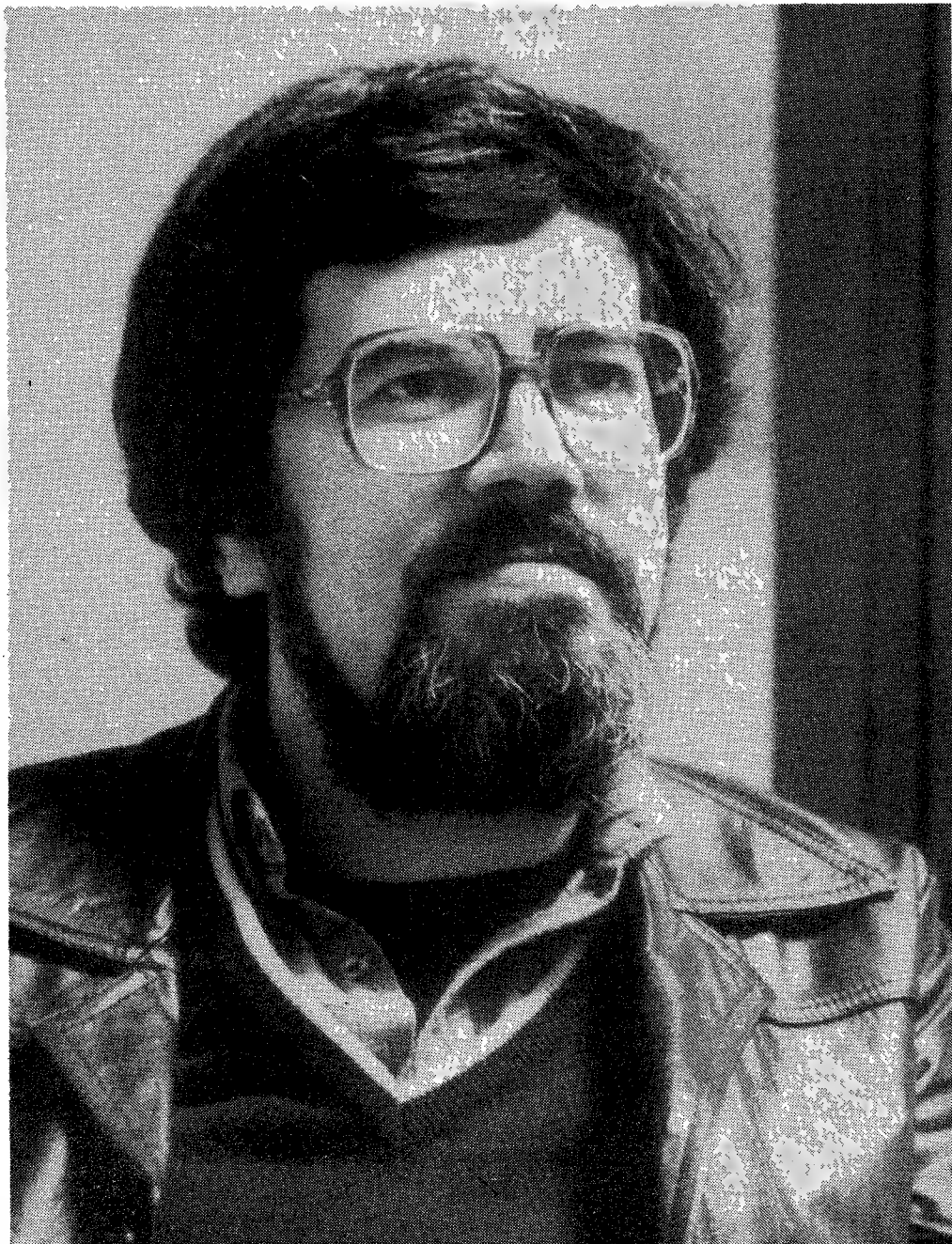
«Um clássico nunca está fora de uso», respondeu-nos, «e autores são por definição os que prometem cantos desconhecidos e reclamam leituras exclusivas. O trabalho sobre os autos deste autor permite também a produção de regras técnicas de restauro que podem servir para mais estações da história do teatro».

Como se recortava o trabalho teatral no século XVI? Responde o director dos Cadernos Vicente: «Durante o primeiro terço do século, aparecia como prática autónoma, como actividade pedida, favorecida e limitada, como mercadoria que se faz, vende e circula por espaços sociais cada vez mais alargados, câmaras e capelas de paço por encomenda de reis e rainhas, conventos e igrejas de cidade, casas de fidalgos, escolas. Uns ordenam e outros representam. Emergem novos officios em busca de legitimação: autores e actores. Paga-se a quem faz, encomendam-se produtos com medidas e o teatro tenta equilibrar oferta e procura de arte.»

Fazer assim os autos implica uma divisão do trabalho...

«...Que separa artistas e compradores, e os coloca a uma distância com que o teatro nunca teria sonhado. Em Portugal, Vicente situa e processa um sistema de divisão de trabalho que por séculos se repetiu, sem se aprender a produzir-lhe alternativa. É uma formação clássica da história do teatro e da língua que pode durar até parecer natural e eterna. A produção teatral de Vicente dura de 1502 a 1536. É o tempo de apogeu da corte portuguesa como centro de um movimento europeu de expansão que abrange três continentes: a África, a Ásia, a América. É o momento histórico invulgar em que Lisboa se torna um lugar de produção de luxo e arte, com que só rivalizam as cortes castelhana e francesa, ou a do Papa em Roma.»

Esta primeira série compreende os seguintes cadernos: «Tormenta», «Martinho», «Devisa», «Índia», «Cortes», todos organizados por Osório Mateus, e ainda «Maria Parda», por Margarida Vieira Mendes, «Ciganas», por João Nunes Sales, «Lusitania», por Graça Abreu, «Farelos», por José Camões, e «Nau», por Teresa Castro Nunes. A saída da 2.ª série está prevista para o próximo mês de Outubro.



Henrique Nicolau

Dias 24 e 25 de Abril no Rock Rendez-Vous

ROCK CONTRA AS ARMAS

Maria José Belo Marques

Fotos de Rui Vasco

Ficou provado que as boas causas ainda fazem mexer muita gente, e concretamente as gerações mais novas. Quebrar o silêncio sobre o Serviço Militar Obrigatório é o objectivo, o apelo transformar a plataforma num movimento amplo que seja de todos, e não só dos seus subscritores, músicos na sua maioria. Dias 24 e 25 de Abril houve a resposta necessária aos esforços desenvolvidos, e o Rock Rendez-Vous teve casas cheias.

Doze bandas, divididas por dois dias, e uma jam session por noite era o previsto. A organização não falhou, e à excepção dos É M'As Foices de Coimbra, impossibilitados de estarem presentes por um dos seus elementos se encontrar mal, em consequência de uma agressão de que foi vítima num concerto do grupo na véspera, todos os outros compareceram e deram o seu contributo para a divulgação do seu movimento.

O primeiro dia foi o melhor

O concerto da noite de 24 de Abril foi o mais equilibrado em termos musicais. Apesar de cada banda só ter cerca de 20 minutos de actuação isso não impediu Ocaso Épico, Lobo Meigo, Bastardos do Cardeal, Amen Sacristi, Clandestinos e A Kausa de terem boas prestações.

No entanto, é porque não seria justo a falta de nomeação, Ocaso Épico, Bastardos do Cardeal e A Kausa foram os protagonistas dos melhores momentos musicais. Farinha Master e os seus companheiros abriram o concerto, e de imediato se presenciou a mais uma das actuações de qualidade dos Ocaso Épico. Com menos performance, o tempo também não dava para muito, mas com música mais cuidada, e um Farinha com um domínio muito grande sobre si próprio, não esqueceram ao que iam, e a ida obrigatória à tropa foi posta em causa sem discus-

sos, mas por música. Farinha inequivocamente saltou da segunda linha para tomar lugar na primeira divisão da música dita moderna portuguesa.

Evolução demonstraram os Bastardos do Cardeal. Desta vez com o seu excelente performer/vocalista, Rudy Von Morgan, (que pena não trabalhar mais a voz para os seus textos mordazes se tornarem mais perceptíveis) apresentando-se não como Zé Povinho dos anos 90, mas, pateticamente, representando um híbrido de Pierrot e Arlequim. A originalidade não lhes escapa, nem tão pouco a militância. Os Bastardos actuaram no palco, e na sala com um comunicado que distribuíram aos presentes e onde fazem a sua crítica às várias prepotências de que, de uma forma ou outra, todos somos vítimas. Os músicos desta banda de Viseu, que raramente temos oportunidade de ver em Lisboa, no tempo que mediou um e outro concerto, trabalharam e mostraram que não têm andado a dormir, o caso mais flagrante é o do seu baterista que desta vez, mais feliz, se mostrou à altura do projecto, a que pertence de pleno direito.

Os mais novos tiveram os seus créditos bem representados pela banda de Almada, A Kausa, que apesar de não ter um projecto original, não deixa de mostrar grande maturidade e competência, o tempo poderá fazer deste grupo um dos mais interessantes da nova leva de bandas, estilos e estéticas.



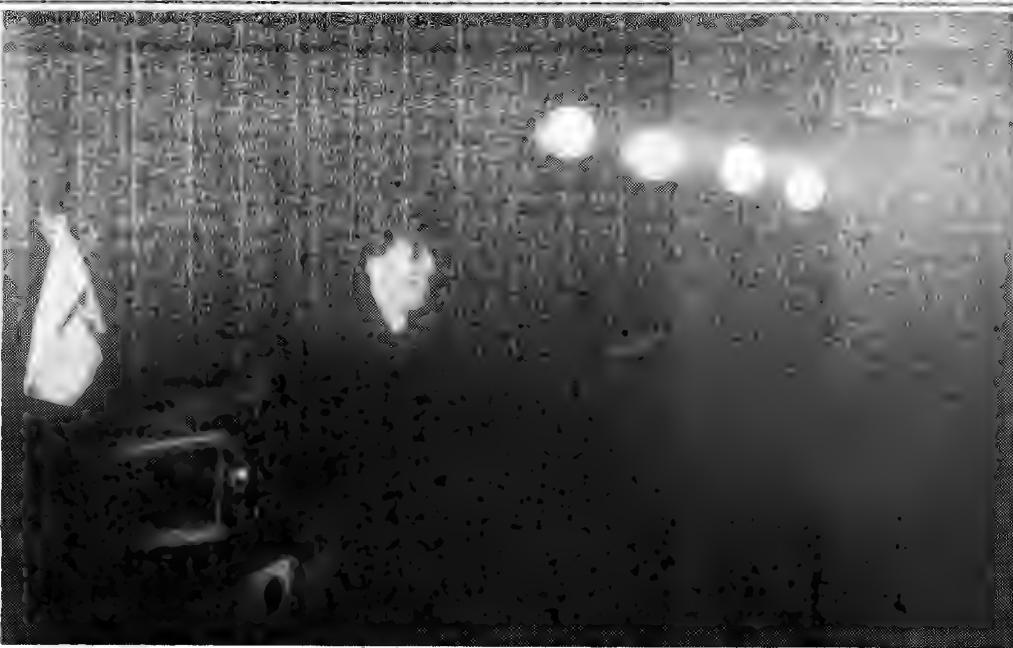
Vocalista da Kausa. A força das novas bandas

Sitiados somam e seguem

No segundo dia o ritmo do concerto diminuiu, mais tempo entre a actuação de cada grupo e projectos com menos interesse. Sitiados, Tomcat, Lúçifer Fere, Orfeu Rebelde e Ti-No-Ni, fizeram um espectáculo irregular com altos e baixos, infelizmente mais baixos que altos.

Nos pontos altos salienta-se Sitiados, a banda revelação do ano passado, classificada em 2º lugar no Concurso de Música Moderna do RRV de 88. De cada vez que se apresentam em público, e em termos de concertos a vida não lhes tem corrido mal, os Sitiados conseguem sempre prender a atenção pela sua energia, simplicidade e, obviamente, o seu projecto, agora reforçado com o novo elemento no acordeão.

A surpresa veio também,



Farinha Master, no alto de uma das colunas do RRV, quando participava da jam session de dia 24



Bastardos do Cardeal: a vitória da originalidade

ontem, da outra banda, Lúçifer Fere, de Setúbal, com a sua música pesada e obsessiva apresentou um projecto consistente. Ao lado de bandas pouco conhecidas, como Culatra e Vômito, o grupo de Setúbal, com os seus excelentes músicos, mostra que, e já não era sem tempo, a apatia reinante, de projectos mais ou menos cópias não muito boas de outros, está a chegar ao fim, e do interregno se passa a uma nova leva de boa música.

As jam sessions tiveram alguns casos felizes a assinalar. Adolfo Lúxuria Canibal e João Pedro Almendra, vocalistas respectivamente dos Mão Morta e Peste & Sida, improvisaram à volta do SMO, dando a vez a Miguel Ângelo, dos Delfins, com um tema preparado também para a ocasião, acompanhados, entre outros,

por músicos dos Kaos, Amen Sacristi e Lobo Meigo. Os Condenação Pacífica criaram para o acontecimento também um tema, e aproveitaram a jam de dia 25 para o apresentar. O que o público não viu, e é pena, foi no teste de som, os Sitiados com Paulo Neto, dos Essa Entente e K4, interpretarem temas de Clash e Xutos & Pontapés, um grande momento de música que lamentavelmente, e não se entende porquê, não se repetiu na jam, da noite.

O que tornou esta iniciativa um sucesso foi, de facto, a adesão do público, mesmo sabendo de antemão não ir encontrar bandas de primeira linha subscritoras da Plat-

aforma, no palco. Sabe-se que o movimento não vai parar, e corria o rumor que tem para discussão a sua presença, diferente, no desfile do 1º de Maio.

Desta vez parece que os músicos estão empenhados em manter desfraldada a bandeira desta causa que a si chamaram. E apoio parece não lhes faltar.

Como curiosidade: todos os participantes deste concerto, bem como a Comunicação Social em serviço, pagaram bilhete, e tive oportunidade de ouvir, no acto da compra do seu ingresso, o vocalista dos Lúçifer Fere dizer que estava a pagar com prazer.

Aguarda-se a próxima iniciativa.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

GENTE GIRA 4

13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

O URSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

GENTE GIRA 4

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

O URSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 5

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

GÊMEOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Amoreiras 10

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h



Karen Blixen/Isak Dinesen's Babette's Feast

A PANORAMA FILM INTERNATIONAL PRODUCTION

A FESTA DE BABETTE em exibição no Quarteto Sala 3
maiores de 12 anos, qualidade

Pub.

Apolo 70

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Ávila

— T. 539930

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Berna

— T. 776060

GENTE GIRA 4

15.15, 18.00 e 21.30h

Capitôlio

— T. 372358

BORRACHOS EM FOGO
(Interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

A NINI PREPAROU TUDO
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
23.30h

Cine Camões

T. 324194

A CUMPLICE
(maiores 16 anos)
14.45, 16.30, e 21.30h

Cine 222

— T. 533253

BRADOOCK — DESAPARECIDO EM COMBATE 3
Estrela nacional
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cinemateca Portuguesa

ENCERRADO

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

VIÚVA MAS NÃO MUITO
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30h

Estúdio Sheza

SUPEMAN IV — EM BUSCA DA PAZ
(maiores 6 anos)
15.15, e 21.45h

City Cine

— T. 549999

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes

— T. 322523

A MOSCA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30h

Eden

— T. 320768

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

— T. 555134

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Estúdio ACS

— T. 887255

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)

Fonti Nova

— T. 7145109

Sala 1

O URSO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Forum Picoas

— T. 541037

REGRESSO A BOUNTIFUL
(para todos)
19.00 e 22.00h

Gemini

— T. 734009

TOP GUM — ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

MOSCA 2
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

Sala 2

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Império

— T. 555134

GENTE GIRA 4

15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

Sala 1

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h

Sala 2

GENTE ESTRANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

O EXTERMINADOR DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.15 e 21.30h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Sala 2

A MOSCA II
(maiores 16 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Londres

— T. 801313

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

— T. 574362

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

— T. 326283

O EXTERMINADOR DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia

T. 325309

GAROTAS DO REFORMATÓRIO
(Interdito men. 18 anos)
Sessões continuas a partir das 14.00h

Politeama

T. 326305

GENTE GIRA 4
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
23.45h

Sala 2

A COMISSARIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
BELEZA DO PECADO
(maiores 16 anos)
23.30h

Sala 3

A FESTA DE BABETTE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 4

A DAMA DE BRANCO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
ASAS DA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
23.30h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
15.30 e 18.30 e 21.30h

Sala 2

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.15h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

7.ª Arte

— T. 730715

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Star

— T. 804210

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

— T. 371573

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Tivoli

— T. 570595

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Turim

T. 706666

ESCORPIÃO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon

T. 368480

A DAMA DE BRANCO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — «Encontro de Irmãos», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores 12 anos)

Lido — «Assalto ao Arranha-Céus», às 21.00h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro Chaby — Encerrado para descanso do pessoal

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Os Rapazes de Biloxi», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Urso», às 15.30 e 21.30h (6 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os Acusados», às 15.15, 18.15 e 21.30h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Desaparecido em Combate», às 15.30, 18.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Ligações Perigosas», às 15.15, 18.15 e 21.45h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Uma Outra Mulher», às 15.30, 18.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Ligações Perigosas», às 15.15, 18.15 e 21.45h (maiores 16 anos)

ESTORIL — Casino Estoril — Encerrado para obras

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Mississippi em Chamas», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Uma Outra Mulher», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Os Gêmeos», às 15.30, 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

RECORDAR PEDRO CRUZ NAS GALVEIAS

Com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa encontra-se patente, no Palácio das Galveias (Campo Pequeno), até ao final do mês, uma exposição comemorativa do centenário do nascimento do pintor Pedro Cruz, composta por trinta e sete óleos, três aguarelas e vinte desenhos.

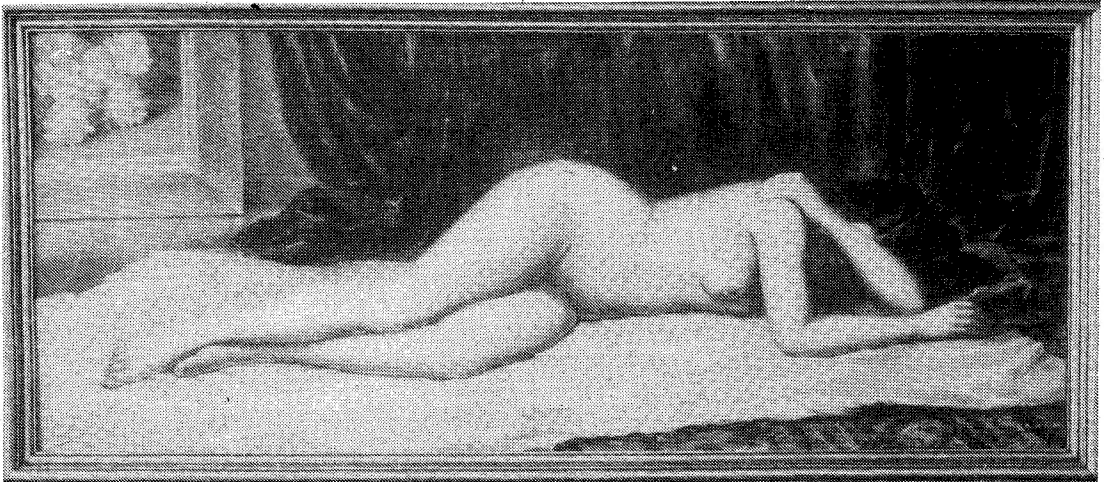
De nome completo José Pedro Cruz, nasceu em Lisboa a 30 de Abril de 1888 e em Lisboa morreu a 30 de Janeiro de 1980. De muito novo sentiu uma grande atracção pelo desenho e pela pintura, tendo sido discípulo dos mestres José Malhoa e António Thomaz da Conceição Silva, em 1904 e 1905.

No princípio de 1906 seguiu para Paris, onde se matriculou na Academia Julien, que frequentou durante

quatro anos. Foi aí discípulo dos grandes mestres Jean Paul Laurens, Marcel Machet e Henry Royer, do primeiro em pintura histórica, do segundo em retrato e do terceiro em paisagem.

Em 1910, Pedro Cruz inicia, em Lisboa, a sua vida de pintor. Ao longo de 78 anos de carreira, apenas interrompidos em 1935 e 1947 por uma incursão na indústria têxtil, o pintor efectuou 18 exposições individuais e participou em 10 colectivas.

Em 1986 foi inaugurado em Pedrogão Grande o Museu Pedro Cruz, onde figura grande parte do espólio do artista. Dos muitos quadros existentes em colecções particulares, uma parte encontra-se nos E.U.A..



"Nú" de Pedro Cruz

TEATRO

COMUNA: o "Teatro da Rainha" apresenta, até dia 29, o espectáculo "Amorosos" - três farsas medievais francesas, de autores anónimos, em versão original de José Valentim Lemos, que também encena. Interpretação de Ana Madureira, José Alegria, Rosário Gonzaga, Rui Jacques e Vitor Zambujo. De terça a sábado às 21,30, sábados e domingos também às 16,30.

MÚSICA

TEATRO S. CARLOS: hoje às 21 horas, "Recitais da Primavera" (II) com Lella Kuberi e no cravo e piano Robert Kettelson; obras de Haydn, Caccini, Scarlatti, Monteverdi, etc.

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até 30 de Junho, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII. Até 31 de Maio, Desenhos e Aguarelas de Toulouse-Lautrec.

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA (Galeria de Pintura do rei D. Luís): até 10 de Maio, a exposição de projectos arquitectónicos concorrentes ao concurso para a construção do Centro Cultural de Belém.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: "Leques - composições em semicírculo", Pintura de Manuel Baptista, comemorativa do bicentenário do nascimento de D. João V. Em "Joia do Mês" a mostra "Colares de Tchoupette Beerten.

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente "Núcleos dos Séculos XVI e XVII. Cerâmica no AR. CO.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios - reflexões pós-modernistas". Trata-se de um

acontecimento científico de significativa importância, na medida em que os objectos expostos constituem a única colecção etnográfica da Melanésia existente no nosso país. O acervo foi recolhido naquela área do Pacífico Ocidental nos princípios do século e é agora apresentada pela primeira vez ao público.

PALÁCIO DAS GALVEIAS (Campo Pequeno): até 30 de Abril, uma exposição comemorativa do centenário do pintor Pedro Cruz, com 60 quadros da sua autoria (óleos, aguarelas, pastel e desenhos).

PALÁCIO DOS CORUCHÉUS (R. Alberto de Oliveira, -Alvalade): até 28 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 17,30, pintura de Maria Irene Fernandes.

GALERIA QUADRAM (R. Alberto de Oliveira, 52): até 12 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 15 às 19, "Estruturas Matéricas" - Pintura de José de Carvalho.

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 13 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 15 às 18, a exposição "Desenhos da Primavera" de Rogério Ribeiro.

VOZ DO OPERÁRIO: até 6 de Maio, integrada nas comemorações do 15º aniversário do 25 de Abril promovidas pela Associação de desenhos sobre esta data, executados por alunos de escolas primárias e preparatórias de todo o país.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (P. do Príncipe Real, 32 r/c): até 13 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, a exposição do pintor espanhol Molina Sanchez.

QUEIMADA, 48-Bairro Alto): até 11 de Maio, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, Pintura de Dario Alves.

FOTO GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12A): até 12 de Maio, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, exposição de Mário da Natividade Ramos.

GALERIA LAMBERTINI (Av. da Liberdade, 166): até 20 de Maio, de terça a sábado das 15 às 19,30, pintura de José Escada, "Reservas".

GALERIA MUNICIPAL DE ALMADA: até 1 de Maio, a IMAGEM (Associação de Artistas Plásticos de Almada) tem patente uma exposição com as suas congéneres Viragem (Cascais), Artever e AAGA (Amadora).

GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9): até 11 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, "Vento de Feição" - pintura de Fernando Quartin.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 6 de Maio, das 14 às 20 horas (encerrado às segundas e feriados) pintura e gravura de Emma Debayle

GALERIA DE ARTE DOS CITI (Forum Picoas): até 5 de Maio, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 14,30 às 19, escultura de Humberto Lebroto.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Abril, pintura de Maria Gabriel subordinada ao tema "Brumas Marítimas Nevoeiros", obras inspiradas nos textos da História Trágico-Marítima.

GALERIA ALMADARTE (Av. General Humberto Delgado, 3-B-Costa de Caparica): até 12 de Maio, a exposição de Pintura "Lugares", de Rui Viana.

CASA DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): até 3 de Maio, aguarelas de Marion Rümpeler. De segunda a sexta das 10 às 20.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): uma

colectiva de pintura, desenho e escultura de artistas plásticos do Brasil.

INSTITUTO DO VINHO DO PORTO (R. S. Pedro de Alcântara, 45 r/c): pintura de Maria Brígida.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 2 de Maio, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, Pintura de Teresa Barbieri.

GALERIA YGREGO (York-Espaço 8-Av. António Augusto de Aguiar, 13-C): uma exposição de Pintura de Eduardo Luís.

GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, 1-ao Quêlas): até 6 de Maio, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, a exposição de escultura de Moisés (Alvalua)

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 14 de Maio, pintura de Carmo Moura Nunes.

LOJA DE DESENHO (R. Academia das Ciências, 2B): até 13 de Maio, de terça a sábado das 15 às 19,30, uma exposição de Patrícia Garrido.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: até 24 de Abril, a exposição "Monumentos" de José Manuel Soares. Patente todos os dias, das 17 às 24 horas.

GALERIA RATTON CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-loja C): até 16 de Maio, a exposição de painéis de Graça Morais e Jorge Martins. Patente das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

ASSÍRIO E ALVIM (R. Passos Manuel): até 6 de Maio, uma exposição sobre a vida e a obra de Emídio Santana, figureira primeira do anarquismo em Portugal.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Abril, esculturas de José Pedro Croft.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 10 de Maio, das 10 às 19, técnica mista de Isabel Garcia.

SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores de Lima, 8): até 13 de Maio, pintura de Estela Leal.

IMPREVISTO BAR (Tv. da Laranjeira): até 29 de Abril, exposição de óleos, gravura, acrílicos e aguarelas de São Trindade, Ana Mor, Cristina Maldonado, Eurico Gama e Ana Gaivão.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Maio, de segunda a sábado das 15 às 20, desenho de Fernando Cruz.

GALERIA DE ARTE DAS AMOREIRAS (Shopping Center-Loja 2012): até 20 de Abril, escultura em madeira de Edison Lufac.

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: até 30 de Abril, todos os dias das 15 às 23, pintura cerâmica de Antão.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): escultura e desenho de Xana.

ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (R. Braamcamp, 13-1º): até 5 de Maio, a primeira exposição de guaches de José Aragão. Patente nos dias úteis das 10 às 13 e das 14,30 às 19,30.

GALERIA DO MERIDIEN LISBOA: até 2 de Maio, pintura de Real Bordalo.

PALÁCIO AZURARA (Largo das Portas do Sol, 2): no âmbito das comemorações do 35º aniversário da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, uma exposição de azulejos, desenhos e óleos da autoria do mestre daquela Fundação e chefe da oficina de pintura decorativa, Júlio Mascarenhas Brás.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Maio, o IV Salão de Primavera.

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Parque do Estoril): a exposição "Noites", escultura em mármore de Nelson Cardoso.

CLUBE LAGO (Monte Estoril): até 6 de Maio, gravuras de Ilda Reis.

GALERIA DO HOTEL ALBATROZ (Cascais): até 9 de Maio, das 15 às 22, Pintura de José Viana.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 4 de Maio, desenhos e serigrafias de João Sanina

JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA (R. dos Lusíadas, 13): até 21 de Abril, a exposição de pintura, desenho e escultura "Debaixo da Ponte", da autoria de um grupo de alunos da ESBAL. Patente ao público das 16 às 20 horas.

BAR-RESTAURANTE BOHEMIA (Cª Marquês de Abrantes, 38-A): até 29 de Abril, pintura de Maria Cristina de Deus e Maria Helena Furtado.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Ruy Leitão.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 22 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, "Pinturas Recentes" de Paiva Raposo.

APTCA (R. Aquiles Machado, 3-G): para inauguração deste "Espaço Arte" da Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine, até 30 de Abril uma exposição colectiva com obras de António Six, Carlos Alberto Santos, Carlos Luz, Fernando Carlos, Germano Santo, Gregório Gomes, H. Mourato, José Brito, Luís Furtado e Preben Boesen.

ESCOLA FERREIRA BORGES: até 4 de Maio, o XIII Salão de Artes Plásticas que engloba pintura, escultura, cerâmica e desenho, promovido pelo Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 4 de maio, pintura de Duarte Saraiva.

ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 7 de Maio, a exposição de pintura "Paisagens do Interior" de Alves Martins.



MÉDICO
DE
URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa -
PERMANENTE - AMEI-
XOEIRA - LUMIAR: Santos,
Al. António Sérgio, 8-C, Urba-
nização Quinta de Santa Clara;

AREIRO - APEADEIRO:
Chinde, R. Agostinho Louren-
ço, 6-B (T. 890331); **CAMPO**
DE OURIQUE: Castro Fon-
seca, R. 4 de Infância, 28-A
(T. 688857); **CAMPO PE-**
QUENO - AVENIDA DE
ROMA: Galeno, Av. Oscar
Monteiro Torres, 38-A (T.
774920); **CARNIDE:** Guilma-
res Moraes, R. Neves Costa,
33-35 (T. 7140081); **ENCOS-**
TA DO RESTELO - MOI-
NHOS: Tanara, R. Rodrigo
Reinel, 3-A (T. 611814);

IGREJA DE ARROIOS -
CHILE: Oriental de Lisboa,
R. Alves Torgo, 2-B (T.
545079); **PAMPULHA - JA-**
NELAS VERDES: Nazário
Pinto, R. Presidente Arriaga,
39 (T. 667460); **SÃO SEBAS-**
TIAO: Sá da Bandeira, R.
Marquês de Sá da Bandeira,
36-42 (T. 545672); **SAPADO-**
RES: Branquinho, R. dos Sa-
padores, 87-89 (T. 842725);

SÉ: Santa Luzia, R. da Sau-
dade, 2-B (869831); **TIVOLI**
- RESTAURADORES: Galé-
nica, R. das Pretas, 12-14 (T.
322588); **BRANDOA - AMA-**
DORA: Tavares de Matos, R.
Irene Lisboa, lote 108 (T.
993220); **CARNAXIDE:** Cen-
tral de Carnaxide, Av. de
Portugal, 16-B (T. 2184913);

ODIVELAS: Gonçalves, R.
Dr. Egas Moniz, 30-B (T.
9815662); **PONTINHA:** Flo-
ra, Az. dos Besouros, lote
R-8.

REFORCO - ALTO DO PI-
NA: Eusil, R. Barão de Sabro-
sa, 104 (T. 841912); **ALTO**
DE SANTO AMARO - RIO
SECO: Dileña, R. Aliança
Operária, 39-A-B (T. 737620);

ALVALADE: Roma, Av. de
Roma, 85-B (T. 772466);
BAIRRO ALTO: Labor, R.
Diário de Notícias, 73-83 (T.
323428); **BENFICA - IGRE-**
JA - CEMITERIO: Lisboa,
R. Cláudio Nunes, 73-A (T.
703393); **CAMPOLIDE:**
Imparcial, R. General Tabor-
da, 28-30 (T. 680931); **CHE-**
LAS: Banha, E. de Chelas,
173-175 (T. 382241); **ESTE-**
FÂNIA: Universal, R. Actor
Taborada, 5-7 (T. 544158);
MARQUES DE POMBAL:
Ribeiro & Castro, R. Braam-
camp, 52-C (T. 543409);

MARTIM MONIZ: Tavares,
R. da Palma, 194 (T. 863350);
OLIVAIS SUL: Higiene, R.
Cidade de Vila Cabral, lote 43
(T. 310026); **BURACA -**
AMADORA: Vaz Martins,
Pt. Fernando Pessoa, loja E,
36-B (T. 970660); **OLIVÁ-**
BASTO: Nova, R. dos Açores,
11-A (T. 9810305).

Outra Banda -

ALMADA: Cristo Rei, Av. do
Cristo Rei, 31-A (T. 2766498).
Permanente; **COVA DA PIE-**
DADE: Castro Rodrigues, L.
5 de Outubro, 62 (T. 2750121).
Permanente; **MONTE DE CA-**
PARICA: Guerreiro, lote 31-
I, Moinho (T. 2950727). Até
às 19 horas; **COSTA DE CA-**
PARICA: Chai, Av. General
Humberto Delgado (T.
240218). Até às 19 horas; **LA-**
RANJEIRO: Moderna, R. Dr.
António Elvas, 8-A (T.
2290303). Até às 22 horas; **SE-**
SIMBRA: Lopes, R. Cândido
dos Reis, 21 (T. 2233028). Até
às 19 horas; **LAVRADIO:**
Parreira, R. D. Silva Cristino,
15-A (T. 2042016). Até às 19
horas; **BARREIRO:** Picarra,
Av. do Bocage, 65-A (T.
2074771). Permanente; **COR-**
ROIOS: Lino, R. Alexandre
Herculano (T. 2530256). Até
às 19 horas; **AMORA:** Nobre

Guerreiro, R. Dr. António G.
Mendes, 314 (T. 2212923).
Permanente; **SEIXAL:** Ceruca
Lopes, T. da Paz, Casal do
Marco (T. 2210369). Até às 22
horas; **MONTIJO:** Higiene,
R. José Joaquim Marques, 142
(T. 2310370). Até às 22 horas;

MOITA: Silva Rocha, P. da
República, 16 (T. 2390029).
Até às 19 horas; **ALHOS VE-**
DROS: Portugal, Av. da Bela
Rosa, 8 (T. 2040250). Até às
19 horas; **ALCOCHETE:** Nu-
nes, L. Coronel Ramos da Cos-
ta, 10 (T. 2340137). Até às 19
horas; **SETUBAL:** Mira, P.
Jorge Afonso (T. 20427). Perma-
nente; **OLIVEIRA:** R. da Mice-
ricórdia, 10 (T. 22488). Perma-
nente; **Portugal:** R. Camilo
Castelo Branco (T. 23211). Até
às 22 horas.

Linha de Cascais -

ALGES: Dias & Saraiva, Av.
Afonso Pala, 17 (T. 2114487).
Permanente; **LINDA-A-VE-**
LHA: Moderna, Av. 25 de
Abril, 30-C (T. 4191235). Perma-
nente; **CAXIAS:** Nova, R.
Bernardim Ribeiro, 1-A (T.
2432839). Permanente; **MAL-**
VEIRA DA SERRA: Luz, E.
Nacional (T. 2850635). Até às
22 horas; **OEIRAS:** Oelras, L.
Henrique de Paiva Couceiro
(T. 2430485). Permanente;

CARCAVELOS: Vilar, Av.
Maria da Conceição, lote B (T.
2470777). Permanente; **SÃO**
DOMINGOS DE RANA: Go-
dinho da Silveira, R. Afonso
de Albuquerque, lote B, loja 2
(T. 2470361). Até às 22 horas;

PAREDE: Grincho, Av. da
República, 87-A (T. 2471204).
Permanente; **SASSOEIROS:**
Amaral Semblano, Quinta das
Encostas (T. 2461312). Até às
22 horas; **BIRRE:** Imani, lote
7-B, Hera (T. 2852121); **MA-**
DORNA: Madelra, R. A (T.
2476326). Até às 22 horas;

AMOREIRA: Abrantes, Vi-
venda Maria Carlos Anjos (T.
2682313). Até às 22 horas;

ESTORIL: Parque, Arcadas
do Parque, 3 (T. 260191). Até
às 22 horas; **CASCAIS:** Mice-
ricórdia, R. do Regimento 19,
41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra -

AMADORA: Jardim, Av.
Conde de Oeiras, 120, Rebolei-
ra (T. 4938424). Até às 22 ho-
ras; **DAMAIA:** Conflança, R.
Batolomeu Dias, lote D (T.
971023). Permanente; **Damaia**
P. Alexandre de Gusmão, 9-A
(T. 97970523). Até às 22 ho-
ras; **QUELUZ:** Serra & Pinto,
Av. D. António C. Sá, 50-GE
(T. 4377619). Permanente;

QUELUZ DE BAIXO: L.
Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 (T.
4356487). Até às 22 horas;

CAMARATE: Nova da
Charneca, R. Cidade de Lis-
boa, 9-A (T. 2571626). Até às
19 horas; **CACÉM:** Central,
R. Elias Garcia, 55 (T.
9240034). Permanente; **MEM**
MARTINS: Miranda Garcia,
E. de Mem Martins, 173 (T.
9214103). Permanente; **MER-**
CES: Claro Russo, R. Abade
Faria, 2-A (T. 92152375). Até
às 22 horas; **RINCHOA:** Car-
galeiro Lourenço, C. da Rin-
choa, 38 (T. 9262006). Até às
22 horas; **SINTRA:** Teresa
Garcia, L. D. Afonso, 3-A (T.
9232747). Permanente; **CO-**
LARES: Abreja (T.
9290088).

Outra Farmácias -

MOSCAVIDE: Império, R.
1.º de Maio, 48-A (T.
2513234). Permanente; **SA-**
CAVEM: Maria, R. Salvador
Allende, lote 2 (T. 2514369).
Permanente; **LOURES:** Sál-
via, Av. da República, 29 (T.
9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e fe-
riados, matiné às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana,
Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Naza-
ré Fernandes.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 - Tel. 54 43 89

De terça a sexta, às 21.30; sábados e domingos, às
17.00

«ÀS SEIS, O MAIS TARDAR», de Marc Per-
rier. Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes:
Mário Jacques e Vítor Norte.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio - Tel. 37 22 46

Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

«ÁFRICA», de Isabel Medina. Encenação: Luís
Filipe Costa. Cenários: António Loureiro. Intérpre-
tes: Isabel Medina, José Nogueira Ramos e Guilher-
me Filipe.

Sala Garrett

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«FAUSTO, FERNANDO, FRAGMENTOS»,
de Fernando Pessoa. Encenação: Ricardo Pais. Ce-
nários e figurinos: António Emiliano. Luzes: Orlan-
do Worm.

Clube Estefania

R. Alexandre Braga, 24-A - Tel. 53 26 59

De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábados às 18.00; domingos
às 16.00.

«PERVERSOES», de David Mamet. Pela Prótea
(Acção Teatro e Artes). Encenação: Miguel Guil-
herme e José Pedro Gomes. Cenografia e figurinos:
Vera Castro. Selecção musical: João Govern. Dese-
nho e luzes: Paulo Graça.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt - Tel. 73 43 09

De 1 a 16 de Abril. 3.ª, 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sá-
bado, às 21.30; domingo, às 16.00

Sala Polivalente

«DOUBLAGES», de Jean-Paul Wenzel. Realiza-
ção: Philippe Arlaud e Carlos Pimenta. Música:
Paulo Brandão. Tradução e apoio: Teresa Corte-
Real.

Comuna

P. de Espanha - Tel. 726 08 18

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«OS RECRUTAS», de Neil Simon. Espaço céni-
co e encenação: João Mota. Figurinos: Carlos Pau-
lo. Tradução: Teresa Lacerda. Intérpretes: Abel
Neves, Alfredo Gonçalves, Carlos Paulo, Cunha
Cavalheiro, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo
Ferreira e Victor Soares.

Setubal - Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 - Tel. 22 105

6.ª, às 21.45; sábados e domingos, às 16.00 e 21.45

«UM HOMEM DE SORTE», de Vicente San-
ches. Pelo TAS. Encenação: Carlos Curto. Intér-
pretes: Fernando Correia, Maria Simões, Carlos
Rodrigues, Maria José Sobra, Asdrúbal Teles, Fer-
nando Casaca, Isabel Ganhilho, etc.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A - Tel. 53 85 86

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso.
Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francis-
co Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria
Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Mosteiro dos Jeronimos

P. do Império - Tel. 61 70 20

3.ª, 4.ª, sábado e domingo, às 15.00; 6.ª e sábado,
às 21.30

«LUSITÂNIA», baseado em texto de Gil Vicen-
te. Pelo Grupo de Teatro Persona. Encenação: Gui-
lherme Filipe.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 - Tel. 54 43 89

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às
17.00

«ÀS SEIS O MAIS TARDAR», de Marc Perrier.
Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes: Mário
Jacques e Vítor Norte.

Palco Oriental

C. Duque de Lafões, 78, ao Beato

Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.30

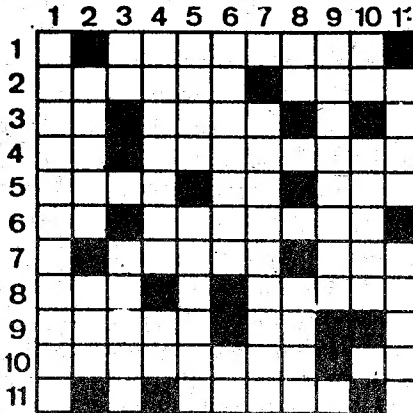
«LUSÍADAS», adaptação do poema de Camões.
Pelo grupo Máscara. Criação colectiva. Música:
Abílio Viegas/Pedro Queiroz. Intérpretes: Pedro
Alpiarça, Pedro Wilson e Rui Pisco. Cantora: Lola.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 441

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Represália.
- Aproximar. Cidade da Arábia antiga (Iémen).
- Antiga unidade monetária da Alemanha. Explodir.
- Palavra latina pela qual come-
çam muitos documentos ponti-
fícios de interesse para Portu-
gal. Despejar.
- Que é da raça dos mus. Berilo
(s.q. e inv.). Doutora.
- Pertences. Malsim (fig.).
- O mesmo que colo (parte do
intestino grosso). Profere.
- Principal deusa das águas na
mitologia finesa. Ateada.
- Líquida contas. Compaixão.
- Vestimenta rústica (pl.). Mil e
cem em romano.
- Tempo do verbo ser. Cidade
de Itália. Artigo definido.



VERTICAIS:

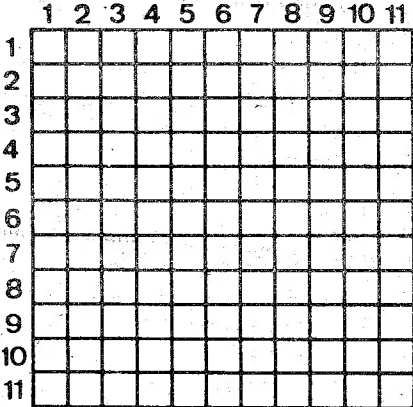
- Macaqueasse.
- Aldeia da Judeia, onde Jesus
Cristo apareceu pela primeira
vez aos seus discípulos, de-
pois da Ressurreição. Sede de
concelho ou julgado (ant.).
- Instrumento musical dos ne-
gros. Bonança.
- Invertido. Contracção da pre-
posição de com artigo.
- Ninhos. Aclamara (fig.).
- Fragmento de ramo de árvore.
Reis.
- Rajadas de vento (pl.).
- Nosso Senhor. Costurei.
- Compaixão.
- Prefixo que designa afasta-
mento. Elevação do tom.
- Rã (pop.). Que tem olhos
azuis-claros.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 628

HORIZONTAIS:

- Berilo (s.q.). Costumes. Du-
zentos em romano.
- Lavrai. Falsificar.
- Ofereceis. Galanteio.
- Abranda. Nota musical.
- Rénio (s.q.). Cidade de Itália.
- Verbal. O mesmo que acarre-
ta.
- Variedade de feijão em Mo-
cambique. Desbastar.
- Acreditais.
- Trate por tu. Suspiros. Mulo.
- Plantas dos pés. Preposição.
- Solitários. Pertences. Época.



VERTICAIS:

- Cidade fortificada de Espa-
nha. Campeão.
- Estavam. Pegadas.
- Gemeram. Grito (Bras.).
- Confusão (pl.).
- Estado da Europa Setentrional
ao Norte da Alemanha.
- Gosta muito de. Levantarias.
- Fingires.
- Porco. Pernadas de sobreiro.
Cério (s.q.).
- Imperatriz do México. Maior.
- Planta têxtil do Ceará. Orde-
na.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 440

HORIZONTAIS:

- AO. MELHOR.
- Malícia. Ube.
- Asa. Amora.
- Rima. Rena.
- Aspas. CND.
- Ar. Cão.
- Garças. SC.
- Ati. Ícaro.
- Lena. Acampa.
- Alepo.
- Ossadas. Kan.

VERTICAIS:

- Amara. GALGO.
- Oásis. Até.
- Lamparinas.
- Má. Aaro. Ala.
- Eta. Af. ED.
- Lima. ESCAPA.
- Hão. Aços.
- Rançara.
- Ruanda. Omsk.
- Os. A.
- LEBRE. Chain.

PROVÉRBO: Ao melhor galgo
escapa a lebre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 627

HORIZONTAIS:

- De. Dama.
- Dormiras.
- Moir. Orna.
- Arnal. Amais.
- Sai. At.
- Ciarlam. Arc.
- Os. Ero. Er.
- Er. Datas. Im.
- Romãs. Ura.
- Aros. Coaras.

VERTICAIS:

- Damasco. Era.
- Orais. Ror.
- Dínia. Mo.
- Dora. Rendas.
- Aral. Irias.
- Mm. Cão.
7. Af. Saio.
- Roma. Pás.
9. Pirata. UR!!
- ANI. Revira.
- Asas. Cromas.

Antena Um
Desdobramento em Onda Média-Emissoras do Litoral Continental e 99.4 em FM-Zona de Lisboa

14.00: O linho e a seda;
15.00: Contraste; 17.00: Antena 1, regiões; 17.15: Porto de abrigo. Noticiários de hora a hora.

Onda Média

14.00: Gerações por minuto;
17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Musical; 20.30: A voz de Roma; 20.45: Musical; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: As cores e as formas;
17.30: Música sinfónica; 18.40: Concerto, para oboé, harpa e orquestra de câmara, de Witold Lutoslawsky; 19.00: Integrais; 19.25: Gravações históricas, reedições em disco compacto; 20.40: Duetos, para órgão, de Gustav Merkel e Johann Christoph Kellner; 21.00: Concerto nocturno; 23.00: Eurorádio; 00.40: Concerto sinfónico; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Não há duas sem três;
17.00: Contacto; 19.00: Peça que a gente passa; 21.00: Pela estrada fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Fantástico; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Topo de gama; 22.00: Pessoal e transmissível; 00.00: Morrison Hotel; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade;
18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Altitude; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

RTP 1

17.25 - Brinca Brincando

«Le Piaf», «As Viagens de Gulliver», «Shagma, e os Mundos Misteriosos» e «As Aventuras do «Bocas».

18.20 - Lugar de Encontro

19.06 - Canções Eurovisão

«Reino Unido, Noruega e Portugal»

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.06 - O Tempo

20.10 - Direito de Antena

«UGT»

20.15 - Falar Português

20.20 - Boletim Agrário

20.30 - Sassaricano

27.º Episódio

21.20 - Vamos Jogar no Totobola

21.35 - Lotação Esgotada

«O Desaparecido»: Charles Hormam, um jovem americano, desaparece durante uma viagem ao Chile. O seu pai, Ed Hormam e a mulher de Charles, Beth decidem ir até aquele país a fim de tentarem obter informações. Surpreendido e chocado, Ed não só descobre um mundo marcado pela repressão e pelo silêncio, como também depara com alguma resistência por parte das autoridades americanas.

Um filme de Costa-Gavras, com Jack Lemmon, Sissy Spacek, Melainie Mayron, John Shea e Charles Cioffi.

Duração: 122 minutos

00.10 - 24 Horas

00.40 - Remate

Inclui: Volta a Espanha em bicicleta

ANTENAS PARABÓLICAS

sinal

Telf. 892945-884650

RTP 2

16.55 - Sinhá Moça

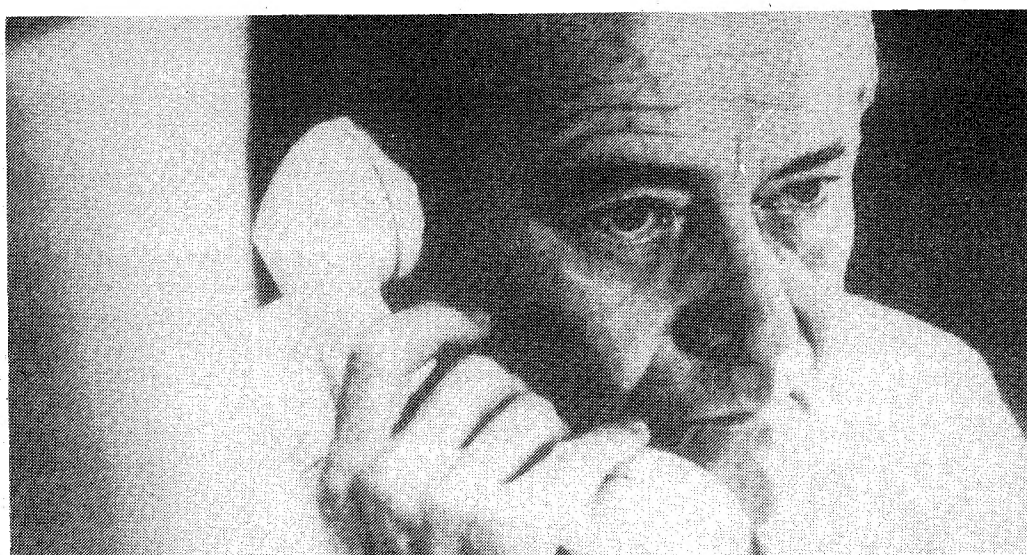
47.º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...

Árq. Troufa Real

18.05 - O Aparecimento do Homem

Último episódio: Há cerca de 10.000 anos atrás,



«O Desaparecido» em Lotação Esgotada, no 1.º canal às 21.35

uma das mudanças fundamentais na história do homem, foi o facto de ele ter deixado de ser um caçador nómada para se fixar e começar uma vida de agricultor. Richard Leakey vai até ao Médio Oriente e ao Perú para visitar os locais onde existiram as primeiras comunidades criadas pelo homem.

19.00 - Music Box

«Chart Attack»

19.55 - Os Intocáveis

Neste episódio Eliot Ness descobre que tem que se defrontar com um grupo de «intocáveis» de contra-espionagem, formado por alguns elementos dos bandos.

20.45 - Cem Grandes Quadros

21.00 - Jornal das Nove

21.25 - Especial Desporto

23.30 - Música N'América

Apresentação de Jaime Fernandes, seguida de espectáculo do guitarrista cantor, Chet Atkins, com convidados especiais, onde se destaca Mark Knopelsu dos Dire Straits.



No 2.º canal às 16.55, o 47.º episódio da telenovela «Sinhá Moça»

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - S.A.J. Serviço de Auxílio aos Jovens
14.40 - Os Anos Não Contam
15.05 - Neil Young
16.05 - Os Roberts
16.30 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - Lugar de Encontro
19.20 - Canções Eurovisão
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Falar Português
20.12 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricano
21.15 - Os Heróis da Esquadrilha
22.20 - Os Contos da Casa
22.50 - Deixem Passar a Música
00.10 - 24 Horas
00.45 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - O Grande Sertão Veredas
16.30 - Lá Em Casa Tudo Bem
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - A Malta de Bronx
19.00 - Music Box
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - Sinais do Tempo
22.55 - Hitchcock Apresenta...
23.20 - Magazine de Música

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

DRAKE

PROGRAMAS DE TODO O MUNDO
AO SEU ALCANCE COM DRAKE/ALCOA
IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS EUA PARA TODO O PAÍS
PREÇOS COMPETITIVOS
DEPARTAMENTO TÉCNICO ESPECIALIZADO
FALE CONNOSCO

TV BABO, LDA.

RUA COELHO NETO, 36
4000 PORTO TEL. 57 15 04



LOEWE.

seleccionou para si...

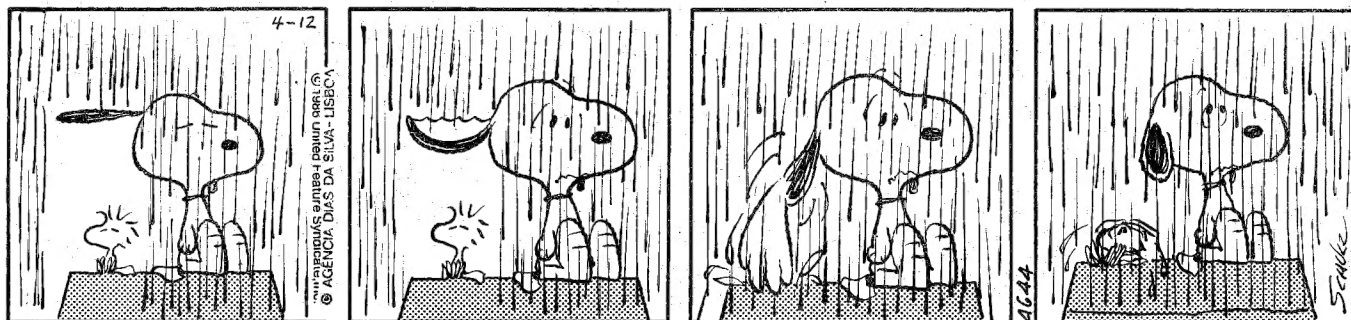


Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003

SGO

LISBOA
Telef. 777824



Impostos: greve fecha repartições por três dias

Os trabalhadores das contribuições e impostos iniciaram hoje uma greve de três dias pela reestruturação da carreira técnica da administração fiscal. As consequências desta paralisação serão sentidas directamente por quem pretenda comprar o selo automóvel ou pagar a contribuição industrial relativa ao tipo A, cujos prazos terminam no final do mês, tal como a greve. Também as cobranças difíceis não serão realizadas.

O Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos (STI) pretende que a Direcção-Geral das Contribuições e Impostos aplique o decreto-lei 265/88, que regulamenta a especificidade de determinadas profissões dentro do regime geral da Função Pública, a todas as categorias da carreira e reorganize os seus serviços distritais.

A revalorização das carreiras auxiliares é outra das reivindicações dos trabalhadores dos impostos.

O STI afirmou em comunicado que «se até ao fim de Maio o Governo não apresentar soluções, serão desencadeadas novas formas de luta em conjunto com os trabalhadores das alfândegas».

A greve abrange todos os serviços da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos e da Direcção-Geral do Tesouro.

Entretanto, o Sindicato dos Trabalhadores da Administração Pública (SINTAP), filiado na UGT, anunciou a sua adesão à greve que os trabalhadores dos impostos estão a realizar.

Universidade de Évora já tem estatutos

A Universidade de Évora aprovou já os seus estatutos no âmbito da Lei da Autonomia das Universidades, numa assembleia especialmente constituída para o efeito, esperando agora a sua homologação superior e respectiva publicação.

A proposta de Estatutos foi apresentada pelo Senado daquela Universidade e o resultado final da sua elaboração apenas registou algumas alterações à redacção inicial, tendo sido aprovado por «unanimidade e aclamação».

Em 1986 foram formalmente instituídos órgãos de governo eleitos na Universidade de Évora que, tendo entrado em funcionamento em 1987, «desde logo se empenharam na criação do quadro de pessoal e na elaboração da estrutura orgânica da Universidade».

LOTARIA POPULAR

1.º - 175436	1 500 000\$00
2.º - 136245	500 000\$00
3.º - 466367	250 000\$00
4.º - 091783	150 000\$00
Terminações em 436	60 000\$00
Terminações em 245	10 000\$00
Terminações em 367	2 500\$00
Terminações em 783	1 000\$00
Terminações em 32, 70, 05 e 14	500\$00

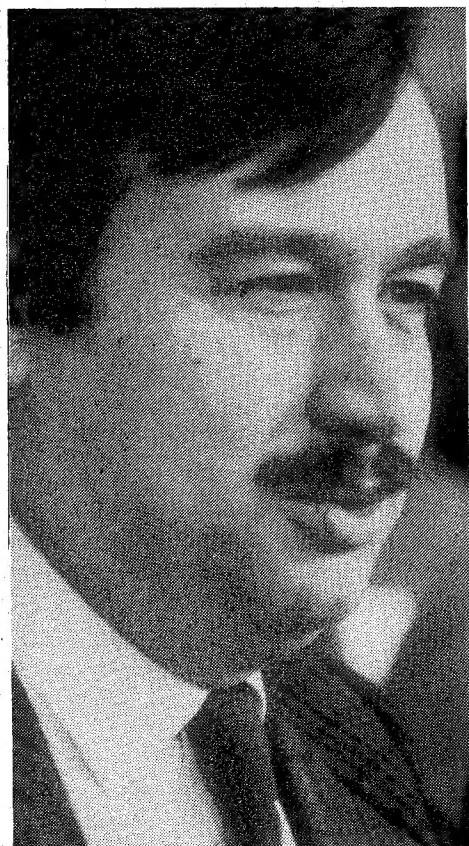
A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

/D/E/C/A/R/A/S/



ANTÓNIO GUTERRES, líder parlamentar do Partido Socialista, anunciou ontem que MÁRIO SOARES, actual Presidente da República, é o (re)candidato natural do seu partido ao cargo, estando desde já garantido o seu apoio nas presidenciais de 1991, dado que nenhum «outro presidente conseguiu tanto consenso como ele», justificou Guterres. «O que será interessante é saber quem é o candidato do PSD porque o do PS já sabemos», acrescentou. Este foi apenas um dos passos de uma entrevista concedida por António Guterres à Lusa, no termo das comemorações do 25 de Abril na secção do PS em Setúbal. Na verdade, ele esclareceu que o PS está na disposição de «dialogar com as outras forças políticas para que num clima de máximo consenso possível se encontre uma solução razoável. Se não se sair do impasse não é por nossa culpa», explicou. Sobre os acontecimentos do dia 21 no Terreiro do Paço, em Lisboa, Guterres anunciou que o PS interrompeu o diálogo com o Governo sobre a questão da sindicalização dos agentes da PSP, por já não se justificar. «O Governo não tem razão para invocar o que se passou na altura do 'bloco central' porque nada fez, durante estes três anos, para assegurar as transformações e a reforma interna na PSP», considerou. O PS não se responsabiliza pelos fracassos da acção do Governo. Conversas acabadas ou para seguirem dentro de momentos?

Machado Macedo no Funchal

O conflito que tem oposto a classe médica ao ministério da Saúde é o tema principal da reunião que o bastonário da Ordem dos Médicos, Machado Macedo, vai ter no Funchal com os médicos da região autónoma da Madeira.

Machado Macedo deslocou-se à Madeira para participar no décimo primeiro Congresso Português de Cardiologia, que hoje começa no Funchal.

Enfermeiros portugueses vão trabalhar para o estrangeiro

Em Portugal, faltam cerca de oito mil enfermeiros mas as condições de contratos à tarefa em que muitos são obrigados a trabalhar tem estado na origem da emigração de vários destes profissionais, informou o Sindicato Independente dos Enfermeiros.

Carlos Francisco, dirigente deste sindicato, afirmou que, em Fevereiro, 44 enfermeiros recém-formados foram trabalhar para Itália, onde lhes eram oferecidas melhores condições sociais e profissionais.

O défice de cerca de oito mil enfermeiros existente em Portugal torna incompreensível a existência de tarefeiros que não beneficiam das mesmas regalias sociais e profissionais que os seus colegas, sublinhou Carlos Francisco.

O Sindicato Independente dos Enfermeiros foi recebido pela ministra da Saúde a quem foi pedir uma solução não só para o problema dos tarefeiros como de outros que afectam a classe, entre eles a integração do ensino de enfermagem no ensino superior, a reforma antecipada e autonomia da classe relativamente aos médicos.

«Há vontade política para resolver os problemas», disse o dirigente do sindicato que exige um ano de bônus a contar para o tempo de serviço por cada 5 anos de actividade, isto porque «a profissão é extremamente desgastante».